



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

DOMENICA DE MELO SILVA

## **Desejo e adolescência: uma perspectiva clínica**

**GOIÂNIA**

**2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### 2. Nome completo do autor

**DOMENICA DE MELO SILVA**

### 3. Título do trabalho

***Desejo e adolescência: uma perspectiva clínica***

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Domenica De Melo Silva, Discente**, em 29/07/2024, às 18:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4703586** e o código CRC **07527829**.

**DOMENICA DE MELO SILVA**

## **Desejo e adolescência: uma perspectiva clínica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Bases históricas, teóricas e políticas da Psicologia

Orientador: Professor Doutor Altair José dos Santos

**GOIÂNIA**

**2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Domenica de Melo  
Desejo e adolescência [manuscrito] : uma perspectiva clínica /  
Domenica de Melo Silva. - 2024.  
138 f.

Orientador: Prof. Dr. Altair José dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.  
Inclui siglas.

1. Desejo. 2. Adolescência. 3. Clínica psicanalítica. 4. Identificação.  
5. Laço social. I. Santos, Altair José dos, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata Nº 12 da sessão de Defesa de Dissertação de **DOMENICA DE MELO SILVA** que confere o título de **Mestra em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **doze dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro (12/07/2024)**, a partir das **15:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**Desejo e adolescência: uma perspectiva clínica**". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. Altair José dos Santos (PPGP/FE/UFG), doutor em **Psicologia Clínica** pela UNB, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Profa. Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski (UFRGS), doutora em Educação pela UFRGS - integrante titular externa e Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli (PPGP/FE/UFG), doutor em **Linguística** pela UNCAMP -integrante titular interno. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Altair José dos Santos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Altair José dos Santos

Profa. Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski

Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 26/07/2024, às 19:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristovao Giovani Burgarelli, Professor do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4663993** e o código CRC **FD988278**.



Dedico esse trabalho aos amores da minha vida, que em algum momento se fizeram casa, estrutura, lar. Aos amores do passado que compõem a história que vive em mim, aos do presente que sustentam minha existência e aos do futuro que me impulsionam a caminhar para (re)encontrá-los, porque esses, como os Outros, para produzirem desejo, precisam faltar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Goiás e à Faculdade de Educação que fizeram e fazem parte da minha trajetória educacional, profissional e pessoal, pelas oportunidades e aberturas que me lançaram em terrenos nunca antes imaginados. Aos professores que souberam transmitir seu conhecimento para além da sala de aula e me engajaram na constante procura por respostas que suscitam novas perguntas. Aos que me afetaram, me provocaram e contagiaram com a arte da psicanálise e a sabedoria do não-saber. Ao Centro de Psicologia por ter sido o primeiro lugar/casa onde pude desenvolver minha escuta e construir minha clínica. Ao CEPEA e todo o grupo de alunos, profissionais e colaboradores, outra casa que se tornou uma família, cujas trocas valiosas suscitaram os questionamentos que possibilitaram essa pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Altair José dos Santos, que acompanhou minha formação desde os primeiros tímidos textos escritos e as palavras proferidas, cuja escuta, convocação, orientação, supervisão e sobretudo, o carinho e respeito foram estruturantes na minha travessia. Mais do que um orientador ele foi um pai, presente mesmo na ausência soube respeitar o meu tempo, meu espaço, minhas escolhas, mesmo sem concordar com algumas delas. Acreditou quando eu desacreditei, continuou segurando minha mão e não me deixou desistir, sempre me instigando e fazendo acreditar que posso ocupar outras posições. Sua transmissão me acompanha na clínica, na escrita e na vida.

Agradeço à professora Dra. Márcia Maesso e ao professor Dr. Giovani Burgarelli pelo acolhimento e pela leitura crítica e cuidadosa na qualificação, pelas valiosas orientações e legitimações que ampliaram meu olhar e ressoaram num só depois, fazendo com que eu me autorizasse por mim mesma.

Agradeço também à professora Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski por aceitar compor a banca de defesa, de modo a contribuir com sua experiência e escuta acerca dos aspectos clínicos e sociais que tangem a adolescência, na interface entre psicanálise e cultura.

Meus agradecimentos aos meus pares e amigos, com quem compartilho o dia a dia na clínica, dividindo o amor, os incômodos, fazendo construções e transmissões. Sem eles eu incorreria no risco de fazê-la de forma solitária. Em especial agradeço à minha amiga/irmã Cínthya Gomes pela paciência, parceria e apoio ao longo do caminho.

Agradeço a minha primeira analista Carolina Adorno Rosa, com quem estive por dez anos. Foi ela que me ensinou que o amor não precisa ser violento ao ponto de machucar, mas pode

ser gentil e amável ao ponto de curar. Sinto saudades de seu abraço, sua voz e seu perfume. Só estou aqui hoje porque já estive lá. Foi quando me deitei em seu divã que fiquei de pé.

Agradeço também ao meu analista atual Igor Siqueira, que vem escutando minhas confissões de adolescência nessa passagem que aqui se faz e pelas orientações atentas de casos clínicos.

Meu agradecimento a cada analisante, em corpo adolescente ou não, pela confiança, pela aposta, pela presença, pelo (re)encontro, e por me permitirem escutar e acompanhar a escrita de tantas vidas. À clínica psicanalítica como um todo, por me ensinar sobre chegadas e partidas, perder e deixar ir, ser casa, ou pouso, transmitir meu amor faltoso e receber a transmissão de tantos desejos em forma de palavras. Nessa casa/escola aprendo o valor da experiência, cujo teto a teoria não alcança. Ela me cura todos os dias, em doses homeopáticas de pulção de vida.

Agradeço a minha família, que suportou minha ausência, minhas faltas e que mesmo de longe sempre esteve presente, desejando que eu alcançasse meus objetivos. Em especial a minha mãe Dagma Melo, agradeço por ter me apresentado o universo Psi desde muito cedo e pelos inúmeros livros compartilhados. Ao meu avô Antônio de Melo que partiu recentemente, por ter me ajudado mesmo sem saber a integrar meus lutos e fazer algumas finalizações, abrindo lugar para o novo que ainda desconheço.

Ao meu sempre companheiro de vida e de jornada, Erick Mendes, com quem compartilhei a adolescência e a passagem para a vida adulta, pelo apoio ainda que atrapalhado, por me dar estrutura mesmo que não tivesse, por ter sido minha casa durante tantos anos e por me ajudar a compreender e aceitar que é possível (e necessário) amar na falta.

Sobretudo agradeço a meus filhos Breno Jorge e Théo Antônio por me fazerem *constru-ir* pra poder voltar, por me ensinarem sobre presença e ausência e sobre as ambiguidades do amor. Por me permitirem uma transmissão com restos, de uma mãe faltosa e desejosa, que mesmo em sua impotência tem o poder de curar dodói com beijinho.

*A vida é uma constante oscilação entre  
a ânsia de ter e o tédio de possuir.*

*(Arthur Schopenhauer)*

## RESUMO

Silva, D. M. (2024). **Desejo e adolescência: uma perspectiva clínica.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.

A pesquisa tem o desejo como fio condutor a partir da clínica psicanalítica com adolescentes. Busca responder qual a relação do processo identificatório com a assunção do desejo no trabalho de atravessamento psíquico da adolescência. Trata-se de um estudo crítico, que aborda os elementos de conteúdo histórico, social e político presentes nesse processo. O referencial teórico da Psicanálise freudiana e lacaniana, assim como seus intercessores, é utilizado para trabalhar as categorias adolescência e desejo no contexto da Modernidade. Utilizou-se o método psicanalítico, que consiste em um trabalho clínico de pesquisa no qual o tratamento é baseado e sustentado pela pesquisa acerca da experiência de cada sujeito inserido no laço social, considerado como laço discursivo. Pretende aproximar os fenômenos clínicos e sociais, na articulação entre indivíduo e sociedade, subjetividade e cultura. Parte da concepção de adolescência como ideal cultural contemporâneo, com dinâmicas de identificação que apontam para o imperativo de bem-estar, plenitude e felicidade, atributos buscados por sujeitos de todas as idades, acarretando em uma dilatação do tempo dessa operação psíquica. A construção de um ideal de eu impossível de ser alcançado mantém o desejo alienado ao desejo do Outro, pela via dos discursos. Nesta perspectiva, a ética psicanalítica é trazida como alternativa, por se pautar no desejo e na singularidade, ao colocar a falta como necessária para o acesso à verdade, sempre fictícia, do sujeito do inconsciente. O fenômeno da transferência é apontado como motor e suporte estruturante dentro do processo analítico ao operar nos três registros, no simbólico pela via da palavra, no real pelo furo no discurso e no imaginário pela identificação. Espaço de construção e precipitação de subjetividade desejante, propicia simbolização, mudança no sentido, nos discursos e a travessia no plano das identificações. O desejo do analista aparece em sua dupla função, de objeto *a*, causa de desejo e objeto da pulsão, conduzindo o sujeito a articulação do desejo. A atualização de conteúdos inconscientes na figura do analista funciona como um novo laço, um novo amor, o amor de transferência, que tem em sua base a transmissão da falta, a falta de saber e a falta de objeto para o desejo. Uma relação de amor como significação, que propicia deslizamentos de sentido do ideal, além de uma possível mudança de posição do sujeito, do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo.

**Palavras-chave:** desejo; adolescência; clínica psicanalítica; identificação; laço social

## ABSTRACT

Silva, D. M. (2024). **Desire and adolescence: a clinical perspective.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.

The research has desire as a guiding thread based on the psychoanalytic clinic with adolescents. It seeks to answer the relationship between the identification process and the assumption of desire in the work of psychically crossing adolescence. This is a critical study, which addresses the elements of historical, social and political content present in this process. The theoretical framework of Freudian and Lacanian Psychoanalysis, as well as its intercessors, is used to work on the categories of adolescence and desire in the context of Modernity. The psychoanalytic method was used, which consists of clinical research work in which the treatment is based and supported by research into the experience of each subject inserted in the social bond, considered as a discursive bond. It aims to bring clinical and social phenomena closer together, in the articulation between individual and society, subjectivity and culture. It starts from the conception of adolescence as a contemporary cultural ideal, with dynamics of identification pointing to the imperative of well-being, fulfillment and happiness, attributes sought by individuals of all ages, resulting in a time extension of this psychic operation. The construction of an ideal self that is impossible to achieve keeps desire alienated from the desire of the Other, through discourses. From this perspective, psychoanalytic ethics is brought as an alternative, as it is based on desire and singularity, by placing lack as necessary for access to the truth, always fictitious, of the subject of the unconscious. The phenomenon of transference is pointed out as a driving force and structuring support within the analytical process, operating in the three registers: in the symbolic through the word, in the real through the hole in the discourse and in the imaginary through identification. A space for the construction and precipitation of desiring subjectivity, it provides symbolization, change in meaning, in discourses and the crossing of the plane of identifications. The analyst's desire appears in its double function, as object a, cause of desire and object of the drive, leading the subject to the articulation of desire. The actualization of unconscious contents in the figure of the analyst functions as a new bond, a new love, the love of transference, which has at its base the transmission of lack, the lack of knowledge and the lack of an object for desire. A relationship of love as meaning, which allows for slippages in the meaning of the ideal, in addition to a possible change in the subject's position, from the desire for recognition to the recognition of desire.

**Keywords:** desire; adolescence; psychoanalytic clinic; identification; social bond

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO - Instante de Olhar.....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO - Tempo para compreender.....</b>	<b>19</b>
Referencial teórico.....	19
Objetivo.....	22
Objetivos específicos.....	22
Justificativa.....	26
Metodologia.....	27
<b>Método Psicanalítico - O trabalho clínico de pesquisa em Psicanálise</b>	
A questão do sujeito: Epistemologia e Psicanálise.....	30
Do sujeito filosófico ao moderno.....	32
Relação pesquisa e clínica psicanalítica: a questão do método.....	34
<b>CAPÍTULO 1 - ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE</b>	
1.1 - Adolescência X Puberdade.....	39
1.2 - Aspectos históricos.....	40
1.3 - Adolescência como ideal cultural.....	43
<b>CAPÍTULO 2 - ADOLESCÊNCIA E SUBJETIVIDADE</b>	
2.1 - Subjetividade e Cultura.....	46
2.2 - A constituição do sujeito.....	52
2.2.1 - A ordem significante.....	54
2.2.2 - Alienação e separação.....	55
2.2.3 - Os tempos do sujeito - O significante Falo.....	59

2.3 - O processo identificatório na adolescência.....	66
2.4 - Trans(formações) no espelho - Narciso e o corpo em(cena).....	73
2.5 - A estruturação dos mitos - do coletivo ao individual.....	79
 <b>CAPÍTULO 3 - A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES</b>	
3.1 - Clínica implicada com questões contemporâneas: a ética do desejo.....	85
3.1.1 - Teoria dos discursos - passagem da linguagem para o discurso.....	85
3.1.2 - O Discurso psicanalítico e sua trans(missão).....	89
3.1.3 - O desejo é po-ético: o desejo do analista.....	90
3.2 - Contexto clínico: Entre a demanda e o desejo.....	93
3.2.1 - A clínica com adolescentes ou o adolescente na clínica.....	93
3.2.2 - A problemática do desejo.....	101
3.2.3 - Desejo X <i>de(manda)</i> .....	103
3.2.4 - O labirinto do Minotauro.....	106
3.3 - A Transferência: via de amor?.....	109
3.3.1 - Amor, estranho amor.....	109
3.3.2 - O amor de transferência.....	111
3.3.3 - A dialética entre amor e desejo.....	116
Fragmento clínico - Notas sobre o amor.....	122
<b>Momento de concluir</b> .....	123
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	134

## APRESENTAÇÃO - Instante de olhar

*Nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido nesse tecido - nessa textura - o sujeito desfaz-se, como uma aranha que se dissolve a si própria nas secreções construtivas da sua teia.*

*(Roland Barthes)*

A clínica psicanalítica me é muito cara. Vale o preço do meu desejo, de vê-lo se movimentando. Escolhi falar nessa perspectiva, pois é para onde meu desejo aponta e nesse sentido tenho feito altos investimentos. A vida se tornou um eterno pêndulo entre dividendos e rendimentos, alienações e separações, basculando meu desejo. Vou tratar aqui do desejo (lê-se aposta) de que algo aconteça, e daquele outro (através do Outro) que me atravessa de dentro das entranhas. O desejo de vir-a-ser, me pôr no mundo, me parir, depois de tantas gestações interrompidas, deixar nascer o bebê arco-íris em forma de texto, parindo palavras. Ter um lugar de fala, libertar as palavras presas e reescrevê-las com meu próprio punho, com minha letra, com minha verdade não-toda, sem nenhuma garantia.

Apostei quando escolhi a clínica para meu estágio “final” do curso de Psicologia. Não sabia que seria na verdade um (re)começo, um corte em tudo que estava posto. Estava fisgada pela Psicanálise e aquele seria um caminho sem volta. Se tem algo que meu percurso de análise me ensinou foi a escutar, a me escutar, mais e melhor. A possibilidade de escolher onde queria escutar e fazer uso disso também se abriu. Ganhei muito nessa aposta, muitos rendimentos, decidi apostar novamente. Apostei quando fiz meu trabalho de conclusão de curso sobre "O sintoma na clínica do sujeito". Eu falava como quem acabara de tirar a venda dos olhos e queria enxergar tudo, queria ver mais, além, sustentando novas dúvidas e perdendo certezas duvidosas. Falava como pesquisadora, mas pensava e sentia também como analisanda, do lugar de quem está de um lado da via tentando atravessar.

A partir daí os dividendos (ou as alienações, outras escolhas forçadas) começaram a pesar. Fiquei como tábua de tiro ao alvo, completamente esburacada, e percebi que era ali, a partir daquela hiância que precisaria me engendrar para fazer algumas separações. Escolhi pela falta, a única forma de sobre(viver). Tive então o maior de todos os ganhos até hoje, abrir mão de alguns ideais. Tem sido um trabalho árduo e constante, pois como diziam alguns... Sou apegada. Não pude (não quis?) investir muito na clínica por um tempo. Haviam

outros investimentos pessoais mais urgentes e com lucro certo, diziam Outros. Nesses me arrisco a dizer que tenho sido uma boa investidora, pois tenho ganhado perdendo e perdendo ganhando.

Comecei a investir de forma cautelosa quando iniciei uma formação em psicanálise e decidi escutar mais, em diferentes contextos. Investi no contexto da clínica com adolescentes por meio do projeto de extensão "Subjetividade adolescente", realizado no Centro de estudos e pesquisa do adolescente (CEPEA-UFG) no ano de 2017. Ancorado nos três pilares do processo de ensino aprendizagem: ensino, pesquisa e extensão, o projeto promoveu atendimento clínico, ações sociais e culturais direcionadas a adolescentes de baixa renda e suas famílias. Além de formação profissional com grupos de estudo, pesquisas, orientação e supervisão clínica, suas ações se pautaram também na transmissão da psicanálise, da intenção à extensão, de forma a aproximar o público e o privado, indivíduo e sociedade, teoria e clínica psicanalítica no contexto institucional.

Não sabia que esse seria um divisor de águas no meu trajeto profissional, pois foi a partir dessa escuta que surgiram as inquietações que levaram ao problema desta pesquisa. A entrada nesse campo me despertou incômodos sobre questões que se colocavam na prática clínica. Ao mesmo tempo surgia o desejo de construção e elaboração acerca desses atravessamentos. Decidi então apostar mais alto ao entrar no mestrado. Minha entrada se deu pela escrita de um memorial acadêmico. Eu poderia falar sobre meu percurso, com minhas palavras. Queria falar da minha experiência, de tudo que havia vivenciado (e desconfiado) nesse tempo, não o do relógio, mas um tempo outro, tão singular a mim, e aos ouvidos que comportam minha escuta.

A clínica psicanalítica é mesmo uma clínica da separação, mas por que ela se dá de forma tardia para alguns sujeitos? Me dei conta que chegavam na clínica muitos adolescentes em corpos adultos, e que não se tratava de idade, mas de tempos, de qualquer (suposto) sujeito falante. Os conflitos em torno da sexualidade, do desejo e da escolha de objeto, assim como o aprisionamento nos ideais sociais e familiares, nas idealizações e identificações pareciam se manter ou retornar diante de algum impasse.

A suspeita quanto à conclusão do processo da adolescência como atravessamento psíquico me fez buscar subsídios teóricos que pensassem a clínica para além da questão edipiana ou de estruturas. Surgiram aí novos questionamentos e hipóteses. Tratava-se de uma passagem para a vida adulta? Quando isso acontecia de fato? Mas o que era mesmo ser adulto?

A dimensão dos não-ditos chamava atenção nos enunciados. Era preciso dizer! E me pus a escutar. Os discursos e construções sociais próprias da contemporaneidade chegavam na clínica por meio dos enunciados como discurso do Outro, condicionando as demandas e alienando o desejo. Sujeitos em conflito e sofrimento por tentar alcançar um ideal de eu construído a partir de ideais sociais que impõe autonomia e felicidade, mas ao mesmo tempo infantilizam e aprisionam o sujeito no lugar de objeto de desejo para gozo do Outro, e de toda uma cultura. Meu olhar de investigadora e minha escuta clínica passaram a operar na tentativa de compreender a posição na estruturação imaginária que o adolescente ocupa, assim como as questões identificatórias presentes no laço social que contribuem para a dilatação do processo da adolescência e adiamento de seu fim.

Diante desse contexto, o acesso ao desejo se colocou como principal questão. Me propus então a falar de desejo como enigma e impasse que se colocava a todo momento na escuta clínica, censurado em sua verdade, alienado e (re)conhecido somente pelo desejo do Outro. De que se tratava afinal? Busquei compreender a forma e o caminho para acessar o desejo a partir da clínica com adolescentes, objeto de estudo dessa pesquisa. Até que ponto isso seria possível para além da demanda e da necessidade? Haveria a possibilidade de uma reelaboração em torno da esfera narcísica através do processo analítico? Coloquei em suspenso tais questionamentos como abertura para pensar possíveis caminhos.

Uma das hipóteses levantadas foi sobre o papel da transferência como suporte na sustentação de processos ao operar no campo simbólico, no imaginário e no real. Uma via de amor, o amor de transferência presente no processo analítico. O re(encontro) que amor(tece) o encontro do real, como possibilidade para a regulação ou mudança na estruturação da função imaginária. Uma inclinação no espelho, de modo a provocar deslocamentos no sentido do ideal, do ideal de eu como norteador da identificação presente na transferência. Ser olhado, ser visto, mais ainda, ser escutado pelo Outro.

Outra hipótese foi sobre a função da palavra como busca de reconhecimento de uma verdade subjetiva e o lugar do analista como testemunha da experiência singular. Uma validação estruturante que por meio da ética psicanalítica, a ética do desejo, opera produzindo efeitos de corte no discurso e furo no sentido, convocando e conduzindo o sujeito a articular o desejo.

Esse trabalho trata de uma possível travessia. Não aquela com começo, meio e fim, na qual sabe-se de antemão de onde se parte e para onde se vai. Nesta, por sua vez, o que interessa é o percurso, o caminhar, perder-se para poder ir achando, fazendo aberturas e sustentando a pergunta.

Me posiciono aqui não como adulto, que acha que sabe e se apega em certezas, verdades mentirosas, para não correr o risco de errar, mas como o adolescente que se rebela, transgride a lei, trai a tradição para fazer emergir o novo, com uma leitura e escrita histórica que questiona o mestre, destitui, e aposta no não saber. Como diria Frank Zappa “Sem se desviar da norma, não se pode fazer progresso”. Falo como pesquisadora, que investiga, questiona e procura. Falo também do lugar de analista, de rebotalho, de resto, que faz semblante de objeto *a*, e que com sua ética sustentada pelo desejo tenta transmitir o intransmissível. Falo desse lugar que me autorizei a ocupar, no qual se quer saber mais, sustentando a radicalidade do não saber. Afinal, o que é a escuta senão o incômodo diante da palavra?

Penso que escrever, assim como escutar, são atos políticos, formas de laço e de acesso ao outro. Escrever sobre adolescência e desejo na contemporaneidade, a partir da clínica psicanalítica como espaço simbólico de construção e precipitação de subjetividade, é apostar na materialidade da palavra em sua dimensão histórica, social e política, como possibilidade de elaboração e criação. Se “Falar é existir absolutamente para o outro (...) é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p. 33), sigo falando e escrevendo como forma de existir e legitimar existências com minha escuta

## INTRODUÇÃO - Tempo para compreender

Desejo é furo, é fenda, é falha no/do discurso? O umbigo do sonho, o buraco aberto, a boca que não quer calar. Onde as palavras vacilam, insistem, dançam, tentam caber, sem se acomodar. É sempre uma busca, na qual vai-se perdendo, e pelas brechas do caminho vai se achando. Novos caminhos, novos desejos, desejos de mais desejo. Se o aparelho psíquico se movimenta pelo desejo é ele que nos torna viventes. Mas de nada sabemos sobre o desejo somente pelo ato de desejar. Desejo, logo sou. A pulsão busca satisfação e desejo realização. Se juntarmos a duas temos um constante busca por algo que nunca poderá ser satisfeito, mas que ainda assim, continua a insistir.

Lacan (1964, p. 225) conceitua o desejo como “fenômeno nodal do ser humano”. Parte do desejo indestrutível freudiano, que escapa ao tempo e que por isso só pode ser dialetizado do lugar de objeto que falta. A função do desejo é apresentada como uma falta a ser, algo da ordem do não nascido, impossível de compreender pela razão, inalisável como o inconsciente. O dinamismo do inconsciente se manifesta assim no corte no sujeito, o que aponta para os limites do desejo. Sobra na função da causa uma certa hiância como função ontológica do inconsciente, que não é nem ser nem não ser, mas algo do não realizado. É a partir desse centro incógnito, por onde a neurose se conforma a um real indeterminado, que o desejo, também indeterminado, assim como o sujeito, se produz como um achado.

A problemática do desejo é o fio condutor que sustenta e opera na clínica psicanalítica. Como poderia o sujeito chegar na clínica senão pelo desejo? O sujeito chega na clínica pelo sofrimento advindo do sintoma. Este responde a um conflito que tem em sua base o desejo escondido, recalcado, insuportável.

O sujeito chega na clínica também quando há um confronto com o significante primordial, com o Outro, e com uma posição de se assujeitar a ele. Quando algo se quebra, se perde, se vai. Pela hiância que precipita um fim, um fim que antecede outro começo. O sujeito chega na clínica pela falta. A ele falta algo que nunca teve. É em nome de se haver com essa falta que o sujeito fica. Por meio de um amor que comporta a falta, ele permanece no trabalho analítico e trabalha. E é também por meio dela que o sujeito se autoriza para o novo, finaliza seus lutos, faz passagens, tem seu passe para ocupar outros lugares, outros desejos.

O desejo passa pela alienação ao circuito da demanda do Outro pela ordem dos discursos, do Outro e de tantos outros que se travestem deste. Passa, mas não pode ficar. Há um caminho de separação a ser feito, processo que, assim como a alienação, é constitutivo do

sujeito. A passagem do desejo de reconhecimento para o reconhecimento do desejo passa pela “relação de ser com a falta” (Lacan, 1954-1955). A falta de resposta sobre o enigma do Outro, a falta de objeto para que o desejo possa se situar, se fazer reconhecer, não mais como desejo do Outro, mas além. Qual seria então a solução para a problemática do desejo na adolescência? Há uma solução? Como se dá sua assunção?

A adolescência tal qual proposta no presente estudo não se resume aos processos de maturação da puberdade, com tempo e idade específicos, mas como um processo de atravessamento psíquico singular a cada sujeito. Trata-se de mudanças subjetivas presentes e necessárias frente à metamorfose vivida. *Trans-forma-ções* no corpo, enquanto linguagem e história, e no psiquismo, enquanto constituição e organização subjetiva, seus efeitos e possibilidades discursivas. Formações que ocorrem através e além do corpo físico, que comportam e impelem novas formas e ações psíquicas no sujeito pulsional, libidinal e narcísico.

A adolescência entendida como fenômeno psicossocial próprio da Modernidade configura um processo construído histórica e socialmente para atender as demandas de um ideal cultural narcísico pautado na promessa de autonomia, felicidade, realização e plenitude. As transformações subjetivas vivenciadas nessa fase de desenvolvimento são atravessadas pela exigência de corresponder a esses ideais, que tem como ponto de partida o discurso do Outro que insere o sujeito no laço social pela ordem simbólica, advinda da linguagem.

A transmissão da cultura pela via do discurso oferece as coordenadas e significações que sustentam o sujeito, que busca pertencimento e reconhecimento para existir. Alguns não ditos, lacunas e equívocos podem surgir na transmissão de valores, da história, do lugar no laço, da falta, eliminando a dimensão da alteridade e o acesso ao desejo. Considerar os laços sociais como laços discursivos infere a influência mútua entre indivíduo e sociedade, observada nos efeitos do atravessamento dos discursos e suas implicações no campo das identificações e do desejo. A identificação considerada como meio de inserção e sustentação do sujeito no grupo, na cultura, no campo do Outro, aproxima o psíquico e o social como instâncias que não podem ser pensadas separadamente. Dessa forma, aproximar o campo individual ao social permite articular os fenômenos clínicos com as práticas sociais próprias do contexto do tempo.

A passagem da cena familiar à cena social pressupõe um universo potencial. Colocar-se e conectar-se com o mundo, encontrar sentido, descobrir quem é e quem quer ser são algumas das tarefas importantes do desenvolvimento da adolescência. Nesse sentido, o desejo e o desenvolvimento de novas experiências estão ligados à procura de identidade e de

autonomia para realizar as próprias escolhas. Podem surgir sentimentos como insegurança, ansiedade, medo e frustração diante de importantes escolhas de vida que precisam ser feitas no âmbito da sexualidade, relacionamentos e responsabilidades. Sabe-se que o sujeito do inconsciente é atemporal, o que possibilita que esse processo de reestruturação e precipitação da subjetividade seja possível em qualquer fase da vida.

A adolescência é um dos muitos processos psíquicos pelos quais todos passam, e como todos, para dar lugar ao seguinte, ela precisa passar. Para que isso ocorra é necessário um passe no sentido etimológico e também psicanalítico do termo, como uma autorização concedida, que tem o poder de permitir não um fim, mas uma passagem de um tempo a outro, outro momento, outra nova (ida)de, no qual se estabelece uma nova relação com o tempo pulsional, com o Outro e com o desejo. Uma travessia das angústias, das fantasias, das identificações e dos lutos inerentes às perdas necessárias. Uma permissão que não vem de fora, mas da própria experiência do sujeito na temporalidade de seu processo. Nesse percurso a mudança é a única certeza, a verdade do desejo como uma aspiração e um movimento constante.

Se o desejo é a força capaz de movimentar o aparelho psíquico em direção aos traços mnêmicos das primeiras experiências de satisfação (Freud, 1900), é por esse retorno que seu acesso se dá na transferência, dentro da experiência analítica. Nesse sistema de enganos produtivos, no qual a fantasia fundamental dá lugar à pulsão, pela travessia das identificações e distinção do objeto *a*, causa do desejo, na posição do analista. O desejo se manifesta no encontro da pulsão com a fantasia, ao tentar enlaçar o objeto em perspectiva. O amor começa quando a fantasia acaba, com a queda, porque amar é aprender a perder, para poder encontrar. Nesse momento pode surgir na concepção lacaniana (Lacan, 1964) a significação de um novo amor, um amor sem limites, ou um resto a concluir.

Mas que amor é esse? O amor de transferência. Um amor no qual é possível a transmissão da falta, o furo nos discursos e no sentido, que opera como meio de acesso ao desejo. É necessário se ha(ver) com essa falta, com o vazio, o resto, a hiância chamada desejo e endereçá-lo para outro lugar, outra casa, outra posição, outra forma de amar e viver, outro lugar no mundo. Encontrar a pulsão originária, pulsão viva, para além da fantasia, construindo uma nova relação com o tempo. Essa passagem demanda trabalho, força e deslocamentos no sentido dos ideais, dos significantes e dos discursos presentes no laço social, advindos do Outro da linguagem.

A busca pelo desejo diz também da posição do sujeito na estruturação imaginária, concebida no plano simbólico pela troca com o outro, pela palavra. Nisso consiste a

experiência analítica, uma cura pela palavra, a cura pelo amor. Essa cura não pretende somente a remissão de sintomas, mas dar tratamento à palavra, ressignificando a forma como o sujeito está inserido no mundo. Da história que lhe é contada a história que se escolhe contar, que se escreve, por meio de uma escrita do inconsciente, no tempo e no espaço no qual se produz.

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objeto de estudo a clínica psicanalítica com adolescentes. Buscou-se compreender como se dá o acesso ao desejo na passagem adolescente, de forma a tentar responder qual a relação entre o processo identificatório e a assunção do desejo. Quais os caminhos possíveis e passíveis para o fazer clínico, na escuta, no manejo e na transmissão daquilo que se coloca ao mesmo tempo como imperativo, incógnita e resistência, impedindo ou impulsionando o processo. O desejo como força motriz e como mola da transferência.

A fim de um maior aprofundamento e articulação entre a teoria e a prática clínica fez-se necessário explorar três objetivos específicos. São eles: Contextualizar adolescência enquanto fenômeno da Modernidade; Investigar a constituição subjetiva a partir do processo identificatório; Compreender como as considerações sobre o desejo na psicanálise podem contribuir para a clínica com adolescentes.

O modelo de tempo lógico proposto por Lacan no texto *O tempo lógico e asserção de certeza antecipada* (1966a/1988), foi utilizado para estruturar a pesquisa. Nele a questão do tempo é introduzida como um novo sofisma, um raciocínio para resolver uma função lógica de determinado problema contingente. Apesar de produzir uma ilusão de verdade, o sofisma apresenta uma estrutura inconsistente porque depende de fatores circunstanciais. O que importa são as cadeias narrativas nas quais o sujeito está inserido.

O tempo lógico é dividido em três fases: O instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. O primeiro tempo, o instante de ver diz de um tempo de intuição, no qual o sujeito objetiva algo além do que lhe é oferecido, no que encontra o seu sentido e o seu limite. Esse tempo corresponde ao primeiro momento da pesquisa: a apresentação, tempo no qual é lançado luz ao problema e às inquietações que levaram a ele.

O tempo para compreender é quando ocorre a maior parte do trabalho de elaboração, questionamentos, escolhas e mudanças de caminho. Corresponde ao segundo momento da pesquisa, com o desdobramento dos objetivos específicos em três capítulos nos quais são levantadas dúvidas e hipóteses acerca do problema e do objeto da pesquisa.

O momento de concluir apresenta a decisão, o julgamento da asserção subjetiva, que seria a solução do sofisma. Corresponde ao terceiro momento da pesquisa no qual são

apresentados os resultados encontrados e as considerações finais. Como não é possível pular degraus sem antes ter pisado em cada um deles, vamos por etapas:

No primeiro capítulo, Adolescência e contemporaneidade, o termo adolescência é contextualizado segundo Outeiral (2012) em suas múltiplas dimensões: biológica, psíquica, social e histórica. Considerou-se a concepção freudiana da sexualidade presente desde o início da vida até chegar às transformações e processos da puberdade. Fez-se importante a definição e diferenciação dos termos puberdade e adolescência, processos necessários para a passagem da infância à vida adulta, mas não necessariamente subsequentes.

Em seguida é traçado o contexto histórico do surgimento da adolescência como categoria própria da Modernidade, segundo Ariés (1984) um ideal cultural pautado nos fundamentos de liberdade e autonomia à partir do advento do Liberalismo. Nesse momento, são abordadas as transformações e rupturas no campo social e cultural, assim como a reestruturação em torno da organização familiar com o surgimento da família burguesa. Os imperativos de gozo presentes nos discursos da contemporaneidade abrem o questionamento, com Calligaris (2000), acerca da duração e do fim da adolescência, considerada como processo de atravessamento psíquico.

No segundo capítulo, Adolescência e Subjetividade, os textos culturais freudianos são trazidos para trabalhar conceitos estruturais da teoria. O complexo de Édipo é abarcado por Costa (2010) sob o viés do desejo e da lei acerca da domesticação das pulsões sexuais e agressivas. A relação entre subjetividade e cultura é abordada sob a ótica de um mal estar presente no laço social necessário para o processo civilizatório.

A formulação do conceito de inconsciente nas perspectivas freudiana e laciana é apresentada para chegar ao acontecimento do sujeito, como sujeito do inconsciente e do desejo, pelo corte significativo advindo da entrada na linguagem, com o primeiro significante, unário, o falo. A constituição subjetiva é vista a partir dos três registros ou instâncias psíquicas do sujeito da estrutura - Real, Simbólico e Imaginário, nos diferentes tempos do sujeito na dialética edipiana, da passagem do ser ao ter o falo, momento constitutivo que interfere diretamente na organização psíquica e na precipitação da subjetividade. São abordados também o lugar na dinâmica familiar, no desejo dos pais e o devir do sujeito desejante proposto por Flesher (2012).

Na parte que trata do processo identificatório, os conceitos de mente grupal e grupo psicológico de Le Bon (1855 *apud* Freud 1921), servem de apoio para pensar as identificações presentes no laço social, a articulação entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social e, por fim, a perspectiva da intersubjetividade. A experiência subjetiva é situada

pela influência e efeitos da relação com o Outro, transmissão na qual o sujeito recebe elementos através do grupo e da cultura se apropriando por meio da identificação. No contexto da adolescência destaca-se a busca de outros modelos identificatórios para além da família com base nas idealizações presentes na cultura. Os ideais acerca da parentalidade e o amor narcísico marcado pelas identificações narcísicas próprias da contemporaneidade são aspectos relevantes da discussão.

O Narcisismo é trabalhado a partir do eu corporal, relativo a dimensão imaginária de semelhante pela identificação através da identificação primordial do estágio do espelho. Para além do narcisismo da imagem e do espelho, é trazida a ideia de Soller (2017) de narcisismo do escabelo. Um suporte para o sujeito construir um nome, um lugar, através da regulação do imaginário e, por conseguinte, do ideal de eu, pelas trocas simbólicas com outro humano, nesse caso o analista, como Outro social.

A estruturação dos mitos é tomada para entendimento do processo da adolescência enquanto momento de ruptura, perda ou abandono das figuras parentais para a construção de uma subjetividade emancipatória. Parte do mito coletivo ilustrado por Lévi-Strauss (1975) como forma de amenizar a culpa, ao mito individual do neurótico, suporte para a simbolização, ao elevar o Real ao nível da narrativa na ordem do significante através da fala. A relação entre lei e desejo na estruturação subjetiva vinculada aos Nomes-do-pai é abordada na construção de uma verdade ficcional, própria do sujeito.

O terceiro capítulo, A Clínica Psicanalítica com Adolescentes, trabalha a relação entre desejo e adolescência no que concerne aos aspectos referentes à prática clínica. Os fenômenos clínicos e suas implicações são compreendidos pela ordem dos discursos sociais contemporâneos presentes no laço social. A partir da teoria dos discursos lacaniana propõe-se pensar o lugar do discurso psicanalítico na transmissão da psicanálise em intenção e extensão. A ética psicanalítica como ética do desejo é abordada em sua dupla dimensão: o desejo do sujeito do inconsciente e o desejo do analista em sua práxis, que opera por meio do ato analítico, seus cortes e esvaziamentos de sentido. Ressalta-se ainda com Rosa (2016) o que implica o social presente nos discursos, e o que pode ter de singular no desejo, ligado à fantasia fundamental do sujeito.

O desejo como norteador da pesquisa, é trabalhado a partir das primeiras formulações freudianas até a reformulação lacaniana, ao introduzir a ideia de demanda. É apresentada a diferenciação entre desejo de demanda e sua articulação no trabalho psíquico da adolescência dentro da experiência analítica. De forma a tatear na experiência do dispositivo clínico são ilustrados alguns fragmentos de casos clínicos. Apoiado em Rassial (1999), são trabalhadas

especificidades da clínica com adolescentes acerca da problemática do desejo, passando pelo contexto clínico e suas questões contemporâneas, pelo manejo transferencial com o adolescente e sua família e pelas possíveis posições ocupadas pelo analista.

O lugar do analista como objeto *a* é abordada em sua dupla função: causa de desejo e objeto da pulsão, ao conduzir o sujeito a articular o desejo. É apresentado também o lugar do analista como Outro social, figura de identificação e suporte para uma possível travessia. O circuito do desejo é representado pelo mito do labirinto do Minotauro em analogia à travessia do circuito do Outro, da fantasia, das angústias e identificações, com os lutos inerentes a essa última operação psíquica, a adolescência. A transferência, como via de mão dupla, é ressaltada em sua faceta positiva, como via de amor. Além de servir de instrumentalização teórica e clínica, o amor de transferência na experiência analítica aparece como suporte para o tratamento pela palavra. Uma possível saída no que tange o acesso ao desejo, como uma cura pelo amor. Um amor outro, um novo amor, como construção e significação, modificador de estruturas discursivas na dialética do amor de do desejo.

No momento de concluir é feito um paralelo acerca das finalizações e dos lutos nos processos da adolescência, da análise e da escrita, considerando o tempo lógico, contingente e transindividual. A processo do luto é trabalhado em relação ao desejo enquanto base e importante caminho para o que o tempo de compreender não se estenda demasiado a ponto de adiar ou impedir o passe, a passagem para outro tempo, para asserção subjetiva, para a “solução” do sofisma, nesse caso, para a subjetividade desejante. As considerações finais abrangem os resultados obtidos e as lacunas encontradas do lugar de pesquisadora, analista, analisante e escritora, restos a concluir que ficarão para um só depois.

## Justificativa

A relevância da escrita desse trabalho se dá pelos efeitos de transmissão da psicanálise e do discurso analítico, assim como sua manutenção nos espaços públicos e privados. Além das contribuições na formação do analista, no âmbito pessoal, profissional e social, a transmissão serve como importante ferramenta de ensino da psicanálise tanto entre os pares, quanto no meio externo, seja no campo científico da universidade, nas instituições, nas escolas de formação ou na comunidade. Da psicanálise em intensão à psicanálise em extensão.

A Universidade cumpre um papel em nossa sociedade que transpõe os muros institucionais e processos educativos. Realiza funções sociais ao se interligar com a comunidade, assumindo um compromisso social e político. Segundo Severino (2007, p. 31), “[...] O que se desenrola no interior da Universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver diretamente com os interesses da sociedade”. Nesse contexto, pode-se afirmar que a universidade é responsável também pela formação e transmissão de uma consciência social crítica e formativa, de modo a favorecer a mobilização, promoção, intervenção e transformação social.

A justificativa do tema proposto “desejo e adolescência na perspectiva clínica” se dá no âmbito da necessidade de aproximação da universidade e da sociedade, numa relação horizontal, de troca e construção, não como continuidade, mas meio de se pensar a teoria na prática e a partir dela. Para além do desenvolvimento e transmissão do conhecimento, a transmissão da experiência pela qual este se dá evidencia a importância do diálogo entre a comunidade universitária e o meio social. O importante papel do pesquisador como promotor de transmissão da experiência e não só repetição de teoria, mas também de modo a implicar, estimular, despertar, engajar e abrir questionamentos.

Segundo Santos (2022, p. 109) “A psicanálise constitui um dos vários campos epistemológicos que se propõe a dar conta do sujeito adolescente, tanto na perspectiva do tempo de constituição do sujeito, quanto pelos efeitos da cultura no aparelho psíquico”. (p. 109) Longe de querer pagar essa conta, essa dívida, o lugar do discurso psicanalítico acerca da passagem adolescente e sua relação com o desejo contribui para abrir novos sentidos para pensar esse fenômeno moderno, seus impasses e possíveis saídas para problemas adjacentes.

A atuação, participação e compromisso da psicanálise como ciência, teoria e método, com seus pressupostos epistemológico e suas particularidades referentes à clínica com

adolescentes sustentada dialeticamente com a cultura, cumpre aqui o papel de ponte e facilitadora para o diálogo e articulação entre a universidade e o campo social. Contribui dessa forma para a construção de múltiplos saberes que estão em constante transformação, colaborando para a compreensão dos fenômenos sociais e clínicos, enquanto processos contínuos e interligados, que acompanham a sociedade e seu tempo.

## **Metodologia**

No desenrolar desta pesquisa, a escolha metodológica se deu em decorrência do desejo de lançar luz ao objeto de estudo, a clínica com adolescentes, sob o viés do referencial teórico da Psicanálise, considerando nesse campo de saber a presença do inconsciente como uma linguagem, uma trama discursiva passível de ser revisitada, recontada e reescrita. A história da Psicanálise nos mostra os caminhos percorridos por Freud na construção da teoria a partir da experiência vivida na clínica, por meio da escrita dos casos clínicos, onde apareciam suas suposições, hipóteses, equívocos e inquietações.

O caminho metodológico escolhido teve como base o arcabouço teórico freudiano e lacaniano, assim como seus intercessores contemporâneos que abordam as categorias: clínica, desejo e adolescência sob o aspecto histórico, social e crítico. Para o entendimento e articulação do problema foram trabalhados os conceitos fundamentais introduzidos por Freud e retomados por Lacan: o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência, aliados a outros não menos importantes e que se tornaram centrais: o narcisismo e a identificação.

Foi adotado o método psicanalítico como método investigativo e de tratamento, que consiste em observar, investigar e interpretar com um olhar clínico (Freud 1893/1977), no qual há um analista como pesquisador, ou um pesquisador analista. O método psicanalítico tem suas peculiaridades acerca da temporalidade. Leva em consideração a o fator atemporal dos processos inconscientes enquanto fenômenos que não estão sujeitos ao tempo cronológico, mas ao tempo lógico, intersubjetivo, cujos efeitos se dão como processos de perda e recuperação da experiência no fazer clínico.

A construção de caso clínico, instrumento utilizado na pesquisa, tem como fundamento o tripé ensino, pesquisa e transmissão da psicanálise. A observação, investigação e interpretação dos dados dependem de um processo de construção sobre um saber que não está dado, e que apresenta limites na apreensão da verdade do objeto, demandando um olhar ativo. Uma análise subjetiva e singular, que aproxima o pesquisador e o sujeito da pesquisa, possibilitando o levantamento de novos problemas e hipóteses. O sujeito aqui em questão é o

sujeito do inconsciente, portanto não coincide com a pessoa, assim como o caso clínico não é o paciente, mas uma construção a partir dos elementos do discurso do sujeito que localiza sua posição na torção do dito ao dizer (Figueiredo, 2004).

Trata-se de uma redução feita pelo analista no lugar de pesquisador, dos restos que ficam do Real impossível da experiência analítica passíveis de uma transmissão. Segundo (Porge 2000, p. 90, *apud* Ferreira & Vorcaro, 2018, p. 54):

[...] faz parte da transmissão da psicanálise refletir sobre a natureza do objeto que se transmite no próprio tempo em que isso se produz. Há na transmissão algo que não o simples registro da passagem de um enunciado, mas um movimento de retorno sobre o que se transmite para apreender o lugar em que situa o sujeito.

Utilizou-se para tanto a práxis psicanalítica, pautada na transversalidade. Nela, o conhecimento teórico se embasa e constrói a partir da realidade e na realidade experienciada, falada e escutada, enquanto tentativa de explicar os fenômenos clínicos e humanos. De acordo com Dunker (2018) o fato do material ser produzido pela escrita de uma fala sob transferência contribui no contexto clínico para o manejo da mesma ao observar a experiência analítica sob essa ótica estrutural. É possível, desta forma, articular a vida psíquica e o laço social contemporâneo, na interlocução entre teoria e clínica, subjetividade e cultura.

Partiu-se do estatuto metapsicológico que o social adquire na teoria psicanalítica, ao considerar a singularidade da experiência de cada sujeito, questão estrutural do ponto de vista psíquico como forma de pensar os discursos e os destinos possíveis para o sujeito de desejo, o *fala-ser*. Segundo Ferreira e Vorcaro (2018, p. 59)

O método clínico torna-se, nessa perspectiva, tributário da consideração de cada caso como constituindo um método próprio de inscrição do sujeito no laço social. A abordagem clínica permitirá, então, os meios para que este sujeito possa decifrar sua modalidade singular de inscrição.

Deste modo, os encontros e desencontros entre teoria e prática visam demonstrar como a instrumentalização teórica serve à clínica com adolescentes e como a prática clínica questiona e movimenta a construção teórica. Questiona também o quê dessa construção pode ser transmitida pela cultura, ao modificar o discurso, do sujeito, do pesquisador, e do leitor da pesquisa.

Diniz e Santos (2016, p. 236) afirmam que “em toda pesquisa há um certo acerto de contas do(a) pesquisador(a) com o seu passado, desde a escolha do objeto a ser pesquisado

até o seu produto”. Para os autores, narrar a construção de uma pesquisa evidencia que a relação com o saber é permeada por elementos inconscientes fantasmáticos que não devem ser desprezados. O pesquisador pode lidar com os aspectos subjetivos que surgem pela escrita de si em forma de diário de bordo ou campo, podendo ser incorporado ao trabalho acadêmico como “narrativa do processo percorrido ao longo da realização da pesquisa” (p. 239). Desta forma, o diário de campo foi utilizado como instrumento para compor parte da fonte de análise da pesquisa. As implicações pessoais, os atravessamentos, deslocamentos e impasses decorrentes puderam ser relativizados, elaborados e incluídos, como parte do processo de investigação e transmissão, tanto no setting clínico quanto fora dele.

## Método Psicanalítico - O trabalho clínico de pesquisa em Psicanálise

*Transmitir é desejar transmitir. Ora, esse desejo vai de encontro ao impossível. Aquele inerente ao desejo de nomear a si mesmo e aquele referente ao objeto que se trata de transmitir e aos meios de fazê-lo. [...] Transmitir é desejar transmitir e encontrar um impossível de transmitir. Transmitir é transmitir o impossível de transmitir.*

(Érick Porge)

### A questão do sujeito: Epistemologia e Psicanálise

A origem da palavra Epistemologia vem do grego episteme (ἐπιστήμη), que significa “ciência” ou “conhecimento” + logos (λόγος) “discurso”. Epistemologia ou Teoria do Conhecimento refere-se, portanto, ao estudo das práticas, teorias e métodos de diferentes áreas do saber, em sua relação com a história e a sociedade, sujeito e objeto. Os pressupostos epistemológicos traçam um caminho de princípios norteadores e organizadores da práxis, partindo da realidade e da visão de sujeito para a formulação de teorias e métodos (Japiassu, 1981).

Enquanto área da filosofia, a epistemologia analisa a natureza do conhecimento, bem como suas etapas e limites de alcance. Fundamental para as ciências psicológicas no que tange sua validação enquanto saber científico no século XIX, solo que permitiu nascer e crescer saberes, dentre eles as ciências humanas e a Psicologia científica. Houve nesse período uma mudança na ordem dos discursos, a passagem de um sistema de entendimento acerca do modo do homem, para o modo de ser do homem, seus saberes e comportamentos.

De acordo com Oliveira Neto (2019, p. 17) Kant inaugura uma epistemologia que investiga os objetos próprios a cada saber. Nela a investigação dos objetos das ciências, guiada pela razão científica que busca entender e apreender o mundo cognoscível, dá lugar à lógica, às condições formais do pensamento. Desta forma a Psicologia passa a pensar o homem, tomando-o como objeto de investigação e de análise, sujeito e objeto.

Há uma transposição do mundo numênico, que pensa a coisa em si mesma abrangendo apenas conceitos e não a experiência, ao mundo fenomênico, no qual pesquisa-se os fenômenos, por meio da intuição sensível e do entendimento, em busca da essência do ser. Assim, o conhecimento passa a ser possível somente pelo espaço e tempo puro, transcendental e transcendente (Oliveira Neto, 2019).

Nesse contexto surge a Psicanálise, no final do século XIX com Sigmund Freud. Devido a sua formação de médico neurologista, parte da biologia a fim de explicar a questão da mente humana fazendo uso da epistemologia própria da época, na qual a tradição científica apontava para a noção de sujeito do cogito cartesiano, único, indivisível e racional.

Ao não conseguir localizar a causa do sofrimento no corpo orgânico e perceber a subjetividade humana como cindida e incompleta, Freud questiona a construção de saber e os modelos de ciência vigentes. Ele cria, segundo Figueiredo e Santi (2008), a metapsicologia, ou seja, uma “teoria das profundidades” (p. 39) que busca ir além da experiência imediata, dos limites do representável, tendo como objeto o inconsciente.

Conforme menciona Mezan (1950/1998), Freud acreditava no caráter científico da psicanálise, com base no modelo das ciências da Natureza próprio do contexto de sua formação. O autor apresenta os três critérios de cientificidade adotados como base no respaldo metodológico e epistemológico que são descritos do seguinte modo:

observação cuidadosa, em condições favoráveis daquilo que deveria ser explicado. Em segundo lugar, descoberta e verificação das regularidades - e portanto das leis gerais - que, em diferentes níveis governam os fenômenos descritos pela observação mencionada. Em terceiro lugar, possibilidade de comprovação dos resultados por observações independentes, possibilidade de correção dos conceitos e das hipóteses formuladas anteriormente, possibilidade de ampliar o território das observações mediante o uso de instrumentos mais aperfeiçoados, por sua vez construídos levando-se em conta a natureza do campo de investigação (Mezan, 1950/1998, pp. 302/303).

O surgimento da Psicanálise, no campo das ciências psicológicas do séc. XIX, coloca em questão os critérios epistemológicos e requisitos para a construção de saber ao estabelecer como objeto o inconsciente. No que tange à sua teorização e a sua práxis, a busca pelo conhecimento passa a se orientar não apenas pela realidade material, ao que pode ser dado diretamente à observação, mas a uma verdade outra, uma verdade que comporta a dúvida, a verdade do sujeito do inconsciente.

Trata-se de um objeto novo no campo do saber, construído e identificado, como todo objeto formal, a partir de sua definição e formalização. Assim, o inconsciente passa a ter “existência conceitual e vigência clínica” (Cabas, 2010, p. 15). O objetivo é epistêmico, por se referir a história dos conceitos analíticos. Dentre eles está a noção de sujeito, enquanto

função, que diz respeito ao campo epistêmico e enquanto referente clínico. Sujeito este que é “a coisa em questão”, porque “o sujeito é uma questão” (Cabas, 2010, p. 17).

### **Do sujeito filosófico ao moderno**

De acordo com Roudinesco e Plon (1944/1988) o sujeito é definido pela filosofia ocidental desde René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938) como “sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomênica” (p. 742). Tais definições referem-se ao próprio homem, seus pensamentos e comportamentos e sua subjetividade, tanto no âmbito singular quanto universal.

O sujeito da razão do cogito cartesiano é um ser pensante que tem sua identidade assegurada pelo ato de pensar, governado pela consciência enquanto ordem natural que dá acesso à verdade das coisas. A fenomenologia concebe um sujeito psicofísico, um “ser real” que se pauta na constituição dos objetos a partir das vivências da consciência intencional, na relação sujeito-objeto. Já o sujeito transcendental de Kant, segundo Elia (2010, p. 11) se aproxima do inconsciente freudiano, pois não aparece mais como uma substância consistente, mas como um vazio não-individual e universal.

Embora parta do cogito, a noção de inconsciente proposta por Freud subverte a lógica cartesiana de sujeito da razão e da consciência, pois, nessa lógica, o sujeito existe também onde não pensa, ou seja, nas formações do inconsciente – sonhos, atos falhos, chistes e sintomas. Segundo o campo psicanalítico, o sujeito não comporta nem uma substancialização, nem uma verdade absoluta. O estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão é substituído por uma ideia de inconsciente como estrutura particular e determinante da subjetividade.

A subjetividade humana fica dividida em duas ordens de funcionamento psíquico, a consciência e o inconsciente. O inconsciente freudiano diz respeito a uma instância psíquica que opera regida por leis e lógicas próprias afastadas da consciência, o que constitui a subjetividade. O descentramento do eu e da consciência acarretam em uma subjetividade cindida e regida pelo inconsciente (Garcia-Roza, 2001).

A categoria sujeito está presente na teoria psicanalítica a partir de sua introdução como conceito por Lacan entre 1950 e 1965. Ele aponta para o surgimento do sujeito a partir da emergência da ciência moderna, pautada no cogito cartesiano, na qual houve uma separação do sujeito em relação ao saber. A ciência seria um novo saber que rejeita a

subjetividade e o sujeito, assim como os saberes anteriores a ela. Surge também um “sujeito novo”, moderno, que não é apenas consciência e sentido, mas tem uma historicidade e uma verdade constituinte (Leite, 2002).

O discurso analítico tem como condição, segundo Alves (2001), o sujeito da ciência, não no sentido de um ser dotado de extremo saber ou de um inconsciente autônomo e autêntico, com uma essência absoluta e eterna, pensado através de uma ontologia e de uma metafísica, mas no sentido de um sujeito “pensável”, da certeza de si como desejante, que se desdobra de objeto conhecido para o ato de conhecer.

No texto “A ciência e a verdade” Lacan (1966b/1998) afirma que o sujeito da práxis psicanalítica “não implica outro sujeito senão o da ciência” (p. 878), no sentido de uma ciência definida pela impossibilidade do esforço de suturar o sujeito. Esse índice de não identidade fundamental do sujeito possibilita uma práxis apoiada nos efeitos de seu discurso, no qual o psicanalista opera fazendo uso da elaboração teórica e da experiência, sustentado pelo motor da transferência.

De acordo com Roudinesco e Plon (1944/1998), apoiado na teoria saussuriana do signo linguístico, em 1960, Lacan conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito, “transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo” (p. 742). O sujeito pensado dessa forma não pode ser considerado como conceito no sentido filosófico e científico, enquanto construto substancializado e concebido de antemão. Tornar-se sujeito é contingencial e não universal. Trata-se de um sujeito evanescente, capturado pelo desejo do Outro, que se constitui como tal dentro da dimensão social, dependendo para tanto de uma ordem simbólica, do campo da linguagem.

Ao contrário das ciências cognitivas que colocam o funcionamento cerebral na origem do saber, a teoria psicanalítica atribui ao sujeito um saber constituído por elementos inconscientes. Segundo Leite (2002, p. 9), “O sujeito na psicanálise é explicitamente diferente da consciência, portanto é um sujeito não fenomenológico, não é uma categoria normativa, ele é uma categoria clínica, e não remete a uma totalidade”. O inconsciente freudiano, produto da divisão da subjetividade, manifesto metaforicamente por suas formações a partir de um modo de funcionamento próprio, resulta em um sujeito dividido: o sujeito do inconsciente. Lacan destaca essa divisão relacionando o inconsciente ao desejo, pois é por meio dele que o desejo aparece, em seus deslizamentos, no que escapa sem querer. “O sujeito, na verdade de seu desejo, pode portanto ser colocado como sujeito do inconsciente” (Dor, 1989, p. 114).

## **Relação pesquisa e clínica psicanalítica: a questão do método**

Ao tratar do sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente, enquanto função e questão, é necessário nos reportar a história dos conceitos psicanalíticos e sua construção como método de tratamento. Uma teoria que parte da escuta clínica e por meio dela é construída. Segundo o próprio Freud (1912/1976), “Uma das reivindicações que a psicanálise faz a seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem” (p. 152). O trabalho do pesquisador em psicanálise exige assim o esforço investigativo de um historiador, um trabalho arqueológico, que a partir dos fenômenos apreendidos na experiência utiliza o instrumento da escrita dos casos clínicos para a construção do arcabouço teórico.

A psicanálise é simultaneamente um método de investigação do sentido dos atos e produções psíquicas do ser humano, uma teoria geral do homem e da alma baseada nos resultados desta investigação e uma forma de tratamento de problemas mentais e emocionais derivada do método e da teoria mencionados (Mezan, 1950/1998, p. 302).

Importante marcar aqui uma diferença entre a pesquisa em psicanálise e a psicanálise enquanto método. Na primeira utiliza-se a teoria para compreensão de fenômenos sociais e humanos, com fins filosóficos, políticos, sociais ou institucionais, o que pode ser feito por qualquer estudioso de diferentes áreas. O objeto de estudo é a psicanálise. Na utilização da psicanálise enquanto método de investigação e pesquisa é necessário um psicanalista atuante na prática clínica, pois passa pela formação do analista, sua ética, experiência e transmissão. Dessa forma, é possível um campo de validade para além da dimensão investigativa da psicanálise, na dimensão terapêutica, cujo objeto é o inconsciente.

A pesquisa em Psicanálise se pauta na ética psicanalítica, fundada na estética transcendental intuicionista de Kant. Nela não há o conceito de verdade, certo e errado, pois está fora da regra aristotélica que busca garantir a não contradição do raciocínio lógico. A Psicanálise se aproxima da epistemologia Kantiana, mas vai além, pois se apoia em pressupostos teóricos e metodológicos próprios, em uma práxis pautada no caminho construído e percorrido também pelo sujeito no campo da linguagem e nos efeitos de seu discurso. Nas palavras de Lacan (1953-1954/2009, p. 345):

O próprio do campo psicanalítico é supor, com efeito, que o discurso do sujeito se desenvolve normalmente - isto é Freud - na ordem do erro, do desconhecimento, e

mesmo da denegação - não é bem a mentira, é entre o erro e a mentira. São verdades de grosseiro bom senso. Mas - eis o novo - durante a análise, nesse discurso que se desenvolve no registro do erro, algo acontece por onde a verdade faz irrupção, e não é a contradição.

Afinal, a psicanálise é ciência? Mas de qual ciência estamos falando? Segundo Lacan (1964/2008, p. 15) “O que especifica uma ciência é ter um objeto. Podemos sustentar que uma ciência é especificada por um objeto definido, pelo menos, por um certo nível de operação, reprodutível, que chamamos experiência”. As evidências de eficácia da psicanálise como ciência se apresentam no método clínico de tratamento, que tem como objeto o inconsciente e cumpre a transmissão da experiência direta com o paciente pela construção de casos clínicos.

Lacan (1964/2008, p. 14) chamou de “análise didática - essa práxis, ou essa etapa da práxis, deixada por tudo que se publica, completamente na sombra - e trazer alguma luz concernente a seus fins, seus limites, seus efeitos”. Como o procedimento de investigação na práxis consiste na fala do analisando e na escuta do analista sob transferência, há uma singularidade única na experiência, impossível de verificação e reprodução exatas. No nível da teorização em psicanálise, o funcionamento inconsciente tem sua lógica própria. Pressupõe um sujeito como efeito de um conjunto articulado de discursos, desejos e fantasias. Permite que a singularidade seja levada ao não-individual, pelos *traços do universal imanente*, compartilhados pelas trocas simbólicas presentes na cultura em um determinado contexto individual, social e histórico (Mezan, 1950/1998).

A psicanálise questiona as ciências positivistas e o saber científico feito de protocolos e convenções que estabelecem a norma. Apresenta conceitos que não podem ser reduzidos a certas propriedades lógicas, empíricas e interpretativas, pois não se esgotam em si mesmos. Os fundamentos de sua práxis delimitam um campo em que o cientista não sabe tudo, está na condição do pesquisador que procura. Trata-se de um saber que só se constrói pela experiência, no fazer clínico, na escuta e na fala do sujeito com base no dispositivo da transferência. Sobre a relação entre saber e pesquisa Ferreira e Vorcaro (2018, p. 14) mencionam que:

Demonstrando como o saber é suposto na pesquisa, sustentamos que é essencialmente desse ponto que a pesquisa, o ato ativo da pesquisa em psicanálise, extrai as consequências da clínica para seu campo. Não se trata apenas de oferecer a palavra, mas de supor saber naquele que fala, deixando-se surpreender com o que

o sujeito produz sobre sua realidade, sua vida, suas experiências, operando, no mesmo movimento, uma possibilidade de que se aproprie do que diz e no ato mesmo da enunciação, se renove e se crie.

Para transmitir o Real intransmissível da experiência e assim demonstrar a teoria formalizada na clínica, Lacan fez uso da topologia com sua linguagem matemática por meio de matemas, nos quais há a presença do simbólico sem contudo a significação do imaginário. Trabalhou com a contradição, não com a categoria do tempo cronológico, mas do tempo lógico, contínuo e contingencial, no qual estão presentes a antecipação e a retroação. Nele o espaço não é plano, euclidiano, mas curvo e se dobra em si mesmo pelo auto atravessamento. Desta forma é possível se deslocar no tempo e no espaço, pois a dimensão do tempo passa diferente, como processos de perda e recuperação da experiência (Dunker, 2008).

Para tanto, Lacan recorre à sincronia e diacronia - metáfora e metonímia, como recursos literários que estruturam uma ficção, letra vazia de sentido para a construção de saber e transmissão da psicanálise. Trata-se de um saber que opera em outra lógica de funcionamento, observação, definição e formalização. O saber aqui diz respeito à verdade do inconsciente, uma dimensão de verdade fundada pelo ato da palavra, em seu caráter ambíguo e impossibilidade de total apreensão.

Segundo Lacan (1966/1988) ao destituir o sujeito da razão e instituir o sujeito do inconsciente, na dialética do desejo, Freud “reabre a mobilidade de onde saem as revoluções, a junção entre verdade e saber” (p. 285). O discurso analítico considera, desse modo, o sujeito como um não-ente, que se abole por seu saber. A verdade que realiza o ser, se localiza no âmbito da experiência possível, em um conhecimento antigo que o sujeito desenvolve no discurso analítico, como sua história, sua integração. Lacan (1962-1963/2005, p. 368) adverte, entretanto, que “há buracos nessa história”.

O saber psicanalítico reintegra a dimensão do sujeito do inconsciente, pois há algo nele que fala, uma verdade que não é da ordem do conhecimento, mas de uma verdade limitada, não-toda, que comporta a falta, a falha, a mentira, o lapso (Lacan, 1953-1954/2009). O método clínico tem por preceito não o vasto sentido presente na interpretação, mas o pouco sentido, ou não senso, não sentido. O analista se abstém de seu saber, pois não é ele o sujeito em questão. Opera fazendo furos no discurso, buracos no sentido, sustentando a verdade como um impasse no dizer. Esses buracos, se manifestam nos lapsos, “face radical de não senso” no qual está o sentido da significação inconsciente. Isso porque

A psicanálise se interessa pela significação inconsciente, e essa significação precisa ser, necessariamente, construída em cada uma das vezes com extremo cuidado. Para isso, a teoria indica certas correlações e sugere que algumas podem ser mais prováveis do que outras; ela *não* permite o deciframento imediato do discurso, da história ou do sintoma (Mezan, 1950/1998, p. 305).

Para Mezan, além do corpo teórico formal, a psicanálise se apresenta também como um gênero literário, um discurso *sui generis*, discurso do método freudiano, diferente na forma de exposição e transmissão pois depende da experiência que descreve, sem, contudo, reduzi-la. Cabe ao analista reinventar a teoria no um a um, no caso a caso. Se clínica e pesquisa não se separam, a transmissão só se dá pela construção pela via da palavra. A palavra pode construir muros que separam mas também pontes que aproximam edifícios inteiros. O autor coloca ainda que não se trata de copiar interpretações ou interpretar conceitos, mas de um enlace associativo que faz ressonância e suscita o leitor a pensar.

Sobre o ensino da psicanálise, Lacan (1957/1998, p. 460) aponta que “Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo.” A escrita em psicanálise funciona, assim, como ato, pelo ato do psicanalista pesquisador com seu discurso que opera com sua palavra-ato, sua verdade não toda da experiência da prática clínica, não como ensino, mas como transmissão da psicanálise por meio de um estilo, que possibilita diferentes leituras. Trata-se de um trabalho artesanal de elaboração e transposição dos dados da experiência para outra coisa, de ordem não consciente.

No texto, em suas rasuras, nas entrelinhas, seu desenho mais fortemente delineado faz prevalecer a transmissão da clínica psicanalítica a quem se dedica a pesquisa: o pesquisador parte sempre do saber do sujeito e não daquilo que ele próprio sabe. Podemos dizer que, como na clínica psicanalítica, a pesquisa em psicanálise se orienta pela “douta ignorância” (Ferreira & Vorcaro, 2018, p. 13).

As autoras citam para além dos discursos e diálogos reconstruídos a possibilidade de articulação entre forma e conteúdo a partir do encontro entre o pesquisador e o objeto pesquisado, ao qual dá voz. Tal singularidade torna o autor-pesquisador responsável por transmitir aspectos que considerou importantes, ato pelo qual “responde de seu lugar e participação na cultura” (p. 27). A escrita da clínica serve assim de instrumento para bordejar a falta, a falta de saber absoluto, a falta de objeto para o desejo, e a dificuldade na

transmissão da experiência. Uma escrita po-ética, que compreende uma dimensão ética que comporta uma “assinatura densa”. A construção da verdade por meio de uma ficção como forma de ter acesso à causa, à verdade do sujeito do inconsciente, a verdade do desejo.

## CAPÍTULO 1 - ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE

### 1.1 - Adolescência x Puberdade

A adolescência é entendida como um fenômeno biológico, psíquico, social e histórico típico da Modernidade. Se faz importante abordar os múltiplos nexos constitutivos do sujeito. Tomemos como ponto de partida para essa reflexão a relação entre puberdade e adolescência em sua origem e diferenças conceituais. Os dois termos estão intimamente ligados, referindo-se a períodos do desenvolvimento humano marcado por intensas mudanças. Expressam de tal forma processos que se dão através do ordenamento de um conjunto de elementos de um todo, mas que estão para além do efeito formativo, pois sofrem as influências e especificidades próprias a cada particularidade histórica.

Segundo Outeiral (2012) puberdade deriva do latim *puber*, que significa pêlos. Entendida enquanto processo biológico, tem seu marco inicial com a atividade hormonal que desencadeia a capacidade de procriar, o que ocorre por volta de 9 a 14 anos de idade. A palavra adolescência, por sua vez, tem sua etimologia no participio presente do verbo em latim *adolescere*, crescer, equivalente a crescente. Outeiral aborda uma outra origem do termo, derivado de *adoecer*, discutindo assim a dupla condição própria da adolescência: a capacidade de crescer e amadurecer, não só no corpo, mas também no psiquismo. Ressalta também o sofrimento emocional acarretado pelas transformações biológicas e psicológicas, além das conseqüentes exigências sociais.

Freud (1969) em seu estudo das funções sexuais, define puberdade enquanto “idade da maturação sexual” (p. 20), na qual ocorre a conclusão da completa organização da sexualidade humana em torno da genitalidade. Alerta, entretanto, que “a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia” (p. 22), pois esta não se encontra apenas a serviço da reprodução, já que a sexualidade abarca um conceito mais amplo e constitui um fenômeno que está presente desde o início da vida.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) trata das transformações e processos da puberdade. Nomeada como segunda onda, em referência a primeira onda pulsional que ocorre na infância e reaparece na puberdade. Há uma retomada, uma intensificação pulsional influenciada pela explosão hormonal, uma demanda de satisfação da libido agora voltada para a genitalidade, com a exploração da sexualidade, do corpo e da escolha de objeto. A pulsão até então autoerótica se dirige a um objeto na busca pela convergência das duas correntes, terna e sensual, tendo como meta a satisfação sexual.

Esse redespertar ocorre por meio de estímulos que dependem de causas internas e externas para colocar em movimento a complexidade sexual própria de cada momento da vida. Isso pode ocorrer de forma espontânea ou precipitada. Freud aponta para tanto três vias: Fatores constitucionais do desenvolvimento da sexualidade advindos do interior orgânico, como a explosão hormonal e o crescimento e maturação dos órgãos genitais; A excitação das zonas erógenas advindas do mundo externo nas vivências infantis seja pelo cuidado (excesso ou falta) ou eventos traumáticos; A vida psíquica singular a cada sujeito, na mediação entre excitações internas e impressões externas (Freud, 1905).

Outeiral (2012) parte da concepção freudiana de séries complementares, ou equação etiológica, para tratar das influências externas como fatores importantes nos processos maturacionais. Afirma que a puberdade é determinada pela carga genética, mas também por fatores como nutrição, localização geográfica e questões emocionais, resultando portanto de fatores constitucionais e sociais. Da mesma forma, a entrada na adolescência é entendida pelo autor como fenômeno psicossocial, pois dá-se de acordo com as particularidades históricas e sociais nas quais o sujeito está inserido, como contexto psicológico, histórico, econômico, social e, principalmente, cultural.

Diferentes em definição e origem, ambos os processos são necessários para a passagem da infância à vida adulta. Essa passagem é entendida aqui como um "passe", no sentido etimológico de determinações pelas quais se autoriza, concede algum poder, licença ou permissão de locomoção. A direção está para além de um corpo que se torna fisiologicamente capacitado para exercer a vida (sexual) adulta, pois diz também da passagem para uma condição de sujeito desejante, atravessado por esse corpo. A puberdade pode preparar o corpo e deixá-lo apto para exercer funções de um corpo adulto, mas não é condição para que se instaure a adolescência.

## **1.2 - Aspectos históricos**

A adolescência é compreendida, segundo Ariès (1984) enquanto processo construído histórica e socialmente. Em sua obra *História Social da Criança e da Família*, o autor percorre historicamente as transformações sociais e culturais na passagem da Idade Média à Idade Moderna. Abrange nesse contexto o surgimento das categorias infância e adolescência como invenções da Modernidade, pautadas em um ideal cultural no final do século XVII

Arriès cita as chamadas “idades do homem” do século XVI que, enquanto categorias científicas, designavam os diferentes períodos da vida. Fazia-se uso da terminologia erudita

“infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade” (1984, p. 4) tornando-se comum e familiar com o uso até os dias atuais. No século XVII o termo infância deixa de ser associado apenas a dependência e adquire entre a burguesia o sentido moderno, designando a primeira idade, anterior à puberdade. Até o século XVIII, porém, as duas categorias não estavam ainda bem definidas, pois encontravam-se em construção, acompanhando as especificidades e exigências da época.

A primeira menção do termo adolescência entretanto é anterior. Aparece em uma compilação latina de escritos do Império Bizantino no século XIII, na qual trata das fases de desenvolvimento dos homens, distribuídas em faixas etárias. A adolescência era a terceira idade, na qual atribuía-se a ideia de crescimento, força, vigor e capacidade produtiva. Tais valores ressurgem no século XX, chamado “século da adolescência” (p. 14), enquanto ideais sociais capazes de “reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (p. 14). A adolescência passa a ser então o período favorito na Modernidade, exprimindo a reação da sociedade diante da temporalidade da vida (Ariés, 1984).

Segundo Santos (2021) a Modernidade configura um período de intensas transformações e rupturas no campo social e cultural. A passagem do século XVII para o século XVIII é marcada pela virada do pensamento clássico para o pensamento moderno, com uma mudança na ordem dos discursos.

Desde que se iniciaram os tempos modernos, quando se acentua e generaliza a convicção e a ilusão da historicidade das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais ou das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, desde essa época se criam e se recriam utopias em linguagens da modernidade e pós-modernidade (Ianinni, 2000).

Sob influência dos ideais do Iluminismo, surge uma nova etapa na qual o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal e a se mover pela crença de que, por meio da razão, pode atuar sobre a natureza e a sociedade. Com seus novos moldes e concepções acerca de privacidade e individualidade, a família assume um novo lugar na vida e na formação do indivíduo nos tempos modernos. Ela passa do status de entidade moral e social, instituição que assegura apenas os bens e o nome, para uma entidade sentimental, com estreitamento de laços, correspondendo a uma necessidade de intimidade e identidade. O sentimento de família passa a compor os costumes, os discursos e modificar os vínculos entre pais e filhos. Essa nova concepção produz transformações subjetivas no que

tange às novas relações e papéis estabelecidos, o que faz com que o sujeito moderno mantenha sua identidade assegurada dentro da família (Arriès, 1984).

Houve também mudanças no olhar com relação à concepção do que se entendia e na forma de se relacionar com a infância e a adolescência. Suas necessidades e direitos passaram a ser compreendidos a partir do surgimento das duas categorias. Estas, por sua vez, acompanham o momento histórico no qual uma maior liberdade econômica e política as deslocam no contexto social e cultural. Acontecimentos como as duas Guerras Mundiais, a Revolução Francesa e Industrial, o crescimento dos centros urbanos, a entrada da mulher no mercado de trabalho e a escolarização constituem marcos importantes para o surgimento da família burguesa.

No século XX há uma reestruturação em torno da organização familiar. Segundo Outeiral (2012) ela deixa o formato patriarcal, no qual os grupos familiares abrangem os laços consanguíneos de parentesco, compartilhando desta forma os espaços, as atividades e a cultura. Passa, então, para o formato de família nuclear, na qual as relações ficam restritas aos pais e aos filhos. A mesma reestruturação ocorre também nos vínculos formados na infância e na adolescência, pois a rede de apoio, proteção, modelos de identificação e transmissão de valores contidos na família passam a ser buscados também fora dela.

Reflexo da sociedade capitalista tardia, a família burguesa passa a representar o modelo de estrutura familiar dominante. No ambiente doméstico surgem normatividades acerca das divisões de papéis entre os sexos, desempenhadas por pai e mãe, como cuidado, educação e sustento. O pai surge como provedor e como figura de autoridade. Já a mãe torna-se a reserva afetiva. A autoridade, a superproteção e o profundo amor e afeição parentais tornam-se os pilares, em nome dos quais os filhos são levados a internalizar regras e fazer renúncias para atender aos novos preceitos estabelecidos (Poster, 1979).

As novas exigências do mundo do trabalho, necessidades da economia capitalista vigente, também se inserem nas relações familiares e na formação da subjetividade do indivíduo. De acordo com Poster (1979, p. 193) "[...] a família gerou um burguês 'autônomo', um cidadão moderno que não necessitava de sanções ou apoios externos, mas estava automotivado para enfrentar um mundo competitivo, tomar decisões independentes e bater-se pela aquisição de capital [...]". O padrão de regras instituídas por meio da família é assimilado sob a ideia de que o sujeito é capaz de ascender economicamente, e de alcançar tudo o que se quer e se espera dele, criando um protótipo de funcionamento familiar igual ao da família burguesa.

### 1.3 - Adolescência como ideal cultural

Calligaris (2000) aponta o estabelecimento de um duplo vínculo na instituição familiar, próprio da Modernidade Ocidental. Os pais transmitem aos filhos uma mensagem paradoxal e contraditória. Ao mesmo tempo que ensinam tradicionalmente valores comuns, exigindo obediência e submissão, esperam que isso possa ser rompido. Em nome do amor exigem o cumprimento das expectativas de continuidade da família, garantindo a imortalidade através de seus sonhos e ideais. A infância passa a ocupar um lugar de destaque, contemplação e idolatria. Nela é depositada toda a carga de esperança, expectativa e investimento.

Da mesma forma, o fenômeno da adolescência é construído historicamente para suprir as demandas dos novos tempos. Partindo dos fundamentos de liberdade e autonomia, os jovens são educados a fim de tornarem-se indivíduos, negando a insatisfação e os conflitos existentes nos sujeitos a partir da constituição do individualismo. A adolescência, então, vigora enquanto promessa de possibilidade de prazer e satisfação sem o peso da obrigação da vida adulta. Uma época da vida idealizada por uma sociedade que busca a felicidade utópica, uma sociedade narcísica (Calligaris, 2000).

De acordo com Roudinesco (1944) esse “reforço narcísico da soberania do eu” (p. 55) deriva do elitismo hierarquizado da classe burguesa, que por meio do culto de sangue, raça, família e patrimônio, dá origem a uma sociedade de massa, transformando os sujeitos em mercadorias, espelhadas em um modelo no qual não há relação de alteridade. Os ideais culturais acerca da maternidade, casamento, adolescência (juventude), amor romântico, criam exigências que banalizam as relações sociais, a historicidade e a constituição subjetiva.

Fenômenos históricos e culturais são tratados como se fossem naturais, o que pode ser entendido como uma forma brutal de violência sobre o sujeito. Tal tratamento faz com que surjam novas formas de sofrimento psíquico marcadas pela insatisfação existencial que se coloca pelo não cumprimento desses padrões.

Na contemporaneidade, outro imperativo se coloca, o bem-estar. O mundo globalizado, sob o discurso neoliberal e os avanços tecnológicos instituíram um novo paradigma. O sujeito contemporâneo vive imerso no discurso da ciência, marcado pela eficácia, pela promessa de felicidade e ausência de sofrimento, com várias medidas para suprir a falta. A busca pelo prazer, beleza e saúde, tornam-se caminhos possíveis de serem alcançados de forma plena.

Cabas (2010) ressalta que ocorre uma transformação subjetiva que supõe um novo modo de ser do sujeito. Na tentativa de evitar a angústia, o sujeito se submete em nome de uma falsa liberdade. Essa liberdade é assistida e milimetricamente controlada por diversos mecanismos intersubjetivos, criando sujeitos cada vez mais inseguros, caracterizados por um assujeitamento e não reconhecimento da alteridade.

A entrada na adolescência pressupõe o entendimento e assimilação necessários quanto a regras sociais e capacidade de competir e viver de forma autônoma. Entretanto, partindo do sentimento de família próprio da Modernidade, há uma dilatação desse tempo, atribuindo-se a imaturidade psíquica, em contraposição a maturidade corporal advinda da puberdade. Para Calligaris (2000) esse fenômeno se instaura na contemporaneidade tornando-se “mais uma idade da vida” (p.16), uma moratória justificada pela ideia circular que torna a adolescência um período de suspensão e espera. Cria-se, por esse viés, um hiato ou um limbo social no qual o sujeito derrapa na busca pela alteridade e reconhecimento da sua singularidade.

Percebe-se nesse ponto o duplo vínculo abordado anteriormente. O ideal moderno de independência é contraposto pela permanência e postergação da dependência dos filhos pelos pais. De tal maneira o adolescente não consegue enfrentar e resolver o dilema sem sair dele. Ou se mantém à espera de autorização para cumprir os valores exigidos, ou rompe a tradição e torna-se independente, como supostamente é um adulto.

Ainda de acordo com Calligaris (2000) a adolescência, nos dias atuais, não encontra mais marcos iniciais ou finais evidentes, em virtude da própria indefinição do que seja um adulto. Para além de um período de desenvolvimento, também como um fenômeno da cultura, sua duração e seu fim são questões a serem colocadas.

Há um prolongamento da adolescência, ela se expande, como afirma Arriés (1984, p. 15) “empurrando a infância para trás e a maturidade para frente”. Em consequência, um sujeito pode entrar na adolescência e não saber quando e como pode sair dela, vivenciando questões relativas ao seu lugar no mundo e da própria identidade, o que deseja e o que esperam dele (Calligaris, 2000).

Voltando à questão da moratória, termo utilizado pela primeira vez por Erikson (1976), segundo o dicionário Aurélio refere-se a dilatação da quitação de uma dívida, concedida pelo credor ao devedor. Trata-se de uma dívida simbólica, na qual os pais reatualizam e projetam nos filhos questões identificatórias e narcísicas, mantendo-os cativos de ideal cultural de realização e plenitude.

Freud (1914, p. 98) em seu texto *Sobre o Narcisismo* chama atenção para o narcisismo dos pais, outrora abandonado, renascido e reproduzido nos filhos. Transformado em amor objetal, este amor narcísico se reatualiza na potencialidade de reivindicação de privilégios e de superação ao que não pôde ser alcançado. É notório que a falta dos pais atravessa a relação com os filhos. A submissão e alienação ao desejo dos pais em busca de reconhecimento, interfere de forma circunstancial na construção e reconhecimento de seus próprios desejos.

Apesar das novas configurações familiares, essa “herança” que se configura enquanto dívida, recai sobre a adolescência por se tratar de um período de importante construção identitária. Tal processo se constitui desde a infância, por meio de modelos de identificação, familiares ou não. Essa demanda simbólica é voltada ao outro, pelas relações que se estabelecem nos diferentes contextos vivenciados, mediante ao atravessamento subjetivo de fatores sociais e culturais.

As identificações narcísicas, próprias dos tempos modernos, apontam para uma ideia de onipotência dos desejos, um imperativo de gozo que promete a totalidade, completude (restituição do eu), satisfação imediata e absoluta. Favorecidas pela ideologia de consumo, pelo culto de si, da imagem pelo olhar do outro. Culminam na estruturação, enquanto formação social e psíquica, de uma cultura do narcisismo, marcada pela necessidade de auto afirmação e auto estima. O culto de si por meio da reivindicação narcísica do eu nada mais é que uma forma de se diferenciar para melhor se adaptar. Essa tentativa de soberania do eu diz da rejeição do outro e do ódio do que há do outro em si e, portanto, do ódio de si (Roudinesco, 1944).

O laço social contemporâneo atinge o adolescente de forma cruel e autoritária. A experiência de vivenciar uma identidade adulta que supostamente configura o encerramento desta fase da vida, passa pelas construções sociais do que é ser um adolescente e um adulto, mediadas pela cultura e suas exigências adaptativas, normalizantes e, por vezes, patologizantes. O ordenamento jurídico que indica a maioridade legal como definição de “adulto” não contempla o todo dessa passagem, desse atravessamento subjetivo ao qual supõe-se a construção de uma subjetividade singular, em nome próprio.

Ficam as perguntas: De onde vem esse “passe”, essa autorização para passar da adolescência à vida adulta, da cena familiar à cena social? Dos pais, da sociedade, ou do próprio sujeito? Cabe ao filho se manter devedor e refém do desejo e dos ideais que lhe são incumbidos? Cabe a ele pagar essa dívida com o custo da própria condição desejante, da própria subjetividade?

## CAPÍTULO 2 - ADOLESCÊNCIA E SUBJETIVIDADE

### 2.1 - Subjetividade e cultura

*O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.*

*(Sigmund Freud)*

Os textos culturais freudianos abordam elementos de conteúdo histórico e sociológico na articulação da tensão dialética entre subjetividade e cultura. A condição humana é pensada apenas na relação com o outro e na necessidade deste para sua existência e satisfação. O estatuto metapsicológico que o social adquire na construção da teoria torna-se uma questão estrutural do ponto de vista psíquico, na qual civilização e cultura não se distinguem, mas se entrelaçam, como forma de pensar a subjetividade e os possíveis destinos para o sujeito no laço social.

De acordo com Freud (1930[1929]) “[...] a palavra ‘civilização’ descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais. Servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajudar os seus relacionamentos mútuos” (p. 109). As atividades e recursos úteis ao homem são nomeadas por culturais, aspectos da civilização que tem como uma de suas funções garantir segurança. A cultura diz respeito, então, a tudo que afasta o homem de sua condição de natureza animal, biológica. Por meio das normas, proibições e valores morais contidos nas representações sociais, a cultura determina o que é justiça, liberdade e felicidade além das coordenadas para se alcançar essas promessas.

Freud afirma ainda que “Evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização” (p. 114). Uma ordem que deve ser compulsivamente repetida a fim de se estabelecer um regulamento. Visa além dos benefícios práticos de capacitar para um melhor aproveitamento do tempo e do espaço, tentar poupar o ser humano da hesitação e da indecisão, contrastando com sua “tendência inata para o descuido, a irregularidade e a irresponsabilidade” (p. 114). Partindo dessa concepção, todo indivíduo seria um inimigo e um risco potencial à sociedade e por isso precisaria ser disciplinado pelas normatizações da cultura. A primeira exigência é a justiça, imposta por uma lei, um estatuto legal que restringe a parte para garantir o todo.

Esse contorno é necessário e possibilita o laço social e a coletividade, a fim de regular os relacionamentos sociais para que não fiquem submetidos à vontade arbitrária individual. Mas não é sem preço, pois exige sacrifício e barganha. De um lado estão as disposições pessoais e demandas pulsionais, do outro está a sociedade, com a exigência de renúncia pulsional. Em nome do pacto social, a agressividade e a sexualidade devem ser abdicadas para garantir a continuidade do grupo, seja ele a família ou o Estado. “A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados” (p. 115)

Freud (1930[1929]) parte da ideia do poeta-filósofo Schiller de que o mundo é movido pela fome e pelo amor, como metas confluentes a utilidade e obtenção de prazer, para tratar das pulsões do eu e das pulsões objetais, do investimento libidinal cerceado pela cultura. Faz um percurso da primeira à segunda tópica, construção necessária a partir dos conceitos de narcisismo e pulsão de morte. Considera que a inclinação à agressividade e à destruição constituem uma pulsão original e necessária, embora possa se tornar um impedimento à civilização, devendo ser de alguma forma domada.

As tendências para o amor, para a destrutividade e para agressividade, pulsão de vida e pulsão de morte, ligação e desligamento, devem se equilibrar a fim de sustentar a cultura, seus fenômenos evolutivos e civilizatórios. Representados por essa luta constante das duas forças concorrentes e interdependentes, não se apresentam de forma isolada. “a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade” (p. 145).

Destaca-se nesse ponto a semelhança entre processo civilizatório e desenvolvimento libidinal, pois a frustração da vida sexual é insuportável para o sujeito neurótico. “A neurose foi encarada como resultado de uma luta entre o interesse de autopreservação e as exigências da libido, luta da qual o ego saiu vitorioso, ainda que ao preço de graves sofrimentos e renúncias” (p. 140). Diante da impossibilidade de satisfação plena, o ego parcialmente catexizado pela libido, precisa direcionar a libido narcísica para o mundo externo, investindo nos objetos para encontrar satisfações substitutivas. Do contrário essa energia pode retornar ao eu, transformando-se novamente em libido narcísica, em forma de autodestruição superegóica.

Freud (1930[1929]) apresenta um desmanche das ilusões ao denunciar algumas impossibilidades diante de valores incumbidos fortemente na modernidade pela civilização ocidental, como obrigação ou sacrifício. Em primeiro lugar a promessa de felicidade

superegóica, normativa e imperativa. A ânsia por satisfação e afastamento de qualquer sofrimento e desprazer. Ao mesmo tempo que a felicidade se torna subjetiva, é também modelada pelas contingências da realidade do mundo externo.

O amor é outra exigência ideal. A promessa de completude narcísica esbarra na perspectiva de que um ser completo não pode amar, pois a partir da falta busca outro ser também incompleto para sua satisfação, não havendo objeto adequado para satisfação da pulsão. Esta pode encontrar satisfação se desviada de sua meta sexual, como na amizade, no trabalho, ou pela sublimação, o que garante os investimentos libidinais em diversas ordens. A pulsão não pode ser desviada nem sublimada totalmente, pois há sempre a exigência de alguma satisfação direta.

A liberdade individual que supõe um indivíduo autônomo, senhor do seu destino e de seus desejos também é posta em xeque pelo próprio processo de humanização e civilização. O eu comporta uma parte inconsciente, de onde procedem o recalque e as resistências. Ele não é senhor de si mesmo, mas um estrangeiro em sua própria casa. A liberdade individual pode representar uma ameaça real à civilização, pois o eu dividido está submetido a uma outra ordem de funcionamento. De alguma forma sempre reivindicará por uma satisfação, ainda que sua possibilidade ou impossibilidade lhe cause desconforto e sofrimento.

A partir da segunda tópica Freud (1923) formula as três instâncias psíquicas *Id*, *Ego* (*eu*) e *Superego*. O eu não é mais considerado a sede da consciência, como na primeira tópica, e sim “uma organização coesa de processos psíquicos inter-relacionados” (p.30). Essa instância seria caracterizada por um novo dualismo pulsional, que opõe pulsão de vida e pulsão de morte. Constitui uma parte do Id que foi modificada a partir do mundo externo, e tem como papel refrear seus ímpetus passionais.

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (Freud, 1914/1996, p.106).

Nessa perspectiva o eu funciona tentando controlar a energia psíquica, mantendo-a em um nível mais baixo possível (constância), para evitar o desprazer. Ele media os processos primários, regidos pelo princípio do prazer, que busca satisfação e os secundários, regidos pelo princípio da realidade, com sua exigência de adaptação. Instala-se um conflito entre ambos, mantendo o princípio do prazer como objetivo principal. “A ênfase sobre cumprir o

contrato social recai sobre o indivíduo em obediência à lei que comparece como seu limite (ordem superegógica que aciona a culpa individual)” (Rosa, 2016, p. 22).

Para Freud (1914/1996) esse agente psíquico, o superego, cumpre a função de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal de ego. Por meio da observação constante do ego real, o mede de acordo com o ego ideal. Conceitua o ideal do ego como:

(...) o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, a possibilidade de encontrar satisfação no ideal de ego que se diferenciou do ego (p. 113).

O superego é uma construção rígida na civilização. Quando é dotado de culpa torna-se muito exigente consigo mesmo e com o outro. Freud (1930) estabelece que a culpa se origina na constante tensão entre o ego e o superego rígido que se põe como vigia, ao qual o ego está sujeito. O sentimento de amor que funda a família coloca restrições às satisfações pulsionais, sexualidade e agressividade, determinando o que é bom ou mau, certo ou errado, o caminho a ser seguido e ao que se deve renunciar em nome desse amor. Para caber nesses ideais familiares e sociais, o ideal do ego tenta restituir o lugar do ego ideal infantil, dotado de perfeição e valores frente ao investimento dos pais, do qual não se quer abrir mão.

O desamparo e a dependência a essa primeira organização social, a família, como autoridade externa, faz com que o sujeito tenha medo de ser descoberto e punido, perdendo o amor e, portanto, a segurança. Surge a primeira origem da culpa, a ameaça de castração e a conseqüente submissão. Freud (1930) aponta que é necessário uma ação interna, que consiste em uma consciência concebida a partir desse censor externo, a família, mas que se torna interna. O ideal do eu, instância específica composta por uma ordem ideal, fator condicionante do recalque, torna-se o núcleo do superego, através da introjeção da proibição, da lei.

Quando a autoridade é incorporada e internalizada através da identificação, constitui-se o superego, um agente de censura das ações e intenções do eu, fonte dinâmica da consciência moral. O caráter de julgar, punir e exigir característico dessa instância se dá tanto por fatores constitucionais quanto pela influência do ambiente, pelos mecanismos punitivos que a sociedade impõe. O superego dos filhos pode ser medido também pelo superego dos pais e da sociedade. Outra possibilidade é de que a própria agressividade dos filhos para com

os pais, por não poder ser reconhecida de forma consciente, retorna para o ego, pela ação punitiva do superego.

A segunda origem do sentimento de culpa é proveniente de uma ansiedade e medo frente às exigências do superego, que tudo sabe e tudo vê. Essa é a causa também do remorso, não só pelas ações praticadas, mas também pelas almejadas, insuportáveis para a própria consciência e, portanto, passíveis de punição. Nas palavras de Freud: “O preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa” (1930 p. 158). Assim, a culpa aparece como uma insatisfação, um conflito que se coloca no âmbito das relações e dá origem ao mal estar. O sujeito se torna sujeito do mal-estar, produzido pelo antagonismo entre a pulsão e a civilização.

Em *Totem e Tabu* (1913) Freud apresenta o lugar do pai morto, entidade simbólica que ordena uma função de lei e interdição ao tabu do incesto e do parricídio, para impedir a barbárie. Na organização social do pai primevo foi necessário um ato real que consistiu na deposição da tirania e onipotência do pai pelos filhos. Matar o pai para extinguir seu gozo ilimitado, comer sua carne apropriando-se de seus atributos, faz com que o filho tome para si uma parte de sua força. A eleição de um novo ídolo na forma de um Totem como primeiro representante do pai morto, como figura que representa a potência, o medo e a admiração por esse pai. Sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação à autoridade parental.

O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai - proteção, cuidado e indulgência - enquanto que, por seu lado comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real (Freud, 1930/1996, p. 173).

A morte do pai funda um lugar de sujeito para o filho e uma nova ordem social diante da necessidade da vida em comunidade. O canibalismo ancestral praticado em grupo faz com que a culpa seja dividida, solidificando o vínculo pelo amor fraterno. Essa é a origem do sentimento religioso, da moral e das organizações sociais, como também do sentimento de culpa e remorso como sintoma do recalque, fundador da civilização.

O canibalismo é feito de forma simbólica por todo neurótico como forma de reconciliação com o pai, um êxito dos sentimentos afetuosos frente aos hostis decorrentes do complexo de Édipo. O ato real desta vez é simbólico. No lugar do Totem, o superego, no lugar do banquete totêmico, a identificação e a introjeção da lei. No lugar do pai real, o pai simbólico. Sigamos com Freud (1913) em sua afirmação de que “O pai morto tornou-se mais

forte do que fora vivo” (p. 171). É necessário matar o pai para perpetuar sua memória, sua lei, apropriando-se do que foi recebido, tornando-o vivo dentro de si.

Além do mito presente em *Totem e Tabu*, Freud utiliza de outro mito, *Édipo Rei*, de Sófocles, para tratar da proibição do incesto pela castração. A castração consiste, segundo Freud (1940 [1938]) em um rochedo intransponível pelo qual o sujeito se divide, resultando em uma fenda não passível de fechamento. A resposta do sujeito frente ao *não* imposto pela castração, a saída que encontra frente a falta, constituirá sua estrutura e organização psíquica.

Na neurose, estrutura que interessa aqui, isso se dá por meio do recalque. O recalque originário é operado pela mãe na falta, na ausência. Uma relação de dualidade é estabelecida. Uma lacuna na qual a criança percebe o objeto, anteriormente fundido em um só. O recalque secundário se dá em um segundo estágio com a entrada de um terceiro, que instaura a Lei, o impedimento na figura do pai que detém o olhar de desejo da mãe.

Segundo Costa (2010) o complexo de Édipo consiste em uma rede de relações com os objetos libidinais que ocorre na infância de cada sujeito e que organiza a relação entre a mãe e a *imago* paterna. O pai imaginário, idealizado, figura herdada da cultura, tem como primeira função interditar o gozo da mãe e instaurar a Lei. “A Lei ao mesmo tempo que interdita, funda o desejo, fazendo com que não haja Lei sem desejo, nem desejo sem Lei” (Costa, 2010, p. 10). Para ganhar é preciso perder. O desejo que se apresenta aponta para o caráter de objetos que podem ser perdidos, porém, para suplantar essa perda surgem outros objetos substitutos para obturar a falta, outros Totens.

Lacan transfere o lugar do pai para o campo simbólico utilizando a metáfora do Nome-do-Pai (não-do-pai) como mediação da palavra da mãe, dado pelo discurso internalizado pela criança. Tem função de operador lógico que substitui o desejo da mãe e se constrói como símbolo que passa a intervir, inscrevendo no psiquismo a incompletude própria de todo ser humano, organizadora da subjetividade desejanse.

Passa-se à proeminência do campo simbólico, a Lei como organização subjetiva e das leis sociais, necessária para a socialização e a civilização. “As exigências e proibições parentais são internalizadas, o objeto de amor incestuoso é abandonado e o investimento libidinal da figura parental é transformado em identificação” (Costa, 2010, p. 43). A internalização e submissão à lei simbólica, insere o sujeito no laço social, na cultura, trazendo ganhos imaginários como proteção, abrigo e alívio da culpa. Processo imprescindível para a estruturação do eu e a constituição da subjetividade humana, além de possibilitar ao sujeito assumir sua posição sexual, enfatiza a importância da alteridade na constituição de laços sociais, que são também laços discursivos.

## 2.2 - A constituição do sujeito

*Entre mim e você que sou eu simultâneo quem sou? O que se fez enfim, nesse intervalo onde minhas coisas todas pousam na poeira do silêncio o segredo de sua carga?*

*(Arnaldo Freitas Filho)*

Freud inaugura uma nova forma de pensar o homem a partir da noção de inconsciente. Propõe um corte epistemológico com a ideia de sujeito proposto pela filosofia clássica enquanto indivíduo, inteiro, dotado puramente de razão e consciência. Emerge a concepção noção de sujeito psíquico, cindido, dividido entre consciente e inconsciente. Este não está retirado de sua condição histórica, pois é constituído também pelos traços da cultura. Sua constituição, ou aparecimento, passa por uma trama, singular e coletiva, permeada de tecido simbólico e linguageiro.

Sobre sociedade e indivíduo, na dialética do universal e do particular Adorno (1968) afirma que:

o tema dialético repousa no fato de Freud haver descoberto na elaboração de seu próprio material, genuinamente, que quanto mais profundamente se mergulha nos fenômenos da individuação dos seres humanos, quanto mais irrestritamente se apreende o indivíduo em sua dinâmica e seu resguardo, tanto mais perto se chega àquilo que, no indivíduo, já não é propriamente indivíduo (p. 269).

Essa perspectiva visa compreender a economia libidinal para construir o conceito de sujeito não idêntico (dialética material). Busca reconstruir o conceito de sujeito, na gênese do indivíduo moderno como um sistema de cicatrizes e de clivagens produzidas pelo processo de socialização da libido e do desejo, centrais ao aparelho psíquico. “O sujeito não é o indivíduo justamente no ponto em que o singular de seu desejo escapa de uma conjuntura que busca determiná-lo e exercer seu poder no escuro das relações” (Rosa, 1996 p. 22).

Sobre a metapsicologia Garcia-Roza (2002) conceitua o inconsciente freudiano como um lugar psíquico que se apresenta apenas de forma distorcida e equivocada, pois comporta um enigma, uma verdade, passível de decifração por meio da palavra. A palavra adquire seu significado pela da ligação com o objeto, e o mesmo se constitui como tal por meio dela. O autor trabalha a ideia desenvolvida por Freud acerca do aparelho psíquico como aparelho de linguagem, composto por memória, memória de linguagem, formando-se

ao poucos na relação com outro aparelho de linguagem, com o outro enquanto falante. Nas palavras de Garcia-Roza (2002), “O aparelho psíquico não é em-si, é para-outro, e é nessa relação ao outro que se constitui a consciência-de-si” (p. 42).

Freud (1923) parte de três perspectivas para pensar o aparelho psíquico e, por conseguinte, a constituição do sujeito. A perspectiva topográfica, referente a primeira tópica, localiza as regiões, os sistemas Consciente, Pré-consciente e Inconsciente. A perspectiva dinâmica se refere à capacidade de alguns processos psíquicos, ou ideias [*Vorstellungen*] transitarem de um registro a outro. A perspectiva econômica leva em conta o fator quantitativo, a intensidade dos processos psíquicos, resultando na economia libidinal. A distinção entre o que é consciente e inconsciente é atribuída à percepção de sensações que se referem a série prazer-desprazer, o aumento ou diminuição do acúmulo de carga de energia.

A memória funda o aparelho psíquico por meio de impressões que comportam uma quantidade de energia e se inscreve no psiquismo como traços de material mnêmico. Esses traços são permanentes e não podem ser apagados, tornando-se escrituras. Elas se inscrevem no corpo e no psiquismo e dizem das primeiras experiências de satisfação e frustração. Enquanto estrutura e funcionamento, o aparelho psíquico é regido pelo princípio do prazer, e está fadado ao engano e a contradição, pois há uma busca pela repetição da primeira inscrição de satisfação, que marca a distinção entre prazer/desprazer, tornando-se um modelo. “É necessário um outro aparelho que se contraponha a ele fornecendo um princípio de correlação através de signos de realidade” (Garcia-Roza, 2002, p. 224).

Os signos de realidade referem-se ao mundo externo, ao que está na cultura e na sociedade, presentes e transmitidos pelo discurso. Discurso esse que faz laço, que determina e condiciona a humanização e a civilização, possibilitando a constituição do aparelho psíquico como tal e, portanto, a constituição do sujeito, a saber, o sujeito que importa à psicanálise, o sujeito do inconsciente.

O sujeito não existe sozinho, nem fora do laço social. O filhote de homem nasce em uma condição de desamparo estrutural e discursivo, sem a capacidade de significar o mundo à sua volta. O processo de humanização depende da inscrição de um outro que nomeia e introduz na ordem simbólica dando contorno ao desamparo. Os pais ou seus substitutos que desempenham a função de cuidado consistem no primeiro outro, transmitindo e inserindo o bebê na cultura, no laço social. Essa inscrição se dá através da linguagem, que é anterior ao sujeito e o funda, articulando o discurso familiar à cena social.

### 2.2.1. A ordem significante

*A ordem significante que causa o sujeito, estruturando-o num processo de divisão que faz advir o inconsciente.*

*(Joel Dör)*

Em uma primeira perspectiva Lacan (1966a/1988) aborda o inconsciente como letra, um real letrificado, que traz a dimensão da *alíngua*, efeito da linguagem no sujeito, com significantes extraídos do seu efeito de sentido. A língua não é capaz de traduzir o pensamento em palavras, ela é um sistema de valores que serve de “suporte material que o discurso empresta à linguagem” (p. 225). As marcas advindas de traços inscritos pelas relações originais do sujeito com as imagens familiares são submetidas a uma ordem cultural das relações sociais, criando a especificidade da cadeia significante. O sistema simbólico funda a linguagem e torna possível o social, o coletivo, ao oferecer ao sujeito a possibilidade de representação significante. O significante pode, assim, produzir algo novo no Real, um sulco para o Simbólico.

Servindo-se dos trabalhos de Ferdinand Saussure (1857-1913), Lacan destaca o caráter arbitrário do signo linguístico e a distinção entre as ordens significante e significado quanto à significação, pois esta não se sustenta se não for remetida a outra anterior. Sobre a amplitude da função significante sobre a gênese do significado alerta para o equívoco da busca de sentido. O significante não responde à função de representação com uma significação qualquer, pois ele opera justamente apontando para significações inacabadas. Nas palavras de Lacan: “a estrutura do significante está, como se diz comumente da linguagem, em que ele seja articulado” (p. 231).

Isso posto, pode-se afirmar que desde antes do nascimento a criança recebe um banho de linguagem. A forma como é falada, planejada, desejada, como é simbolizada, chega pelos significantes. Estes só apresentam sentido dentro da narrativa que os compõem, com todos os elementos que o cercam. O discurso tem papel fundamental na construção (e contação) da história, na constituição da singularidade e subjetividade. Pois, “O foco passa da palavra ao significante. O significante não se reduz ao terreno das palavras, não reconhece a propriedade privada, não é próprio de ninguém; cruza, circula, atravessa gerações, trespassa o individual, o grupal e o social” (Rosa, 2016, p. 18).

Lacan (1964) apresenta o conceito de inconsciente como discurso do Outro e, posteriormente, (1966) como transindividual. Nessa perspectiva o inconsciente está para

além do indivíduo, do que é experienciado subjetivamente, pois está fora do registro do eu, enquanto discurso concreto que falta ao sujeito. Diz respeito a um determinado campo simbólico, que comporta o espaço social e histórico no qual é previamente inserido por meio da linguagem. Uma verdade que pode ser resgatada, porque já está escrita e é transmitida por um Outro. Essas marcas se fazem presentes na escrita do corpo, na língua, nas tradições e distorções. O sujeito é *e-feito* do Outro, causa e constituição e, portanto, uma transmissão.

O “Outro do inconsciente que o sujeito não reconhece como eu e que não deixa de ter sido constituído a partir da incorporação dos pais da infância” (Alberti, 2010, p. 10). Este Outro se refere ao Outro da linguagem. Se “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” como afirma Lacan (1964, p.199) é pela linguagem que o sujeito pode advir. O sujeito não é inato, mas determinado pela função simbólica. O sujeito de linguagem se apresenta como resposta ao encontro com o Outro, que o antecede e nomeia as demandas.

Lacan (1964) estabelece uma articulação fundamental entre sujeito e significante quando afirma que "um significante é aquilo que representa o sujeito para um outro significante" (p.203). Equivale a dizer que o sujeito, determinado pela linguagem e pela fala, nasce no campo do Outro por ser lá que se constitui o primeiro significante. Define o Outro como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (p.200). Atribui a função de estruturação subjetiva, encarnada por diversas figuras ao longo da vida, parentais e relacionais, que servem de referência e para onde são encaminhadas as demandas de amor.

### 2.2.2. Alienação e separação

*A divisão do Sujeito implica, na perspectiva lacaniana, ter de se definir uma parte de nossa subjetividade como sujeito do inconsciente, como sujeito do desejo.*

*(Joel Dör)*

Lacan (1964) atribui ao Outro a causa do sujeito, na dimensão simbólica de Outro pela ordem advinda da linguagem, na dimensão imaginária de semelhante pela identificação, e também na dimensão real enquanto realidade impossível de representação e simbolização. Trataremos inicialmente da dimensão simbólica, determinada por duas operações de constituição do sujeito: alienação e separação.

A primeira operação, a alienação, consiste em um *vel* essencialmente letal, pois condena o sujeito a só aparecer na divisão. De um lado aparece como sentido, produzido pelo significante, do outro lado como afânise, em seu desaparecimento como sujeito dividido e desejante. Cabe aí uma escolha forçada ilustrada por Lacan (1964) com a metáfora da bolsa roubada: “A bolsa ou a vida?” (p. 207). Se o sujeito escolhe a bolsa, metaforicamente entendida como a liberdade, o ser, escolhe não alienar-se ao campo do Outro, perde tudo, a vida e a bolsa. Não se constitui como sujeito, e tem a liberdade de desaparecer, lhe restando a morte. Se ao contrário o sujeito escolhe a vida, o sentido, abre mão de certa liberdade, se torna escravo, Vive uma vida decepada do não-senso, dividida, como o próprio inconsciente, que comporta um saber e um não saber sobre si.

A natureza desse sentido se dá pela via do significante, pois a partir de uma cadeia de significantes o sujeito é transformado pelo Outro na e da linguagem, onde fica alienado em uma dependência significativa com o lugar do Outro. “O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação” (p. 203). O ser humano entra na ordem simbólica e é inserido no campo da linguagem por meio dos significantes oferecidos pelo Outro primordial, inicialmente ocupado pela função materna. A condição de submissão e assujeitamento a estes, torna-o também um significante na cadeia e, portanto, “efeito do significante” (p.203). A dependência do sujeito ao significante presente no campo do Outro constitui sua primeira falta.

Voltemos a ideia ou representação [*Vorstellungen*] freudiana com a qual Lacan (1964) reafirma que recalca-se não o afeto, o representado do desejo, a significação, mas o representante representativo [*Vorstellungenrepräsentanz*], ou seja, o significante, único processo psíquico possível de chegar à consciência. De onde Lacan pôde concluir que "(...) o desejo é o representante não representativo" (p. 213) pois é desejo do Outro, está alienado e atende ao gozo do Outro, de forma que o objeto, construído na cultura, no campo do Outro, sempre causa frustração pois não corresponde totalmente.

O primeiro significante, unário, e também o sujeito, surgem no campo do Outro. Sua representação para outro significante, o significante binário [*Vorstellungenrepräsentanz*] ao qual o sujeito se aliena e submete "tem por efeito a afânise do sujeito" (p. 207), seu desaparecimento. Há, entretanto, um elemento de reunião, matematicamente falando, uma intersecção entre os conjuntos, entre os lados divididos pelo *vel* da alienação. Ao mesmo tempo que funda o primeiro tempo, produz em um segundo tempo a segunda operação. Uma dialética que conduz o sujeito e exige uma torção, através da qual este precisará procurar-se, engendrar-se, para o desvelamento das duas faltas que ela recobre, uma sobre a outra.

Essa dialética consiste na junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro, o que denuncia a não-reciprocidade e a via de retorno necessária do *vel* da alienação pela separação, ao fazendo nascer o sujeito dividido e desejante. Há aí uma tentativa de balizamento, uma borda, pois “não há sujeito sem, em alguma parte, afânise do sujeito, e é nessa alienação, nesta divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito” (Lacan, 1964, p. 209).

A segunda operação, a separação, refere-se à inscrição do desejo do Outro na falta que há no intervalo significante. Há uma falta, uma lacuna na interseção entre o sujeito e o Outro, a qual dá-se o nome desejo. “O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os *por-quês?*” (p. 209). Essa falta no discurso, representada pelo intervalo entre os significantes, denuncia algo de inapreensível na fala, a impossibilidade da comunicação e da transmissão sem furos, sem os restos da linguagem. Impossível dizer o que quer e entender o que ouve, o que é pedido, demandado ou desejado, o enigma do desejo do adulto. “Não escapa, portanto, de perguntar-se: 'O que quer de mim?'. A separação envolve, não o saber do Outro, mas o desejo do Outro” (Rosa, 2016, p. 23)

O desencontro traumático ocorre com a percepção de não ser tudo para o Outro, pois ele quer mais, deseja para além. A tentativa de decifrar o lugar que ocupa no desejo desse Outro desvela as duas faltas encobertas e estruturais, do Outro e de si. A impossibilidade de ocupar o lugar de objeto de desejo que sutura e completa totalmente a falta do Outro, revela a própria falta, a própria incompletude. Ela abre a possibilidade de questionamento, de dúvida, de falta, e portanto, de desejo.

Cabas (2010) caracteriza o sujeito como uma função “indissolivelmente ligada ao desejo”(p. 152), registrada no simbólico pelo significante no qual encontra sua representação. O sujeito é constituído pela falta em suas duas dimensões: falta um significante que o defina, e um objeto que lhe dê satisfação plena. Para Lacan (1964 p. 214): “É nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito”, pois a partir da experiência do discurso do Outro e da falta no Outro, presentificada pelo desejo, o sujeito responde com sua própria falta e com seu desejo. Desejo no entanto desconhecido, pois está além ou aquém do sentido dado por esse Outro. “É uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte” (p. 210).

Para tornar-se sujeito, dividido e desejante, é necessário portanto, a inserção na ordem simbólica da linguagem e a submissão à lei pela castração, pois as normas e leis apresentadas pela linguagem, além de estruturar o sujeito, condicionam seu desejo e suas demandas, como respostas à demanda do Outro. Tal experiência de inserção e alienação no campo da linguagem, no campo do Outro, é primordial para que dali possa emergir um sujeito

desejante, que tem seu desejo sustentado pelo desejo do Outro, para posteriormente consolidar a falta que o constitui e possibilita, assim, a passagem para o plano do desejo.

Mas o que estamos chamando aqui de desejo? Essa categoria inominável que só se sustenta no discurso. Desejo que é articulado no inconsciente e, portanto, não articulável pelo sujeito, a não ser na dimensão simbólica. Fundado pela falta, do/no Outro, pelo discurso do Outro. Lá se mantém? É possível/passível de uma escolha? Se considerarmos que existe um sujeito ativo e participante em sua construção e estruturação subjetiva, podemos pensar que há sim escolha, ainda que inconsciente e às vezes forçada, porque exige renúncias.

Como na dialética do escravo apresentada por Lacan (1964, p. 212) “Não há liberdade sem vida, mas não haverá para ele vida com a liberdade”. O escravo pode escolher morrer para não abrir mão da liberdade. Ele pode ao contrário, escolher viver, submetendo-se ao senhor e suas leis para ganhar uma vida sem liberdade, na condição da falta e do desejo.

Assim, ser sujeito não é essência, mas movimento, errância, um caminhar incessante em seu pensamento, vida sem repouso, sem medir distâncias, processos presente na dimensão errante do desejo e sua articulação com as leis do inconsciente, o deslocamento ou metonímia (Rosa, 2006, p. 95).

O movimento metonímico do desejo, corta os significantes, separa, desliza e também faz criar. Alienação e separação se repetem e atualizam de forma dinâmica várias e várias vezes ao longo da vida, em maior ou menor nível, sempre que o sujeito se depara com a presença do objeto. Aliena-se para poder se separar, ou separa-se para poder novamente alienar-se? Um movimento constante de avançar e recuar, como o próprio movimento desejante, no qual há uma hiância entre o que se deseja e o que é obtido, a falta, que põe o sujeito novamente a desejar.

A afânise do sujeito é a marca que houve a inscrição de um Outro em seu psiquismo, do qual precisa se separar. Um tanto dessa herança linguageira da instância familiar permanece ao longo da vida, seja na ausência da presença, ou na presença da ausência. Diante disso pode-se perguntar: O que fazer com os significantes recebidos pelo discurso do Outro? É possível ao sujeito ocupar um novo lugar no mundo a partir das cadeias significantes que o constitui? Está fadado a se manter alienado, e ter sua subjetividade desejante morta ou não nascida? E quanto ao adolescente no contexto contemporâneo? Será que diante das atuais exigências de sucesso e adequação, a ele é dada a opção de escolher separar-se? O que é oferecido, e o que pode ser alcançado? Uma liberdade sem vida, ou de uma vida sem liberdade?

### 2.2.3. Os tempos do sujeito - O significante Falo

*O desejo é a metonímia do ser do sujeito, o falo é a metonímia do sujeito no ser. Voltemos a isso. O falo é o elemento significante subtraído da cadeia da fala, na medida em que ela envolve toda relação com o Outro.*

*(Jacques Lacan)*

Propõe-se aqui pensar a constituição subjetiva a partir dos três registros ou instâncias psíquicas - Real, Simbólico e Imaginário. Os diferentes tempos do sujeito na dialética edipiana, da passagem do ser ao ter o falo, representa um momento constitutivo que interfere diretamente na organização psíquica e na precipitação da subjetividade desejante. Salienta-se esses tempos, assim como as fases do desenvolvimento psicosexual não se dão de forma organizada, nem em ordem cronológica de acordo com a idade, visto que o inconsciente é atemporal. Trata-se de um tempo subjetivo pois “A psicanálise atende a criança, mas aponta para o sujeito. Aponta para o sujeito, que não é infantil, nem adolescente, nem adulto. O sujeito a que me refiro, sujeito da estrutura, não tem idade, mas tempos” (Flesler, 2012, p.19).

Lacan (1966a/1988) apresenta o falo como primeiro e único significante, da falta, e portanto, do desejo. Seu efeito imaginário cumpre uma função de levantar o véu dos efeitos de significado e desvelar a falta, estruturando o desejo para além da demanda e da necessidade. Afirma que há no Outro uma anterioridade lógica a todo despertar do significado, onde o sujeito encontra seu lugar significante, acesso possível somente pela via do jogo significante presente na metonímia da demanda. “É na dialética da demanda de amor e da prova do desejo que o desenvolvimento se ordena” (Lacan, 1966, p. 270).

Real, Simbólico e Imaginário são pensados por Lacan (1974-75) a partir do nó borromeano. Consiste em uma tríade, um entrelaçamento, no qual um não se sustenta sem o outro. O Simbólico compreende a relação entre inconsciente e linguagem. Nele o sentido é equívoco, cabe a ambiguidade e polissemia, a dúvida, que abre o discurso significante, mediando o Real e o Imaginário. O Imaginário diz respeito ao corpo, ao que é da ordem do especular, anulando as diferenças entre o Eu e o Outro. Busca uma certeza, uma verdade, o sentido é unívoco e não tem a mediação da palavra. Entram aí os ideais e idealizações. O Real é o "sem sentido", que se inscreve na estrutura psíquica com sua própria impossibilidade. “(...) tudo começa a partir do real, ele constitui a base da estrutura do sujeito

falante” (Coutinho Jorge, 2005, p. 98). É o furo, a falta, "um buraco nomeado metaforicamente".

É desse modo que, de acordo com Flesher (2010), a chegada de um filho é marcada pela operação de antecipação e nominação do mesmo. A operação começa inicialmente no desejo dos pais por essa criança, por qual lugar ela ocupa na fantasia deles e onde é colocada, como objeto de amor, de desejo ou de gozo. Os pais ocupam também um lugar na estrutura do filho que requer operações específicas em cada um dos tempos desse sujeito

Não basta conceber e criar, é preciso desejar e adotar o filho. A criança precisa ser incluída no plano do erotismo como objeto de amor, que gera limites para o gozo desatado. Incluída também como objeto de desejo, que engendra uma falta e aponta para o mesmo. Em cada tempo do sujeito é necessário, entretanto, que haja uma regulação de gozo por parte dos pais, resguardando seus próprios gozos e mantendo o enlace balanceado. “(...) se o encontro amoroso se precipita no bom enlace, é no plano do erotismo que se manifesta a necessária recriação dos tempos do objeto para a renovação do encontro. Recriação desse objeto, cuja alternância entre gozo e falta não está assegurada” (Flesher, 2010, p. 67).

A primeira identificação, primordial, consiste na identificação com o falo, como significante da falta. Presente no primeiro tempo do Édipo, consiste em ser ou não ser (o falo), enquanto objeto faltoso, representante psíquico de poder (satisfazer o outro). É regido pelo registro Imaginário, no qual ainda há poucos recursos simbólicos. As necessidades da criança, que ainda não comporta uma unidade corporal própria, ficam sujeitas à demanda do Outro e nela retorna de forma alienada. Há uma convocação, que vai além da satisfação do que se pede, uma demanda de amor, que tem por base a ilusão de completude, reduzindo o desejo à demanda (Lacan, 1966a/1988).

O desejo da mãe está inscrito na dimensão do ter, ter o que lhe falta. Segundo Freud (1924) o lugar designado ao filho pela mãe é resultado de um processo de resolução edípica, no qual ele ocupa a função de equivalência fálica, com o estatuto ilusório de completude narcísica. O desejo por ter um falo é transferido ao filho como substituto na equação simbólica: bebê = falo. Nessa perspectiva vemos o binarismo significante do falo em sua dupla função: de falo imaginário, que funciona como véu ao recobrir essa primeira falta e função de articulador significante, que funda a operação de antecipação desse filho, colocando posteriormente em jogo a lógica de incompletude presente.

Há um ponto de interrogação. Trata-se do desejo de ter um filho ou da demanda de obtê-lo, pela ilusão de então ser completa? De todo modo, para que haja desejo há de haver falta. A mãe deseja o filho/falo. Sustenta narcisicamente essa relação, colocando-o como

substituto do objeto sexual completo. “O falo imaginário, um franco operador introduzido pela mãe, traz um atrativo essencial para a economia do desejo materno, representado, por sua vez, um perigoso desafio para o sujeito” (Flesher, 2010, p. 42).

O desejo da mãe funciona como isca, mas cabe à criança abocanhá-la ou não, pois há atividade de ambas as partes. A criança ama a mãe fálica, completa, e se identifica imaginariamente como o objeto de seu desejo e também de seu gozo. Lembrando que para Lacan (1998) todo desejo comporta uma parcela de gozo, de anseio por uma satisfação imediata e plena. O falo representa então tanto o significante do desejo como também o significante do gozo. “Ser o falo da mãe implica ser o objeto que causa gozo à mãe” (p. 186).

A criança deseja ser o que satisfaz e completa a mãe, no lugar de objeto. Não sabe que o desejo da mãe não pode ser satisfeito, por ser marcado pela falta. O desejo da criança fica privado, velado na dimensão do ser (o falo da mãe), cumprindo o papel de objeto faltoso, de forma a mascarar a falta no Outro. Portanto, “(...) é um tempo que, para o sujeito, vai se transformar dialeticamente numa bivalência: ser ou não ser o falo” (Flesher, 2010, p. 42).

O tempo de alienação no qual a demanda da mãe é atendida pela criança é essencial e primordial para que ela dê entrada no narcisismo enquanto processo estruturante da subjetividade. A criança adentra e fica submetida ao enigma do desejo materno, ao seu gozo sem lei, sentido também como gozo próprio. A satisfação auto-erótica é encontrada através desse corpo que se torna complemento do corpo do Outro. As demandas são nomeadas e há uma identificação com o lugar de objeto investido de libido e amor.

A entrada da criança na fase fálica precipita o primeiro despertar pulsional, produzido quando vê a castração na mãe, como percepção psíquica da descoberta da castração do Outro primordial. Esse tempo de despertar, ou instante de olhar, como propõe Lacan no estágio do espelho, é marcado pelo predomínio do Real que subscreve o Imaginário. “O sujeito fica aí sabendo se ele tem ou não um falo real, na medida em que ele toma conhecimento de que a mãe não o possui. Tal é o momento da experiência sem a qual nenhuma consequência sintomática ou estrutural que se refere ao complexo de castração tem efeito” (Lacan, 1966/1988, p. 271).

O falo agora como operador simbólico, introduz e representa o ponto de falta no sujeito, dando abertura para o desejo. Constitui o significante do real da diferença entre os sexos. Permite que um pai real assuma a representação simbólica da lei através do pai imaginário, operando a interdição que regula a economia do desejo e do gozo entre mãe e filho. Façamos um parênteses para falar sobre o lugar do pai. Não do pai da realidade, o

homem, genitor, mas o pai em sua função de mediação da palavra e do desejo da mãe. Este tem como elemento simbólico ativo a proibição ao falo, operação que interdita mãe e filho.

Vejamos o tríplice aspecto proposto por Lacan (1983) quanto aos diferentes nomes do pai, por conseguinte, o pai Simbólico, o pai Imaginário e o pai Real. O pai Imaginário é aquele que intervém na tríplice marca da falta: privação/castração/frustração, reconhecido pela mãe como aquele que lhe “faz a Lei”. Como único depositário legal do falo a mãe o deseja junto a ele. É o pai absoluto, onipotente, gozador e castrador. Além da interdição do gozo, ele dá acesso à identificação por parte do filho, na dialética de agressividade e idealização.

O pai da realidade precisa estar presente no imaginário. Se ele não existe precisa ser inventado, pois desempenha papel de presença que certifica o Outro. Introduce um elemento do Real no Simbólico, com função imaginária de castração, para assunção do complexo de castração. O pai simbólico, representado pela metáfora paterna do Nome-do-Pai é elemento indispensável à estruturação subjetiva, pois instaura o complexo de Édipo. O Nome-do-Pai ou o Não-do-Pai desloca o significante primordial, primeira simbolização da ausência da/nã mãe, anulando a unidade mãe/criança, de forma a neutralizar o desejo devorador do Outro, o gozo do Outro (Lacan, 1983).

Nesse sentido, o complexo de Édipo freudiano é determinado, principalmente, pela intrusão paterna. “Aqui se afirma a conjunção do desejo na medida em que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta de ter. Logicamente, é da lei introduzida pelo pai, nessa sequência, que depende seu futuro” (Lacan, 1966a/1988, p. 271). Há uma mudança de cena na tríade mãe-criança-falo, uma separação, na qual o universo materno se fecha, instalando um conflito. Ao mesmo tempo abre a possibilidade de ascender a um novo gozo, a potência fálica, quase que como um promessa: a passagem do Ser para o Ter o falo.

É um tempo pulsante, inquietante, no qual se verifica um gozo, retirando o véu com o qual se cobria e se vestia a ilusão de completude. A espessura angustiante que o rasgado desperta com sua presença torna necessário um enlace produtivo, simbólico, para dar limite e medida ao novo gozo (Flesher, 2010, p. 74).

De acordo com Freud (1924/1931) é nessa dialética que o pai conduz a criança para o registro da castração, no menino como saída do complexo de Édipo e na menina como entrada. Na menina o complexo de Édipo demora a ser elaborado. Devido à importância do período pré-edípico, a relação com a mãe retorna de forma simétrica na fase adulta. A menina

precisa separar-se da mãe para entrar no complexo de Édipo. No menino há a identificação com o pai, determinada pelo medo da castração, medo da lei. Há um pressentimento em torno da castração devido a ausência de representação psíquica do sexo feminino (o Outro sexo). Só o homem é o detentor do falo, como objeto imaginário que orienta a diferença sexual, no que se refere ao masculino e ao feminino. Essa ameaça e constatação se dá para ambos os sexos e é sentida como angústia.

Flesher (2010) afirma que a passagem do tempo de ‘Ser ou Ter’ o falo para a fase de latência, tempo de compreender, exige a renovação da operação de antecipação e nomeação do desejo dos pais. Passagem também do domínio do registro Imaginário para o Simbólico, no qual o Outro precisa suportar o corte e a redistribuição de gozo, nomeando um novo lugar para o sujeito, desta vez como possuidor do falo, como falóforo. Do contrário, quando o Nome do Pai enquanto lei não opera efetivamente em sua função de enlaçar os registros - Real, Simbólico, Imaginário - em seus limites de forma equilibrada, as relações triangulares de amor, desejo e gozo produzidas podem desencadear inibições, sintomas e angústias.

Lacan (1958-1959) aponta que “Ante a presença primitiva do desejo do Outro como obscuro e opaco, o sujeito encontra-se sem recursos” (p. 26). Assim, a angústia aparece como um sinal de possibilidade de produção e orientação de desejo, de produção do novo, mas também de ruptura, de corte, de castração, não só no sujeito, mas no Outro primordial. “A fonte absolutamente fundamental da neurose é não querer que o Outro seja castrado” (p.26).

Para a mãe ter, o sujeito precisa ser. Na perspectiva lacaniana trata-se do ser do sujeito, em relação à identificação imaginária pela posição do eu ideal, paraíso perdido da infância. Introduzido pela ação simbólica como significante da falta e do desejo do Outro, enigma impossível de ser respondido, a posição simbólica do ideal de eu. O que o Outro quer de mim? Qual o lugar que ocupo no desejo do Outro? “A constatação sobre o que sou eu no desejo do Outro fica enevoadada com a colagem ao desejo materno” (Rosa, 2016, p. 23).

É do lugar do eu que o Outro é questionado. A resposta não pode ser obtida de forma plena, pois fica um resto irreduzível na constituição subjetiva, entre o Imaginário e o Simbólico, que escapa ao sujeito, o Real. Para fazer frente a esse Real indizível, diante da experiência de desamparo na sua relação com o desejo do Outro, o sujeito se defende com seu eu na forma de angústia, como sinal do Real, da falta, do objeto *a*. “Na medida em que ele é a sobra, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente nesse resto, por analogia de cálculo, o objeto perdido. É com isso que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia” (Lacan, 1963-1964, p. 179).

O objeto *a* se inscreve no cruzamento entre os três registros do nó borromeano, e pode funcionar como presença ou ausência. Como ausência, falta constitutiva, causa o desejo no sujeito, desejo de desejar, um desejo puro, sem objeto. Funciona como resto do processo de substituição do enigmático desejo da mãe pela função simbólica do pai. Como presença, se põe diante do sujeito em sua faceta Real, como objeto mais de gozar, que procura um gozo sem falta, o objeto que não há (presença da ausência).

“A angústia, portanto, é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que só depois de superada a angústia, e fundamentado no tempo da angústia, que o desejo se constitui” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 193). Se a angústia se localiza entre o gozo e o desejo, funcionando como uma tentativa compulsiva de tamponar a falta, não se pode acessar o desejo sem a experiência de angústia.

Com a irrupção pulsional da puberdade tem início o segundo despertar sexual. Esse tempo marcado pelo predomínio do Real exige mais uma vez colocar em jogo a operação do desejo dos pais, do Outro. Novos arranjos, novos enlaces acerca do amor, desejo, gozo e recriação do objeto. O sujeito precisa ser legitimado pelo Outro a usufruir do acesso ao gozo e da escolha de objeto fora do âmbito familiar, no corpo do parceiro sexual, tendo a fantasia como orientadora do desejo. A passagem do berço à cama depende, que a falta tenha sido recriada e o falo colocado em jogo em todos os outros tempos da infância (Flesher, 2010).

Para Lacan (1958-1959) o falo tem relação com o ser do sujeito falante “como aquele que assume sua identidade no campo da linguagem” (p. 234). Na medida em que no Outro ocupa o lugar de fala, a relação com o falo já existe, e o sujeito entra em competição com ele, porém “(...) não se pode ser o falo e tê-lo. Para que, em certas condições, o sujeito venha tê-lo, é preciso que abra mão de sê-lo” (p. 234). O sujeito só pode ter o falo e fazer uso dele como significante do desejo se abrir mão da constância do ser (falta a ser). Assumir o ato e o lugar de fala em nome próprio (fala a ser), como sujeito barrado, é dizer sim à castração, em si e no Outro. “Se o sujeito não consegue ter acesso ao mundo do Outro, é porque o falo não está posto em jogo, está reservado, preservado” (Lacan, 1958-1959, p. 251).

Lacan (1958-1959) usa uma analogia para ilustrar a alternância do falo. Como na brincadeira do anel que passa de mão em mão, o falo também deve circular. Ninguém o possui, mas ao mesmo tempo pode-se possuir gozando de sua potência. A significação fálica é o que o torna desejado e desejável, disputado como símbolo de poder, que imaginariamente preenche a falta. Como o anel, ele só possui sua efetividade se velado, como ausência, aquilo que falta, que causa o desejo. “Do lado do sujeito o falo é esse anel que não está em lugar nenhum e que precisa ser encontrado, e que com certeza jamais será encontrado” (p. 250).

Na adolescência o jogo significativo da metonímia do desejo, da significação fálica é posto em xeque novamente. Frente à metamorfose vivida no corpo e a organização completa das funções sexual em direção à genitalidade, o sujeito revive os conflitos e impasses edípicos. Tem que se haver novamente com a castração e a diferença sexual. Momento decisivo em que há uma vacilação na relação com o Outro, como o desejo do Outro e com o próprio desejo.

O adolescente fica às voltas com o objeto inapreensível, o objeto *a*, na face de presença. Momento que configura a irrupção do sinal de angústia pela aproximação do Real predominante, pela falta de significantes que contemplem tamanha transformação física e psíquica. O remédio para a angústia é a própria castração, ao abrir portas para o desejo. É preciso eleger novos objetos, construir simbólico e imaginariamente objetos de desejo que façam frente a esse objeto perdido. Se há uma fixação em objetos e metas pré-genitais, o adolescente permanece na tentativa de *ser*, e não passa a *ter* o falo. Não cumpre a promessa de gozar falicamente, não recebe o dom do pai, o que acarreta em um empobrecimento em sua economia libidinal, dificultando o investimento em objetos e a procura pelo falo.

Uma nova separação entra em pauta, agora exigindo uma mudança de posição em relação ao Outro. Essa nova operação reatualiza a pergunta “O que o outro quer de mim?” e suscita novas (antigas) perguntas: “Que valor tem pra ti o meu desejo?” (Lacan, 1964, p. 215) “Pode ele me perder?” (p. 210) Posso perdê-lo? Posso me separar e desejar sozinho? Ser e falar em nome próprio? A separação das figuras parentais consiste em passar do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo, ir para além do discurso do Outro “onde se prende o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento” (Lacan, 1966, p. 255). Suportar o não saber sobre o Outro, sobre o lugar no desejo do Outro, construir a barra no Outro a partir da premissa que “a mesma implicação da dificuldade em relação às vias do desejo existe também no Outro” (Lacan, 1964, p. 184). Se o adolescente tenta corresponder ao ideal de eu como garantia para não se haver com o desamparo, permanece alienado ao desejo do Outro. Supõe em sua fantasia que esse é o desejo do Outro sobre si e não pode, assim, reconhecer os próprios desejos.

Para Flesher (2010) “as vicissitudes seguidas pela redistribuição de gozo em cada tempo da infância parecem, por sua vez, definitórias tanto das modalidades com que o sujeito orientará seu desejo no mundo, quanto das fixações futuras em que seus gozos se estancarão” (p. 50). Para que se possa fazer a barra no Outro em algum momento da vida, pois independe da idade cronológica, é preciso ter encontrado a consistência necessária no Outro no primeiro tempo. “Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 366). A redistribuição de gozo operada pelo Outro, mas também pelo sujeito, põe à prova a

eficácia do enlace do nome do Pai no nó borromeano em equilibrar amor, desejo e gozo, de forma que o objeto que orienta o desejo possa recriar a alternância de presença e ausência.

### 2.3 - O processo identificatório na adolescência

*A Psicanálise pensa os processos de constituição de laços sociais a partir das dinâmicas de identificação.*

*(Vladimir Safatle)*

Segundo Roudinesco (1998) identificação é o “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (p. 365). Trata-se de um processo inconsciente e contínuo, imprescindível para a constituição da subjetividade, de um eu, pois oferece ao sujeito um norte, uma referência, além de possibilitar a superação do conflito edipiano.

Freud (1921) em *Psicologia de grupo e análise do ego* investiga a influência dos grupos na constituição psíquica do sujeito, assim como as alterações mentais decorrentes da relação com o outro. Nesse contexto, o processo identificatório permite pensar os processos psíquicos concomitantemente ao campo social, pois sustenta os mecanismos de inserção no registro do Outro da linguagem. A experiência subjetiva fica submetida à influência e aos efeitos da relação com o Outro, do qual o sujeito recebe elementos através do grupo e da cultura, se apropriando por meio da identificação.

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1921/1996, p. 77)

O autor aborda a sujeição e as construções identificatórias presentes na relação com os outros mais próximos que compõem a vida de um sujeito, pais, irmãos, amigos, objeto amoroso, como fenômeno social. Sustenta assim a possibilidade de que o *instinto social* não seja primitivo e que os primórdios de sua evolução podem ser encontrados no círculo familiar, a primeira organização social e grupal que o sujeito experimenta. Conclui que as relações amorosas e os laços emocionais constituem a essência da mente grupal.

A identificação é considerada por Freud (1921/1996, p. 109) como “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. Considera também que a essência de

uma formação grupal se sustenta pelo mesmo processo pelo qual o ego se constitui, pela necessidade de novos laços libidinais, aproximando dessa forma o social ao individual. “E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo” (p. 117).

Freud (1921) apresenta três tipos de identificação. O primeiro tipo é a identificação com o pai, como ideal e modelo, no complexo de Édipo. Relação ambivalente que comporta ao mesmo tempo admiração e hostilidade. A identificação com o desejo de substituir o rival faz com que o sujeito o incorpore, por meio da introjeção do pai como objeto no ego. Refere-se à fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal na qual o objeto amado é assimilado pela ingestão, que provoca seu aniquilamento.

Lacan (1953-1954), entretanto, afirma que a “introjeção é sempre introjeção da palavra do outro” (p.114), e acentua que o supereu autêntico consiste em uma introjeção secundária, cronológica, como a incorporação, que resulta na identificação. Sobre a identificação com o pai:

Freud nos diz com efeito, que é na medida em que esse objeto - o pai, por exemplo, numa primeira esquematização sumária e grosseira do complexo de Édipo - terá sido interiorizado, que ele irá constituir o supereu. Isso representa, no total, um progresso, uma ação benéfica do ponto de vista libidinal, já que, pelo fato de ser introjetado, ele entra - esta é uma primeira temática freudiana - na esfera que, no mínimo por ser interior, é, por este fato apenas, investida o suficiente, e pode ser objeto de investimento libidinal para o sujeito. E é mais fácil fazer-se amar pelo ideal do eu do que pelo que foi, por um momento, o seu original” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 426).

Posteriormente Lacan (1958-1959/2016) fala pelo viés da dialética social sobre a “função imaginária do pai, de sua *senioridade*, em certas esferas da cultura” (p.126). A identificação com o ideal do pai, aquele que já tem um tipo, castrou a mãe e superou o impasse do enlace conjugal, nega a realidade da relação existente e apresenta para o sujeito possibilidades de deslizamentos. Aponta que esse tipo de identificação funciona como “solução geral da relação sujeito-objeto, do enfrentamento do sujeito barrado com o *a* do objeto, a saber, a introdução da função imaginária na sua forma mais geral, em outras palavras, na dimensão do narcisismo” (p. 126).

Sobre a relação sujeito-objeto no que diz respeito a escolha objetal presente no narcisismo secundário, Freud (1917[1915]) sinaliza que “a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o eu distingue um objeto” (p. 63). A identificação cumpre importante função na escolha de objeto, pois a partir dela o ego constrói dois tipos de laço libidinal distintos, um com o sujeito que quer *ser*, aquele tomado por modelo e referência pela qual esforça-se em moldar-se, daquele que quer *ter*, como objeto do ego.

O segundo tipo de identificação apresentada por Freud (1921) é a regressiva. Nela, a escolha de objeto regride para a identificação, e o ego assume as características do objeto. Isso equivale a pensar que nesse caso, a identificação funciona como recurso para que o ego suporte a perda do objeto, trazendo-o para si por meio da assimilação de traços de identificação para ocupar o vazio, a falta. Dessa forma o investimento é mantido, produzindo uma identificação do ego com o objeto abandonado.

Em sua obra *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) já havia estabelecido que “[...] o mecanismo do adoecer e da formação de sintomas nas neuroses de transferências - o caminho da introversão para a regressão - deve ficar vinculado a um represamento da libido objetal”(p.91). O narcisismo como fixação sem simbolização, no qual o ego é tudo, pode tornar-se patogênico, desencadeando sintomas, dor, sofrimento, e quadros de melancolia. Quanto maior o investimento na libido do ego menor na libido objetal e vice versa.

É importante notar a necessidade de ligar a libido a objetos, ultrapassando os limites do narcisismo. Como alerta Freud (1914, p. 92) “[...] Devemos começar a amar a fim de não adoecermos”. O amor aqui funcionaria como uma laço, um investimento libidinal da ordem da pulsão de vida, Eros, que ao agrupar as pulsões sexuais e de auto-preservação desloca a libido para a busca de novos objetos pulsionais, como possível recurso sublimatório.

Em *Luto e Melancolia* (1917[1915]) Freud trata do estado melancólico, diferenciando-o do luto. Na melancolia refere-se a uma perda de natureza mais ideal em relação a um objeto que o sujeito ama, amou, ou deveria amar. Trata-se de uma escolha de objeto de base narcísica, na qual há uma regressão de investimento objetal para o narcisismo primário. O investimento amoroso é substituído pela identificação narcísica, a identificação primária. Nela há um empobrecimento do ego, pois “a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (p. 61).

A ambivalência de sentimentos presentes, amor e ódio, faz com que o ego se trate como objeto, substituto do objeto que foi suprimido, transferindo para si o ódio em forma de auto-depreciação, meio pelo qual encontra uma satisfação sádica. Como destacou Freud

(1917[1915] p.61) “A sombra do objeto caiu sobre o ego”. Para preservar a representação do objeto amado, o ódio se volta para o ego, para o que nele tem do objeto, com culpa e punição superegóicas.

Para Lacan (1958-1959) a identificação primária é onde se estabelece o primeiro núcleo da formação do eu. A identificação com o outro semelhante, o Outro da demanda. O Outro todo poderoso e onipotente que dá a chancela da articulação do significante, entre a necessidade e a demanda, o desejo. A identificação com o Outro primordial, a mãe “designada como o empréstimo do falo, a locação de seus serviços” (p. 124). Esse momento de alienação, necessária para a sobrevivência do filhote de homem ocorre no narcisismo primário, no qual há uma identificação primária como objeto investido de libido pelo Outro.

O estágio do espelho é conceituado por Lacan (1949) como um processo formador da função do Eu (Je). Afirma que “o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante, (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas” (p. 101). A função primária da imagem, pela identificação especular com o semelhante como primeiro objeto, funda a primeira identidade pela identificação.

O terceiro tipo de identificação apresentada por Freud (1921) é a identificação pelo sintoma. Ela se baseia na possibilidade ou desejo do sujeito de se colocar em situação igual a de outra pessoa com a qual tem uma qualidade comum partilhada, sem que seja objeto de investimento sexual. Esse último tipo pode se tornar uma identificação parcial bem sucedida, como nas relações de amizade, nas quais se desenvolve a empatia, ou na formação de grupo devido às qualidades emocionais comuns, possibilitando a construção de novos tipos de laços. Pode funcionar também como facilitadora para identificações patogênicas, nas quais identifica-se com o sintoma produzido pelo outro ego, assim como sintoma presente em um determinado grupo com qual o sujeito encontre um ponto de encontro com seu ego.

De acordo com Safatle (2017, p. 211):

É fato que não é possível haver laço social sem alguma forma de identificação, já que a identificação visa explicar a dimensão produtiva do poder, ou seja, a maneira com que o poder produz a vida psíquica, mobiliza afetos e demandas de amor, constituindo os sujeitos aos quais ele se relaciona.

Através das identificações pode-se perceber as relações de poder e repetição contidas nas relações sociais, pois estas estruturam a vida psíquica a partir da internalização e da constituição da história a que representa, sem que haja um domínio consciente de tal processo, o que ultrapassa assim a vontade do sujeito. O autor adverte ainda que "Toda

identificação é um exercício de poder. No entanto, nem todas as relações de poder são relações de dominação”(p. 211).

Tomemos aqui a dominação como submissão e assujeitamento, ao passo que relações de poder se vistas pelo viés da autoridade e não do autoritarismo podem produzir vínculos e afetos, possibilitando reconhecimentos e redirecionamentos.

Insistamos em um ponto fundamental: uma relação de dominação é a expressão da submissão da minha vontade à vontade do Outro, mas há aquilo que permite ao poder circular e que nem é minha vontade, nem a vontade do Outro. Algo que produz vínculos sem ser a expressão da vontade de um sujeito, mas expressão de uma dinâmica inconsciente de afetos. O poder circula expropriando algo que pode depô-lo (Safatle, 2017, p. 212).

Não existe Outro fora das relações de poder, o Outro (encarnado) que constitui o sujeito e através do qual seu desejo será estruturado e constituído. Dessa forma a relação com o desejo passa também pelas relações de poder contidas nas identificações presentes na cultura e no laço social, transmitidas pelos discursos. Assim, algumas identificações podem ocorrer por dinâmica inconsciente de afetos produzidos por mecanismos de ordem política e econômica que chegam como ideais culturais, funcionando para os sujeitos como escolhas forçadas.

Na adolescência tais conflitos se intensificam. A ambivalência afetiva contida no processo de identificação pode ser observada no que tange a admiração ou resistência a assemelhar-se aos pais ou ao que esperam de si, mediante as frustrações e idealizações tributadas no ideal narcísico. Segundo Freud (1921), “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (p. 110). Tal esforço pode representar a busca pela construção de uma identidade adulta que invista energia psíquica na representação de si mesmo e do outro, enquanto semelhante e também diferente, passando pelo deslocamento de tais ideias, e, conseqüentemente, reconhecimento de desejos.

As identificações presentes e necessárias para o desenvolvimento da subjetividade não contemplam a totalidade da busca pela identidade na passagem adolescente. O adolescente está as voltas com a reatualização de seu drama edípico, com o encontro com o sexo e com a falta no Outro. As figuras parentais, seus modelos e ideais representam um caminho a ser seguido ou transposto, aceito ou refutado. As exigências pulsionais e a

necessidade de reorganização da libido são atravessadas pelo discurso dessas figuras, pelo discurso do Outro, responsável pela transmissão dos discursos sociais.

A presença real dos pais se torna cada vez mais desnecessária, e a separação dos mesmos torna-se fundamental. Estes porém são introjetados por meio de ideais, que criam uma consciência moral, a partir de identificações infantis, acarretando na fantasia de corresponder ao que o outro espera e quer de si, o ideal de eu, núcleo do superego. O superego pode se apresentar de forma cruel e tirânica, levando o adolescente a permanecer em busca do desejo de reconhecimento, alienado ao desejo de Outro, o que cerceia e impossibilita o reconhecimento de seus próprios desejos.

Direi apenas que talvez o ponto de intersecção entre o social e o psíquico não passa necessariamente pelo superego; ele pode residir também nas identificações que organizam o ego; caso em que o social não apareceria somente como instância repressora de uma suposta espontaneidade pulsional, mas sobretudo como organizador da própria subjetividade, através da oferta de modelos identificatórios tanto para o ego como para o ideal do ego (Mezan, 1998, p. 83).

Nessa perspectiva, o ideal de ego, instância anterior ao superego, que constitui seu núcleo, toma um lugar central nas construções imaginárias mediadas pela cultura. Fundado narcisicamente pelo desejo do Outro, o ideal do ego estrutura e orienta o laço com o Outro e as relações sociais. Possibilita a entrada na cena social, a abertura para a escolha de objetos e a inserção e formação de grupos, com base nas ideias e nas identificações presentes no laço social. “O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além de seu aspecto social constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação” (Freud, 1914, p. 108).

Pegemos aqui como ponto de análise o último tipo de identificação descrita por Freud (1921), a identificação pelo sintoma. O ideal presente na concepção do fenômeno contemporâneo da adolescência como ideal cultural tornou-se um sintoma social. Sintoma esse assimilado por muitos sujeitos de diferentes idades. Os modelos identificatórios oferecidos não apresentam consistência sobre o que é um adulto, já que consistem na idealização de uma juventude eterna, desejada, adiando o processo dessa passagem enquanto operação psíquica.

Na contemporaneidade, a falta de demarcações simbólicas como os ritos de passagens presentes em algumas culturas ou em determinadas épocas, dificulta essa transmissão. Molda-se um ideal de eu caricaturado, homogêneo e padronizado acarretando em

identificações com ideais impossíveis de serem alcançados, como qualquer idealização. O discurso social contemporâneo se coloca opera como imperativo de gozo de diferentes formas, seja pelo consumo, ou pela submissão e alienação. Como se houvesse a possibilidade ilusória de satisfação plena, completude, de adiar o envelhecimento e a morte. Tal busca abre lugar para dúvidas, questionamentos, que podem se configurar como passagens ao ato, transgressões ou adoecimento. Sintomas individuais que tem por base sintomas sociais, necessitando representação e simbolização devido a forte carga de angústia. Qual o efeito disso no processo da adolescência? O pelo sujeito do mal estar, que é efeito da cultura, produzido pelo mal estar nos laços sociais.

A busca por referências e modelos identificatórios para a construção identitária na adolescência faz com que seja um momento propício para a criação de laços e aceção de grupos, como forma de representação social. Pensemos no que Freud contextualizou acerca da mente grupal referida por Le Bon (1855 *apud* Freud 1921) na qual há a “semelhança com a vida mental dos povos primitivos e das crianças” (p. 84).

No grupo operado pelos laços de investimento libidinal comum o adolescente se protege do desamparo, tem uma sensação de poder, onipotência e certeza. A possibilidade de intensificação das emoções e aumento do prazer faz com que perca a capacidade crítica e haja compulsivamente para igualar-se ao referido grupo. Adota uma personalidade inconsciente, na qual afasta as inibições e deixa aparecer características que não se permitiria individualmente. Perde, dessa forma, a capacidade de discernimento, consciência e senso de responsabilidade. “Ele não é mais ele mesmo, mas transformou-se num autônomo que deixou de ser dirigido pela sua vontade” (p. 83).

A suscetibilidade ao poder da palavra também é referida como fator apaziguador ou sugestivo, pelo contágio de sentimentos e ideias que vão de encontro a fatores em si identificados. A figura do líder como propiciador de ideias e ideais, ilusões construídas para fazer frente a realidade objetiva comum, se sustenta nas necessidades do grupo, ajustadas às qualidades pessoais. Tais características podem ser observadas nos diversos tipos de grupos, como na família, escola, dentre outros constituídos por interesses comuns.

O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como as células que constituem um corpo vivo, formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente (Le Bon *apud* Freud p. 80).

Para além dos grupos citados pensemos na mente grupal constituída a partir de uma lógica estrutural, que passa pela família, mas que a precede e extrapola, comportando ideais que transmitem um discurso com interesses políticos e econômicos intrínsecos. O discurso capitalista, como líder que compõe a nova organização familiar e social, atinge o sujeito de dentro do primeiro núcleo aos mais longínquos, pela disseminação, contágio e forte influência que os meios de comunicação exercem na era digital.

Partindo da concepção psicanalítica dos processos de constituição de laços sociais e, portanto, dos sujeitos a partir de dinâmicas de identificação, podemos pensar nesse processo como causa e como saída possível para identificações patológicas. O processo identificatório funciona também como forma de emancipação na adolescência, através da abertura para novas identificações. Permite o abandono de alguns modos de dominação, para a construção de um fazer próprio do sujeito. Dessa forma não há como pensar o fenômeno histórico e social da adolescência sem considerar a constituição do sujeito e a aquisição da organização e estruturação psíquica, que tem por base as identificações presentes no laço social.

#### **2.4 - Trans(formações) no espelho - Narciso e o corpo em(cena)**

*É o narcisismo que oferece ao sujeito o suporte, a solução, a via de solução do problema do desejo.*

*(Jacques Lacan)*

Freud (1914) considera o narcisismo como avatar do sexual e das pulsões que precedem a unidade imaginária do eu, complemento libidinal da pulsão de autopreservação atribuído a toda criatura viva. Funciona como matriz organizadora e estruturante no curso regular do desenvolvimento sexual humano e na constituição subjetiva do eu. Essa constituição permite desenvolver o amor por si e torna possível a passagem do autoerotismo para o amor objetal, para o investimento de uma parte da libido no mundo externo, sendo a base de todas as escolhas objetais e idealizações.

Nos primeiros meses de vida, o bebê humano ainda é desprovido de linguagem ou qualquer outra forma de representação de si e de seu corpo. Encontra-se dependente de um outro para lhe assegurar a vida, antecipando e atendendo suas necessidades. Falta-lhe maturidade neurológica e psicológica para o domínio de suas funções motoras. O corpo é experienciado apenas por sensações de satisfação e insatisfação. As imagens do mesmo são fragmentadas e sem qualquer organização ou contorno. “As primeiras satisfações auto

eróticas são experimentadas em relação às funções vitais que servem à finalidade de autopreservação” (Freud, 1914, p. 94).

Freud (1914) afirma que o eu é desenvolvido pela formação do narcisismo primário, pois ele une as pulsões parciais, anteriormente espalhadas e ligadas à excitação de zonas erógenas no autoerotismo, convergindo-as para o investimento libidinal do eu. Nesse momento a criança se volta para o próprio corpo, satisfação auto-erótica, além de identificar-se como objeto investido de libido e amor frente ao desejo dos pais. Define o narcisismo secundário como a libido objetual que retorna para o eu, resultante das identificações objetais, dos investimentos no mundo externo. O eu se constitui, portanto, a partir de um ideal de completude pressuposto por um eu ideal, atravessado por valores culturais, morais e críticos projetados diante de si na busca da perfeição narcísica, herança das fantasias narcísicas dos pais.

A partir da teoria do *Estádio do espelho* Lacan formula em 1936 sua concepção de eu distinto do eu freudiano, como núcleo da instância imaginária vista na relação dual do sujeito com a imagem de um semelhante, efeito da captação imaginária do corpo. Lacan (1966b/1998, p. 97) conceitua o *estádio do espelho* como “uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. O corpo é situado então em relação ao psiquismo, sendo a identificação a imagem do outro conformadora da função do Eu.

Segundo Roudinesco (1944/2006, p. 42) “O estádio torna-se uma operação psíquica, até mesmo ontológica, pela qual o ser humano é constituído numa identificação com seu semelhante”. Ao olhar-se no espelho e perceber sua imagem, a imagem do Outro que é ela, a criança se identifica, antecipando imaginariamente na relação com esse outro o domínio de sua identidade e unidade corporal, construindo assim a estrutura narcísica do eu, no narcisismo primário. Essa ação psíquica de identificação primordial propicia a sensação de integridade e pressupõe a formação do psiquismo e de um eu erógeno, corporal e imaginário, constituído a partir da relação do sujeito consigo mesmo e com o Outro.

O narcisismo primário se relaciona à imagem corporal, no nível da imagem real, em relação ao outro, pela antecipação da imagem refletida no espelho. Lacan (1953-1954) chama de investimento libidinal o que torna um objeto desejável, que passa pelas imagens ligadas à estruturação do corpo. Imagens fixas de si e dos outros, concebidas a partir das primeiras relações, das imagens familiares. Estas ficam marcadas no psiquismo, fazendo com que a pulsão libidinal fique centrada na função do imaginário.

A fixação da libido nessa identidade alienada e puramente especular, de contemplação da imagem, pode se tornar mortal para o sujeito, que se vê sempre ameaçado pela intrusão do Outro, pelo enigma do desejo do Outro. Nas palavras de Lacan (1964) “(...) quem com o outro criou a demanda mais falsa, a da satisfação narcísica, quer ela seja do ideal do eu, ou do eu que se toma pelo ideal?” (p. 65). O sujeito pode tentar responder tornando a ser o próprio ideal, como na infância, obtendo satisfação através da ilusão de uma possível completude, ou de uma resposta ao desejo do Outro por meio da idealização, processo que envolve o engrandecimento e a superestimação do objeto, possível tanto na esfera do eu quanto na da libido objetal (Freud, 1914).

Lacan (1953-1954) aponta, contudo, que a identificação com o outro como semelhante, pode propiciar ao sujeito a estruturação da realidade e a entrada na dialética social através da mediação pelo desejo do outro. Este fornece objetos que despertarão interesse, servindo de apoio para os próprios desejos. O sujeito vê assim seu mundo em relação ao outro, ao eu ideal, seu ser libidinal, e pode desejar para além do Outro, e do desejo do Outro.

A identificação narcísica - a palavra identificação, indiferenciada, é inutilizável - a do segundo narcisismo, é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral. Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser (Lacan, 1953-1954, p. 169).

Dessa forma, o elemento imaginário ganha um papel fundamental, pois permite ao sujeito fazer frente ao desamparo na relação com o desejo do outro, defendendo-se com seu eu, como sujeito falante, a partir de uma posição simbólica de ideal do eu. Mas Lacan (1953-1954) faz um alerta, de que não se pode esperar que o sujeito progrida no imaginário para um ideal de genitalidade, pois além do imaginário há também a função do real que o ego desempenha na economia psíquica.

A entrada na puberdade resulta em um corpo que cresce descompassadamente, que brilha, dói, exige, que muda de forma e de função. Um corpo que se apresenta ao Outro e por ele é visto não mais do lugar de cuidado e proteção, mas de potencialidade e risco. Um corpo possivelmente desejado e desejante. Esse corpo caótico, novamente despedaçado, está na ordem do real, daquilo que não pode ser simbolizado. Há um corpo em questão, entretanto, este não se resume à fisiologia. Trata-se de um corpo narcísico, libidinal e linguageiro. A relação com o corpo todavia é transpassada pelo simbólico, atravessado pela linguagem, que

tenta dar contorno a isso que não pode ser simbolizado. Essas mudanças recaem sobre a adolescência, deixando o sujeito carente de significantes para simbolização do próprio corpo e de sua sexualidade.

A noção freudiana de pulsão (*Trieb*), como conceito limite ou fronteiroço entre o psíquico e o somático é fundamental para a tentativa de simbolizar esse real. Funciona como representante psíquico dos estímulos corporais, pois impõe uma exigência de satisfação ao psíquico em decorrência da relação com o somático, com o que é corporal (Freud 1915).

A pulsão escópica, ver e ser visto, olhar e ser olhado, tem importante papel no desenvolvimento da sexualidade. Lacan (1958-1959/2016) se refere ao jogo de dominação existente em referência ao semelhante, o Outro especular.

Trata-se da experiência do semelhante no sentido de que ele é olhar, de que ele é o outro que te olha, de que põe em jogo certa quantidade de relações imaginárias, entre as quais, em primeiro plano, as relações de preeminência, e também de submissão e derrota. Por meio disso é que o sujeito procede (p. 28).

A pulsão independe do objeto, ele é construído na experiência de vida. A pulsão sexual, que propicia a sexualidade, é tecida pelas experiências de satisfação e insatisfação com o próprio corpo provenientes da relação e cuidados da maternagem, família, escola, erogenização e estímulos do corpo. Tais experiências provém também do que é falado sobre esse corpo e da domesticação da pulsão sexual em nome do laço social, estabelecido pela cultura e pela vida civilizada em sociedade. As coordenadas de gozo são recebidas pela cultura através do discurso familiar. Dizem da relação do sujeito com seu corpo, do que ele pode ser, ter, querer e oferecer ao outro, do que é permitido e exigido, no nível dos ideais estabelecidos.

As experiências de satisfação e frustração deixam marcas, pontos de fixação. Quando há um aumento da tensão, a libido regride a um ponto de fixação. O ponto de fixação pode estar intimamente ligado à figura dos pais devido à vinculação emocional presente no investimento libidinal. Freud (1914) afirma que a escolha objetal recebe forte influência dos primeiros objetos de investimento libidinal da criança, seus pais ou substitutos, que se preocupam com seus cuidados e proteção, com os quais têm as primeiras experiências de satisfação. “Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele” (p. 95).

A explosão hormonal da puberdade acarreta em uma intensificação pulsional. Há então uma demanda de satisfação da libido agora voltada para a genitalidade, com a

exploração da sexualidade, do corpo e da escolha de objeto. O ideal do eu atua como vigia e impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu sensor. O encontro do objeto na libido sexual é um reencontro com as fantasias infantis recalcadas, que servirão de suporte para o desejo (Freud 1915).

Peguemos como ilustração o mito de Narciso para pensar a busca identitária no processo da adolescência, assim como a função imaginária da imagem do outro e o encontro com o sexo na escolha de objeto. Narciso encontra-se no auge de sua juventude, beleza e autossuficiência, mas tem sede de identidade, de autoreconhecimento. Ao debruçar-se sobre o lago para saciar a sede, vê sua imagem refletida e apaixona-se por si, pelo outro que é ele, dotado de toda perfeição. Esse primeiro objeto é impossível de ser apreendido, como seu próprio reflexo que desaparece quando tenta beijá-lo. A percepção de unidade com seu reflexo, mostra a função identitária da imagem especular do semelhante, primeiro extrato da identidade pela identificação.

O encontro de Narciso com Eco, ninfa que por ele se apaixona, mostra a impossibilidade de autossuficiência, de completude, e da relação sexual. Eco só pode responder a quem pergunta, pela repetição, o que demonstra o desencontro presente na comunicação. Entre o que Narciso pergunta e o que ela responde há um intervalo, uma hiância, a falta subjetiva que afeta os falantes, seres inseridos na linguagem.

Narciso só escuta os ecos de sua própria voz, de si mesmo, que ressoa, a voz do Outro que ressoa nele, porque faz parte dele. “(...) não deixa, no campo narcísico do objeto, nenhuma transcendência ao objeto incluído - e a circularidade da pulsão, onde a heterogeneidade da ida e da volta mostra em seu intervalo uma hiância” (Lacan, 1964, p. 189). Não há espaço para a falta, nem para o desejo. Ele não reconhece a falta, os “intervalos do desejo”. Para não abrir mão da perfeição de seu eu ideal, se mantém alienado imaginariamente ao espelho que determina quem ele é, fixado no fascínio da imagem.

Narciso recusa o amor de Eco. O amor que vem em suplência da impossibilidade da relação sexual e da completude, do gozo do Outro. Nega o Outro sexo, o feminino. “A representação do Outro falta, precisamente, entre esses dois mundos opostos que a sexualidade nos designa no masculino e no feminino” (Lacan, 1964, p. 189). A atitude sexual feminina - a mascarada, funciona não mais no nível imaginário, mas simbólico. Narciso recusa a castração simbólica e seu destino é a morte, o desaparecimento como sujeito desejante.

Narciso não pode amar por que já está completo. “O amor supõe a falta [*manque*].”

(Soler, 2021, p. 48). Ele só pode amar narcisicamente. “Nesse caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcísico de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui excelências que jamais teve, o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado” (Freud, 1914, p. 107).

Para Lacan (1960-1961) amar é dar o que não se tem, a falta. Amar o outro não significa dar algo do plano material ou imaginário, suas idealizações e projetos não realizados, mas algo do simbólico. Passa pelo reconhecimento de sua própria falta, de modo a oferecê-la ao outro, para nessa hiância o outro poder aparecer, se constituir, existir como sujeito desejante. Mas a difícil arte de amar a diferença, o diferente, o que não é espelho, que não corresponde aos ideais sociais e narcísicos, faz com que a falta dos pais atravesse a dos filhos. A repetição dos pais daquilo que não tiveram é projetada nos filhos, para fazerem coisas por eles idealizadas. “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (Freud, 1914, p. 98).

O narcisismo nunca é sozinho, não caminha sem o olhar do Outro. O Outro sempre prescinde, seja imaginário ou simbólico. Ele é uma modalidade específica do laço social, pois a natureza do homem é essencialmente social. Soler (2021) apresenta em diferenciação ao narcisismo do espelho, pautado na imagem, o narcisismo do desejo, postulado por Lacan, nomeado de narcisismo de Escabelo. O narcisismo do escabelo seria o apoio necessário para o desejo e as pulsões, manifestando-se como autoafirmação, uma maneira de ser reconhecido, fazer um nome, se diferenciar do Outro, aprendendo a desejar.

A passividade e contemplação ligada à imagem do outro dá lugar a uma posição ativa de construção de si mesmo. Assim, “O narcisismo é rearticulado na construção de laços que possibilitem a entrada nos grupos sociais, entrada que modifica o sujeito e seu sintoma, particularmente na dimensão dos ideais” (Soler, p. 115). Se o narcisismo é a afirmação de si mesmo, o narcisismo do desejo, no qual identifica-se com a falta do Outro, é a afirmação de seu desejo.

Voltemos à epígrafe na qual Lacan (1953-1954) diz ser o narcisismo a solução para a problemática do desejo. Ele funcionaria como forma de regulação do imaginário, através da função do outro humano, na adequação do imaginário e do real. A busca pelo desejo diz também da posição do sujeito na estruturação imaginária, concebida no plano simbólico pela troca com o outro, pela palavra. “É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (p.187). A palavra que convoca, que faz ato, que liga e permite identificar o sujeito, o outro enquanto falante, o

ideal de eu. “É a esse papel de mola que se dá tamanha importância quando nos dizem que o ideal do eu é também o ponto axial dessa espécie de identificação cuja incidência seria fundamental na produção do fenômeno da transferência” (Lacan 1960-1961, p. 423).

A transferência permite “fazer agir a função imaginária do ideal de eu” (p.190), provocando deslizamentos de sentido do ideal. Lacan afirma que a transferência na relação analítica é da mesma natureza do amor. Mas é possível amar de(novo)? Um amor que supõe a falta, com a qual se articula o desejo. O analista como presença e ausência, objeto a, resto, que causa o desejo no sujeito, promovendo um mais-de gozar. “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-1963, p.197).

## 2.5 - A estruturação dos mitos - do coletivo ao individual

*Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu.*

*(Goethe)*

A família representa o sustentáculo primordial, através do qual o sujeito recebe uma gama de modelos identificatórios presentes na teia social. Berço das primeiras experiências de satisfação e insatisfação, influencia diretamente na constituição do psiquismo e da subjetividade. Os pais enquanto função materna e paterna representam para a criança fonte de autoridade, afeto e conhecimento. Uma ponte de ligação com o mundo, que inicialmente só existia dentro da própria família. À medida que o filho cresce e tem outras referências que podem servir de modelo identificatório, inicia a tarefa de afastar-se dessas figuras, que compõem suas primeiras imagos. Tarefa essa que é refeita de forma incisiva e notoriamente decisiva na adolescência, de forma a possibilitar a articulação e elaboração da subjetividade infantil a caminho da vida adulta, proporcionando novos posicionamentos.

Freud (1908) destaca que libertar-se dos pais, mesmo que parcialmente, constitui um resultado primordial e necessário, embora doloroso, do curso do desenvolvimento de todo sujeito neurótico. O momento de separação é repleto de fantasias inconscientes de ordem sexual. Fantasias edípicas recalcadas da primeira infância que remetem à interdição e trazem culpa. Frente à hostilidade dos pais ou frustração a eles atribuída surgem comparações, críticas, contestações, rivalidade e sentimentos contraditórios. A essa atividade imaginativa que se ocupa das relações familiares, presente no brincar e posteriormente no período que antecede a puberdade, Freud nomeia de ‘romance familiar do neurótico’ (p. 219).

A percepção e imaginação acerca do lugar ocupado pelos genitores, assim como o lugar que ocupa na dinâmica e no discurso familiar, no desejo dos mesmos e nas relações que se estabelecem, compõem uma história pessoal, um romance particular, mas também coletivo, construído a partir de elementos conscientes e inconscientes. Essa trama ficcional tem em seu interior a afeição saudosa diante da impossibilidade de retorno ao lugar ocupado anteriormente. A partir desse mito familiar o sujeito constrói seu mito individual, utilizando para tanto os devaneios, como forma de realização de desejos e de retificação da vida real. Para Freud (1908) “(...) esses impulsos mentais da infância, conscientemente lembrados, constituem o fator que nos permite entender a natureza dos mitos” ( p. 219).

Lacan (1966) atribui aos mitos a capacidade de elevar a ficção, o real, ao nível da narrativa, na ordem do significante através da fala, como simbolizável. A palavra se materializa em uma verdade ficcional. Uma história revivida, recontada, reconstruída. Estruturada como um mito, uma mentira, um engodo, o discurso do Outro pode ser reapropriado como verdade subjetiva. A verdade que pode ser representada é não toda, assim como a verdade do sujeito, pois refere-se não a realidade de fato, material ou concreta, mas à realidade psíquica.

Em suas primeiras teorizações sobre o inconsciente, Freud (1900/1996, (p. 637)) afirma que “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo”. Em (1913/1976, (p. 189)) complementa que “o que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais à realidade” . Posteriormente, em (1921) conclui que a realidade psíquica, na qual há a predominância da fantasia e da ilusão, é por onde os neuróticos se guiam, à revelia da objetividade comum. Privilegia desta forma a realidade psíquica na formação do sintoma neurótico, e por conseguinte, da estruturação da fantasia.

Lacan (1967/2003) apresenta a fantasia como ‘janela para o real’ ( p. 259). Atribui a ela a função de mediação , pois circula pelos três registros buscando um sentido Imaginário e Simbólico para apreender e suportar o real, que não pode ser representado, nem por palavras, nem por imagens. Para lidar com a realidade, como resposta à castração, à falta estruturante, o neurótico constrói a fantasia.

A fantasia funciona como estrutura e suporte para o desejo, no que diz respeito à eleição do objeto, pois ocupa lugar de referência, situando a relação do sujeito falante com o outro imaginário. Desta forma “A função da fantasia é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado,

adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia” (Lacan, 1958-1959, p. 28).

Na adolescência a fantasia cumpre a função de elaboração das vivências edípicas da infância, cujo objetivo é a separação dos pais. O complexo de Édipo tem caráter mítico, funcionando como defesa contra a ameaça de castração. “As lendas e os mitos atestam o transtorno da vida emocional e todo o horror ligado ao complexo de castração, complexo este que está subsequentemente lembrado com grande relutância pela consciência” (Freud 1908, p. 197). A construção de fantasias ficcionais, assim como o mito, se dá para que o sujeito não tenha que sofrer novamente a culpa que seria insuportável.

Lacan (1960) fala que o mito tenta dar conta de um real que se impõe pela falta presente no pecado original, pela impossibilidade do gozo pleno. Instala-se um impasse sexual, uma ‘maldição sobre o sexo’, colocada para o sujeito falante, condenado ao gozo fálico. O mito é, portanto, “a tentativa de dar forma épica ao que se opera na estrutura” (1973, p. 531). O destino trágico funciona como castigo ou expiação da culpa do Outro pela herança maldita. Assim como no mito de Édipo, a cegueira causada por ele mesmo se refere à castração simbólica, necessária para se viver diante de algo tão insuportável para a consciência, o incesto.

Lacan (1966a/1988, p. 304) se refere ao complexo de castração como um ‘osso’ estrutural do sujeito. Ele rege o desejo ligado ao gozo proibido e à interdição, ao ‘fantasma da causa’, pelo qual a demanda do Outro toma lugar de objeto. A forma como o sujeito responde a essa fantasia inconsciente e fundamental, a esse fantasma real ou imaginário que compõe sua sexualidade e subjetividade, como se coloca em relação à função fálica e à castração, serve de roteiro para os capítulos seguintes de sua história. “Da mesma maneira e às mesmas necessidades do que o mito, que responde essa imperiosa proliferação de criações simbólicas particulares, onde se motivam até nos detalhes as compulsões do neurótico, como aquilo que se chama as teorias sexuais da criança” (p. 250).

Freud (1969) em sua formulação sobre o superego como mediador do id e do mundo externo, sinaliza que após desligar-se dos pais e descobrir-se exposto, o sujeito vivencia no presente o que fora deixado pelas vivências filogenéticas, as tendências herdadas do passado orgânico e cultural. A causa, antes de ser particular, é também coletiva, pois se inscreve no quadro das relações cujo caráter se relaciona às necessidades sociais. O romance familiar tem em seu cenário a pré-história transgeracional, as tradições e os não ditos presentes no discurso familiar, os quais o sujeito precisa querer saber.

Lacan (1958-1959) reafirma a concepção de Freud de que “a realidade humana se constrói ... sobre um fundo alucinatorio prévio, que é o universo do prazer em sua essência ilusória” (p. 79). Aborda a sucessão de inscrições presentes no aparelho psíquico, como camadas que se sobrepõem umas às outras. A existência de uma espécie de ideal, como forma de apreensão de verdade, uma falsa percepção da realidade, uma topologia de significante, ou seja, índices de realidade de ordem significante. Assim, “o desejo no nível do processo primário - encontra sua satisfação, não concerne simplesmente a uma imagem, mas a um significante” (p. 65). Dessa forma, o processo primário não busca um novo objeto, mas um reencontro com o primeiro trilhamento anteriormente estabelecido.

A linguística cujo modelo é o jogo combinatório, operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva - é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável (Lacan, 1964, p. 28).

Lacan apresenta a noção de um inconsciente dinâmico, cujo “estatuto é ético e não ôntico, marcado pelo signo do engano” (p. 40). A hiância da causa comporta um saber não sabido, algo não realizado, que diz de algo sempre aberto, uma cicatriz do inconsciente, que comporta um real não determinado, não racionalizado, pois “entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação” (p. 29).

A dúvida serve de apoio para a certeza de seu descobridor, que precisa procurar, construir, formular de forma evanescente, como a própria estrutura do sujeito e da linguagem, algo de seu, de particular nessa ficção. É pela linguagem que a verdade pode aparecer. “É em suplência ao que não pode ser transmitido que o sujeito constrói o seu mito” (Costa, p. 20). A fantasia presente no mito aparece também como fantasma, um cenário fantasmático, imaginário, com o qual o sujeito tenta preencher os espaços vazios. Tenta ocupar um lugar e deslocar para outros as vivências e emoções, de forma a dialetizar o modo como se imagina em relação à causa, ao desejo do Outro como causa.

Sobre a problemática do desejo, Lacan (1958-1959) fala dos desfilamentos do significante, por onde o sujeito entra pela alienação do apelo e da necessidade, mas também por onde o desejo se estabelece para além da demanda, pela dimensão do não-dito, que o sujeito precisa efetuar até a dimensão do inconsciente (p. 103). A palavra mata a coisa, objeto para sempre perdido, articulado com das ding, que não responde ao que se busca, pois não há palavras para dar conta.

A universalidade dos desejos edipianos faz com que cada sujeito tenha que percorrer um caminho de organização psíquica para “superar” o complexo de Édipo e alcançar a sexualidade adulta, genital. “O pai, Nome-do-Pai, sustenta a estrutura do desejo com a lei - mas a herança do pai é aquilo que nos designa, é seu pecado” (Lacan, 1964, p. 41). Seria esse pecado o desejo? E a herança? Trata-se de uma herança linguageira, recebida como um cheque pré-datado na infância como uma espera(herança). No momento da compensação do cheque, quando se dá o encontro com o real do sexo na adoldescência e o sujeito pode finalmente gozar disso pelo qual tanto esperou, descobre que o cheque é sem fundos. Não há relação sexual, não há complementaridade.

Surge aí uma dívida simbólica, sentida como culpa. O cheque é devolvido, exigindo que o adolescente se posicione frente a impossibilidade de satisfação e gozo plenos. É necessário encontrar outras saídas, ao preço de pagar a dívida simbólica pela fixação do ideal de eu. Mas como? Se o sujeito vive pelo Outro, como viver sem o Outro? Reinventando, refazendo o pacto, de forma a dialetizar o nome do pai e suas leis. Segundo Lacan (1960[1966], p. 839) “a verdadeira função do Pai é de unir (e não opor) um desejo à Lei”, pois ocupa uma função simbólica, meio pelo qual o desejo pode se manifestar.

Freud encontra nos mitos da morte do pai a regulação para o desejo. Afirma que “os filhos matam os pais” (Freud, 1930, p. 210). Ressalta ainda que “todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas” (Freud, 1909, p. 219), pois para se construir o novo, há de se abandonar o velho, trair a tradição, em alguma medida transgredir a lei. O processo da adolescência exige matar simbolicamente os pais idealizados da infância, separar-se das figuras parentais, do Outro e do desejo do Outro.

Esse trabalho psíquico passa por construir a barra no Outro, reconhecer o Outro como castrado, para gozar do exercício de alguma liberdade, de ser e estar no mundo, de parir-se. Uma liberdade amputada, mas estruturante e modeladora. Para que ocorram novas identificações e escolhas de objeto fora do campo familiar, o adolescente precisa deixar as anteriores, abrir mão do eu ideal construído na infância, do lugar ocupado no contexto familiar e do lugar de onipotência que os pais ocupavam em sua fantasia.

A forma como o adolescente lida com a separação, com o assujeitamento ao Outro, que toma seu lugar e o domina, com a presença fantasmática do ideal de caber no desejo satisfeito ou frustrado do Outro, e do desejo do Outro que atravessa o seu, permite uma nova escritura, um saber fazer com uma nova verdade sobre si e sobre o Outro. A alteridade que media a relação do sujeito com o semelhante. “Esse outro é o Outro que invoca mesmo minha mentira, na qual ele subsiste” (Lacan, 1960, p. 255).

Lévi-Strauss (1975), ao tratar da cura Xamânica, compara a função do curandeiro com a do psicanalista, atribuindo à eficácia simbólica a “garantia da harmonia do paralelismo entre o mito e as operações feitas pelo sujeito. (...) a cura começa, pois, por um histórico dos acontecimentos que a precederam, e certos aspectos, que poderiam parecer secundários (entradas e saídas)” (p. 223). O autor ressalta que a eficácia do método se dá pela incorporação de todos os procedimentos da ritualística, aliados à crença na materialidade da farmacobotânica com seus efeitos sobre o sujeito, o grupo familiar, social e religioso. Há aqui um paralelo ao método analítico e a função do analista que opera pelo ato, utilizando para tanto a materialidade da palavra como símbolo e o discurso como ordem simbólica, que produz uma economia de gozos, um mais-de-gozar. Trata-se de:

(...) uma relação de símbolo à coisa simbolizada, ou, para empregar o vocabulário dos linguistas, de significante a significado. O Xamã fornece à sua doente uma linguagem na qual se podem exprimir imediatamente estados não-formulados, de outro modo informuláveis. É essa passagem (que permite, ao mesmo tempo, viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência real, mas, sem isto, anárquica e inefável) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência cujo desenvolvimento a doente sofreu (p. 229).

Nesse sentido, a ‘cura’ passa pela reorganização do romance familiar, o lugar do sujeito em seu mito individual, e no que tem de coletivo nele, construído na cultura pelas leis universais da função simbólica, que está para todos os sujeitos falantes. Passa pela reescritura da ficção, reformulação do pacto e da construção de uma verdade própria na operação de separação realizada no trabalho psíquico da adolescência. ZiZek (2017, p. 09) afirma que “em vez de procurar desesperadamente por nossas raízes autênticas, a tarefa é perder nossas raízes de maneira autêntica - essa perda é o nascimento da subjetividade emancipatória”.

## CAPÍTULO 3 - A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES

### 3.1 - Clínica implicada com questões contemporâneas: a ética do desejo

#### 3.1.1 - Teoria dos discursos - passagem da linguagem para o discurso

*Todo discurso é discurso do Outro.*

*(Jacques Lacan)*

A categoria conceitual adolescência é trabalhada na pesquisa para tratar as nuances e especificidades da clínica psicanalítica com adolescentes. A proposta é pensar para além da materialidade do termo, de forma a não cair na concretude, consistência ou substancialização, que não abarcaria a dimensão de sujeito em psicanálise. O sujeito em causa não diz de idade, mas de tempos, não se refere à pessoa ou indivíduo, mas aquilo que não pode ser apreendido, pois escapa. É o sujeito do inconsciente, vazio, dividido pelo e-feito da/de linguagem, contingencial e evanescente, como o próprio inconsciente, marcado pela possibilidade de um devir, vir a ser, um fala-ser, um sujeito falante (Burgarelli, 2017).

Se o sujeito do inconsciente advém ou é causado pelo ordenamento simbólico do conjunto de significantes presente no campo da linguagem, é pela via do discurso que suas determinações se estruturam. No *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan (1969-1970/1992) constrói o que chamou de teoria dos discursos. O discurso é conceituado como uma representação lógica dos laços sociais, modos de uso da linguagem como relacionamento e vínculo social, garantindo um lugar para o sujeito na cultura.

A perspectiva lacaniana do discurso é pragmática e vai além da lógica formal da linguagem, pois aponta para uma estrutura que precede o sujeito e o laço social. O discurso serve como ancoramento para o desejo ao capturar o sujeito em suas malhas. Produz uma economia de gozo singular, contingente a cada vivente inserido no laço social. Isso possibilita apreender diferentes formas de organização psíquica e localizá-las historicamente em seu tempo, pois depende dos modos de subjetivação presentes na cultura e suas perspectivas históricas e sociais.

O discurso se funda na articulação da cadeia significante produzida pelo discurso do Outro. Se o inconsciente é o discurso do Outro, é a história do sujeito, é através dele que

podemos investigar e tentar compreender a dimensão inconsciente como transindividual, suas formações, encadeamentos discursivos e significações. Como explicita Lacan:

O discurso do outro não é o discurso do outro abstrato, do outro da díade, do meu correspondente, nem mera e simplesmente do meu avesso, é o discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos. É o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu falhas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir - é o que se denomina superego. Estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que eu retome o discurso que ele me legou, não só porque eu sou filho dele, mas porque não se pára a cadeia do discurso, e porque estou encarregado de transmiti-lo em sua forma aberrante a outrem (Lacan, 1954-55/1987, p. 112).

Notemos nesse trecho que o discurso do Outro, marcado pelo discurso familiar, é apropriado pelo sujeito, que se vê como um dos elos do circuito, parte integrante do mesmo. O que conhece de si, sobre quem é, o que deve ou pode ser, está aí estruturado. Há uma exterioridade que o conduz. Submetido ao que foi previamente constituído, fica preso, impotente, aparentemente condenado a repetir essas coordenadas, seja na fantasia, em ato ou pela via do sintoma. Sem autonomia ou apropriação diante de sua ação, sem possibilidade de retorno ou saída, fica também destinado à transmissão geracional dessa herança simbólica.

O que se dá no discurso do Outro é da ordem da transmissão. A transmissão da cultura pela via do discurso oferece as coordenadas simbólicas para a constituição subjetiva. Algumas lacunas e equívocos podem surgir na transmissão dos valores, da história, do lugar no laço, pela via do discurso familiar tomado como discurso do Outro. A cena e o discurso inerente produz as significações que sustentam o sujeito, em busca de pertencimento e reconhecimento para existir.

Rosa (2016) ressalta dois aspectos importantes do discurso do Outro ao discurso social. Aproximar o campo individual ao social permite articular os fenômenos clínicos com as práticas sociais próprias do contexto do tempo. Considerar os laços sociais como laço discursivo infere a influência mútua entre indivíduo e sociedade, observada nos efeitos do atravessamento dos discursos e suas implicações no campo do desejo.

No que tange ao atendimento psicanalítico de adolescentes, a autora destaca o não dito como operador na clínica. Quando o discurso dos pais é marcado pelo silêncio em relação à história familiar, a transmissão de tais conteúdos por eles não elaborados passa a ter relação com o sintoma do filho. O saber sobre si vindo do Outro pode se cristalizar como

única verdade, com significantes reduzidos a um único significado. Na tentativa de evitar a angústia advinda da verdade que causa sofrimento, o adolescente deixa que outro recurso faça esse papel. Fica assim impedido de articular outros saberes sobre si, se mantém fiel a essa versão da história que lhe foi contada, sem querer saber da verdade de seu desejo. O não dito retorna como imperativo de repetição, como alienação, silenciamento, transformado em mal dito.

Outro problema na transmissão diz respeito ao mal estar na atualidade e seus reflexos na família. O sujeito contemporâneo, abarca dois aspectos: o mal-estar vivido pela renúncia pulsional exigida pelo laço social, que impõe normas através da cultura, e o imperativo de bem-estar e ausência de sofrimento. Para Rosa (2016, p. 29) “o discurso social é oferecido como o discurso do Outro, como se fosse a dimensão simbólica que referencia a pertença do sujeito (...) campo simbólico que recobre por inteiro o real, sem espaço para o enigma”.

O mal estar presente na família na contemporaneidade é atravessado pelo discurso social acerca da parentalidade. Permeado de ilusões de onipotência, normalidade e perfeição, comportam a exigência de competências de eficiência, assertividade e adequação na criação e educação. Os ideais narcísicos dos pais, advindos do imaginário social, recaem sobre os filhos, eliminando a dimensão da alteridade. Supõe erroneamente a existência de uma forma correta, com a garantia de sucesso em resgatar nos filhos as imperfeições próprias e da civilização, para não se haver com as imperfeições, os excessos e a falta inerente à qualquer transmissão. De acordo com Taperman, Garrafa e Iaconelli (2023, p. 19):

A partir do momento em que existe um modelo ideal, a parentalidade se distancia da criatividade, do encontro, da dúvida, da imperfeição e da criação. Quando a parentalidade é exercida a partir da busca de satisfação e não pelo exercício da falta estruturante, busca-se na contemporaneidade o exercício da parentalidade com o foco na satisfação, e ainda mais, cobrança sobre os pais sobre como ser e ter a garantia narcísica de que os filhos serão felizes e saudáveis por responsabilidade integral dos mesmos.

Tanto a criação quanto a educação e a consequente transmissão se dão pela via da linguagem, que comporta em si algo da ordem do impossível, o muro da linguagem, com seus furos, não ditos, mal ditos e mal entendidos. Há sempre um desencontro, algo que insiste e provoca restos. Os restos são o que abre espaço para a falta e para o desejo. A contingente transmissão da falta estrutural, da não relação sexual, estruturante para o filho, falta. A falta

falta. A ilusão de possibilidade de completude, de suturar a falta coloca em questão o sujeito de desejo, tornando-o possível alvo da objetivação dos discursos.

Os discursos alienantes tem em sua lógica uma violência velada. Esse é o caso dos discursos capitalista, globalizante, médico, científico, político e religioso. Mascarados como discurso do Outro, capturam o sujeito e incidem sobre o desejo, o gozo, o saber e a verdade. Apresentam modalidades de gozo antecipadas em seus ideais, um mais gozar compartilhado, com verdades impostas. Pelos mecanismos subjetivos de poder instalados coercitivamente no discurso social incitam a gozar violentamente, como forma de identificação e pertencimento, mas também submissão.(Rosa (2016)

Trazendo para o contexto da clínica com adolescentes, a resposta a esses imperativos e suas invisibilidades aparece como extremo sofrimento, podendo acarretar em delinquências, violências e inúmeros diagnósticos patologizantes. Isso incide sobre os afetos, as relações, as formas de ser e estar no mundo e no desejo. O sentimento de não pertencimento faz com que o adolescente se veja sem lugar no laço, na cultura, fadado muitas vezes ao desamparo discursivo e até social.

Ao desconsiderar o contexto no qual está inserido, a responsabilização e consequente culpa fica a cargo do adolescente ou no máximo da família, mantendo-o em um estado constante de angústia. Há um silenciamento da dor, do imaginário e do real, que não encontram lugar de contorno por meio do simbólico. Dessa forma, a verdade do inconsciente fica tamponada, silenciada, podendo resultar na mortificação do desejo.

Sobre a importante aproximação do campo individual e social no que tange a adolescência no laço contemporâneo, Rosa (2016, pp. 103/104) ressalta que

Abordar a questão da infância e da adolescência como psicanalista e considerando a ideologia que perpassa no laço social supõe, como demonstramos, uma dupla entrada, ou seja, o sujeito do inconsciente e o eu da história e do desenvolvimento sobre o qual recai o imaginário social. Supõe, mais do que eleger a primazia dos aspectos simbólicos ou dos imaginários, trabalhar sua articulação em torno da constituição do desejo e da lei e interrogar a posição ética do psicanalista sobre o lugar que ocupa nesse jogo.

Se não há sujeito fora do laço social, tampouco há uma psicanálise fora do mesmo. Uma psicanálise que não se implica na subjetividade de seu tempo não pode provocar mudanças. A teoria psicanalítica não é externa ao campo político, social, nem econômico, não está dada e acabada, caminha com seu tempo, pois sua práxis a mantém viva. Para tanto,

faz-se necessário assumir uma posição ética frente aos impasses que se colocam na experiência e buscar as vias possíveis de fazer operar a clínica e o discurso psicanalítico.

### **3.1.2 - O Discurso psicanalítico e sua trans(missão)**

*O discurso psicanalítico reconhece nas formas de sofrimento humano as expressões possíveis de uma subjetividade única e da época na qual está inserida.*

*(Vera Iaconelli)*

Proponho considerar o discurso psicanalítico como ferramenta de posicionamento e recolocação frente ao Outro, como possibilidade de separação do discurso familiar e social tomado como discurso do Outro, pela apreensão dos não ditos, da verdade inconsciente do sujeito perdido em tantas outras. Isso nos ajuda a pensar a clínica, sua transmissão e sua práxis. Da psicanálise em intenção à psicanálise em extensão, ao campo público, social e político pela sua transmissão.

A práxis psicanalítica se dá no campo da experiência. A experiência representa uma dimensão maior que a linguagem, não podendo ser totalmente apreendida por ela. No que se refere à linguagem e experiência, Lacan (1966a/1998, p. 71) adverte que “a experiência do sujeito é a matéria única do trabalho analítico.” É no encontro do analista com cada analisante que se dá a experiência analítica, pois o teto da teoria não alcança o chão da experiência.

A articulação da teoria com a prática clínica funciona como via de construção e elaboração das dificuldades que a experiência impõe. O analista precisa se colocar sempre como um pesquisador incansável, pois na recomendação freudiana “Uma das reivindicações que a psicanálise faz em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem” (Freud, 1912, p. 152).

É na experiência analítica que a teoria se constrói e atualiza, onde os discursos são colocados em xeque, onde, diante do impossível da resposta do enigma do desejo do Outro, o sujeito pode criar sua própria resposta, sua verdade não toda. Não a do saber que fecha, mas da dúvida que abre. Nela as produções inconscientes encontram lugar de escuta, o encontro com do real impossível aponta o limite irreduzível do simbólico fazendo borda.

Na experiência analítica o discurso do Outro é substituído pela palavra, permitindo que o sujeito se aproprie de sua experiência e a narre como protagonista de sua própria história. Segundo Lacan (1953-1954), o apelo no campo da palavra dá ao sujeito a possibilidade da recusa ao discurso do Outro, “na medida em que o ato da palavra é um

funcionamento coordenado a um sistema simbólico já estabelecido, típico e significativo” (p. 120). Através da transferência o sujeito é convocado a articular seu desejo. Um apelo que se faz ato do lugar de suposto saber, um saber outro, de suposto saber que ali há um sujeito, que pode emergir como desejante. Há um desvelamento do ser, que se torna um fala ser. A experiência passa por um abandono ou reposicionamento frente ao discurso do Outro, seus significantes e significados previamente fixados. Essa mudança de posição e de discurso podem conduzir ao desejo.

Nessa perspectiva, o discurso psicanalítico e sua ética são trazidos como alternativa ao sujeito. Diferente da ética jurídica, médica ou religiosa, a ética da psicanálise está fora da lógica de moralidade, adaptação e normalidade imposta pelo discurso social, tampouco promete garantias de um saber totalitário, de cura ou felicidade. Como afirma Lacan (1959-1960/2008, p. 375-376):

A ética da psicanálise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação do que chamamos de serviço dos bens. Ela implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida. É na dimensão trágica que as ações se inscrevem, e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores.

Aí está o caráter de subversão da psicanálise, pois sua ética é a do bem dizer, bem dizer a experiência, a história. Se sustenta no desejo do sujeito do inconsciente, que apesar do desejo do Outro e do enlaçamento do discurso do Outro, escapa e insiste. Ela depende também do desejo do analista, meio pelo pelo qual faz operar a análise e a transmissão da psicanálise, fundando a extensão sobre a intenção.

### 3.1.3 - O desejo é po-ético: o desejo do analista

*Desejo. O poema é o amor realizado do desejo que permaneceu desejo.*

*(Elizabeth Roudinesco)*

Como diria Manoel de Barros “Poesia não é uma coisa que a gente descreve, a gente descobre, a gente acha.” O poeta aqui fala sobre os *deslimites* da palavra, que perturbam o sentido normal das ideias. Diz que não procura pela palavra, mas é achado por ela, com seu desenho verbal de imagens que faltam. Atribui à poesia o belo trabalhado, uma artesanaria na

qual tem-se que inventar sua própria verdade, pois o que não é inventado é um saber falso, ao contrário do que vem do dentro, do nosso fundo que é verdadeiro. A invenção nesse caso, que tem suporte na fantasia, diferente da mentira, serviria para aumentar o mundo. A poesia enriquecida pelos absurdos, como virtude de inútil, lugar de ser inútil, e o poeta como artesão, como inútil.

Sobre a poesia e o poeta Lacan é citado por Didier-Weill e Safouan (2009, p, 51) ao afirmar que “Só a poesia permite a interpretação. E é por isso que já não consigo, na minha técnica, que ela se mantenha; não sou suficientemente *poahâte*” . Nesse trecho a poesia é trazida como efeito de sentido, possibilidade de acesso ao real pelo ato poético, que assim como o ato analítico, faz *e-feito* de furo e abre o discurso, abertura que possibilita o vazio criador. Lacan compara o poeta ao analista, que com seu desejo opera com seu ato, esvazia o sentido dando lugar ao equívoco.

O que dizer sobre o desejo do analista? No que consiste o ato analítico e sua ética? Estão aí questões importantes para o fazer clínico. O ato analítico envolve caráter inconsciente da fala e da escuta sob transferência. Freud (1912) apresenta na *metáfora do receptor telefônico*, a ideia de ressonância, na qual há uma comunicação inconsciente entre o aparelho emissor e o aparelho receptor, entre analisando e analista. Essa condição torna possível a interpretação como manifestação de um ato. O ato que se faz palavra, ou a palavra que produz ato, como o efeito de resistência de sua ação.

Lembremos o que ensina Lacan sobre a transferência, a resistência é sempre do analista, e também do discurso. A falta do tripé essencial para a prática clínica, consistência teórica, experiência da análise pessoal e supervisão, pode comprometer a escuta, a comunicação e todo o processo. Se não há um analista ocupando essa função não há análise. Mas quais os limites da escuta? Seria possível uma escuta sem limites? Lacan responde: “Posso escutar tudo o que você diz se houver o não-tudo no que escuto” (Didier-Weill & Safouan, 2009, p. 33).

O analista em sua função, porque é disso que se trata, de ocupar uma função pautada em outra ética, não da moral, do ordenamento e adaptação à norma, mas a do desejo, desejo de que haja desejo, que haja análise, o desejo de analista. O analista ocupa um lugar de ‘suposto saber’, de douta ignorância, de objeto a, causa de desejo. Não comparece como sujeito, visto que só há um sujeito, o sujeito do inconsciente do analisando

Lacan (1964/1198) afirma que “o desejo do psicanalista não é puro amor ao inconsciente. Participa necessariamente dessa ambiguidade que faz com que o psicanalista tome horror a seu saber a cada vez que, com seu ato, responde àquele que quer ‘saber a

verdade'. Deve abster-se da posição de saber, do discurso do mestre, para que a verdade do sujeito possa ser contada com a estrutura de ficção.

Tomemos aqui o texto *A carta roubada* (Lacan 1966/1988) para articular o que se passa na experiência analítica e sua transmissão. O lugar do analista pode ser comparado ao trabalho do historiador. A experiência analítica se dá por um fazer compartilhado da história de um sujeito. Busca-se o objeto perdido/roubado - (*letter*) *carta/letra/escrito*, que carrega em si a ambiguidade, a falta de certezas, as suposições e os equívocos. A falta se torna ponto de partida para se construir algo diante do que foi perdido. A carta só não passa despercebida pelos olhos daqueles que querem furtá-la. Todos os personagens giram em torno dessa carta, desse significante. Vê-se aqui o automatismo de repetição, da insistência da cadeia significante, mostrando que é a cena que produz o sujeito, evanescente e contingente.

O lugar que o sujeito ocupa na cena é regulado por um discurso. É ele que estabelece a relação do sujeito com o objeto de desejo. Se o analista responde com seus afetos, projeções e censuras superegóicas, compromete a estrutura da cena. O analista deve saber entrar e sair da cena, atuar como um operador cirúrgico que com seu ato faz cortes precisos, abre o discurso, faz furo no saber, e pelo furo causa o sujeito. É pelo furo no discurso do Outro, nos buracos da história, que se dá o vazio criador, a possibilidade do sujeito recontar sua história, bem dizer seu lugar no mundo.

Ao ser revelada, a palavra simboliza o sujeito e permite a realização do ser, que se faz conhecer, como uma nova encarnação simbólica cavada na experiência da palavra, na experiência analítica. O sujeito assume o ato de falar, implicando-se no discurso e em seus não ditos. A palavra se materializa em uma verdade ficcional. Uma história revivida, recontada, reconstruída. A palavra mata a coisa, objeto para sempre perdido articulado com das ding, que não responde ao que se busca, pois não há palavras para dar conta. O analista opera nos fantasmas, fazendo falar o que se repete no gozo, no qual o sujeito se faz de objeto na tentativa de atender a demanda do discurso do Outro. Essa posição pode colocá-lo em uma condição de mortificação, recuado diante do desejo.

O desejo do analista é uma das condições mais importantes, sem a qual não há análise. Por isso prefiro pensar em desejo de analista ,enquanto função e não do analista, sujeito que ocupa essa função. O analista responde com sua falta, do lugar de objeto que 'causa' o desejo. Há de existir muito desejo, de escuta, e de que haja análise, para conseguir su(portar) esse lugar, amor(tecendo) o encontro do real do analisando ao atravessar sua fantasia, angústias e identificações. O discurso do analista suporta, dá suporte, para a produção do sujeito de desejo, que pode bem dizer o seu desejo, e não mais calá-lo.

Mas o que faz um analista? De qual argamassa é composto seu desejo? O que faz um sujeito querer passar do lugar de analisando ao de analista? Como transmitir o intransmissível, o que é da ordem do impossível, senão pela experiência? A transmissão da experiência de comunicação e escuta do inconsciente, vivenciada na relação transferencial. A experiência subjetiva de ter seus sintomas escutados como desejos, de poder fazer sua escrita, uma escritura própria na dimensão do real, da perda. Da experiência do divã, de ousar tentar atravessar o deserto de significantes, o labirinto do desejo, para a experiência da transmissão.

É pelo desejo do analista que a análise acontece, por ele também que se transmite o discurso psicanalítico, pois ao operar pelo campo da base conceitual o analista produz efeitos. Pela impossibilidade de transmitir o intransmissível, Lacan recorreu aos matemas, aos mitos, histórias, metáforas, e à palavra, mesmo onde ela não alcança. Segundo Didier-Weill e Safouan (2009) seu estilo de escuta e a forma como Lacan era guiado em sua prática, pelo real do furo, levava-o a exercer uma ética do espanto, que sai do habitual e se incomoda, se espanta diante da palavra. Não seria isso a escuta?

Por isso recorro aqui ao incômodo diante da palavra falada e escutada por meio da experiência, para fazer a escrita da clínica, na tentativa de reinventar a psicanálise ao meu modo e transmiti-la como uma espantosa extensão. Uma travessia da/na palavra. Recorro novamente ao poeta “Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto” (Barros, 2015).

### **3.2 - Contexto clínico: entre a demanda e o desejo**

#### **3.2.1 - A clínica com adolescentes ou o adolescente na clínica**

*À solidão do adolescente, o analista responde com sua própria solidão, seu não poder, e não com uma tentativa de subjugação, sedução ou autoridade.*

*(Jean-Jaques Rassial)*

Como o sofrimento tem estrutura de demanda, são elas que de um modo geral chegam primeiro na clínica. As queixas, ou aquilo pelo qual se dá queixa, são escutadas como uma denúncia, uma *revelação*. Na clínica com adolescentes essas demandas são em primeiro lugar das instituições, coloco aqui a família como uma delas. Há uma passagem da demanda

do Outro para a demanda própria. Dos encaminhamentos acompanhados de laudos, diagnósticos, histórias cheias de estigma e fatalidade, ao incômodo e preocupação com as mudanças bruscas de comportamento ou sintomas que falam por si. Da criança carinhosa que pedia atenção ao adolescente que se fecha, em seu quarto, em seu grupo, em seu mundo. Do silêncio ensurdecedor aos berros para o mundo, pedidos de ajuda na forma de passagens ao ato, vícios, transgressão e violência contra si e contra o outro.

Algo parece ter saído do eixo. Do eixo da demanda do Outro? Apesar do sofrimento, tanto do adolescente quanto da família, os sintomas são de antemão uma tentativa de sobrevivência, de saída, de re-existência. Tentativa de sobre-viver ao Outro e aos tantos outros da cultura, que atravessam o desejo com imperativos que nomeiam muitas demandas, pelos discursos patologizantes e alienantes, verdadeiros cárceres públicos e privados.

Chegam na clínica muitos pais atravessados pelo seu próprio narcisismo. Tal atravessamento parece se dar em função do investimento narcísico frustrado, que acarreta perdas de ideais acerca da família, do filho, de seu lugar ou função. Há uma impostura no adolescente que não só não corresponde a esses ideais, mas tenta sobretudo se opor a eles, por meio das gírias, das roupas, dos cabelos, evocando fantasmas antigos e provocando rupturas sem retorno. Um corpo que até bem pouco tempo tinha os pais como abrigo, sustento e espelho, se oferecia como objeto de amor, pedia colo e dependia de cuidados de toda ordem. Agora se vê diante de um espelho quebrado, pede para caminhar sozinho, ter privacidade, questiona as regras e a autoridade. Uma tentativa de assumir alguma identidade e autonomia sobre a própria vida, seu corpo, sua sexualidade, de ser visto e escutado em sua diferença.

O investimento narcísico por parte dos pais é essencial para esse movimento. Quando este se dá apenas como projeção de sua imagem e semelhança, como compensação ou superação, pode ser nociva e até letal, resultando em sentimento de insuficiência, incapacidade, de não ser amado, reconhecido ou aceito. Um fechamento para o mundo externo, para novos laços, e a dificuldade na se-para-ação. O corte é necessário, mas dói, sangra, e como uma faca de dois gumes corta de ambos os lados. A dor da separação, do crescimento, remete ao desamparo no qual todos, independentemente, estamos estruturalmente incluídos.

Alguns adolescentes topam de imediato trilhar o caminho da separação, sedentos por liberdade, com gritos presos na garganta preenchidos de silêncio. Escolhem a falta, como única possibilidade de existência, a falta a ser, e a possibilidade de vir a ser, um fala-ser, suportando a angústia da escolha de questionar a castração do Outro e sua potência que pede detumescência. Escolhem jogar sua própria partida no jogo erótico em busca do significante

falo (ser/ter), na posição de assujeitar-se a ele, pois “Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 366).

Outros adolescentes temem tanto o desamparo, já instaurado desde sempre, que se agarram na alienação do discurso do Outro como seu, continuam no lugar de objeto para tamponar a falta do Outro, para o gozo do Outro. Escolhem, assim, separar-se de si. Entretanto, não se trata somente de escolher, nem mesmo de escolhas conscientes, haja visto que há escolhas que são forçadas, seja pelas circunstâncias da vida ou pelos fantasmas que assombram como verdades inabaláveis.

A demanda do adolescente tende a não ser escutada, sequer por ele mesmo. Muitas vezes, quase sempre, ela precisa ser construída, separada das demais, não sem antes percorrê-las em suas cadeias significantes, voltando ao eixo até poder encontrar seu próprio sentido. Percebo em minha prática que a maioria chega sem nem saber o porquê está ali. Nesse sentido, o trabalho inicial de uma análise na clínica com adolescentes consiste na construção de um lugar de fala, de escuta. Dessa forma o retorno aos traços mnêmicos podem tornar-se uma nova escritura, permitindo fazer sua letra, se perceber como sujeito, de direito e deveres, mas para além, de desejo.

O desejo que aparece no discurso é na verdade demanda do Outro. O desejo se mantém encoberto, encarcerado pelo peso dos ideais dos pais, ou da família. Essa, muitas vezes, presentifica ideais exigidos na contemporaneidade e as identificações presentes na cultura e no laço social, nos quais nada pode faltar. Mas quando a falta falta emerge a angústia, como sinal, um presságio que diz da lida com o desejo, que precisa ser escutado, traduzido e articulado no inconsciente.

Difícilmente um adolescente toma a iniciativa de procurar ajuda de um profissional por si só. A depender da idade fica mais sujeito a interferência e presença dos pais reais, seja para levar ou para pagar. Esses são aspectos que fazem parte do processo de crescimento, autorização, emancipação e assunção de desejos, possivelmente desenvolvidos durante o processo, dentro de suas especificidades.

Ao se tornar responsável por sua análise, o adolescente constrói ali um lugar próprio, seguro, no qual os pais não têm acesso. Quando isso ocorre, a transferência e o processo acontecem mais facilmente, mas também não é garantia. Na minha experiência percebo a importância de que a comunicação e todos os contratos sobre horários, valores e pagamentos sejam feitos não com os pais, mas com o adolescente desde o primeiro encontro, como um convite e também uma aposta.

O contexto da adolescência acarreta um momento de perda de ideais e referências da infância, no qual se percebe a insuficiência dos pais e se afrouxam os laços familiares. Momento de desidentificação com os pais e construção de novas identificações para substituir. A articulação de novos ideais e a escolha de novas figuras podem constituir um recurso pelo qual o sujeito busca refazer seu pacto com a civilização. A autorização para odiar e amar, ser amado de outra forma, questionar o certo e o errado, barrar o Outro e seus discursos dá abertura para o adolescente explorar novas possibilidades de existência.

Geralmente, a procura pelo tratamento e o primeiro contato com o analista, é dos pais. Eles querem falar, ser ouvidos, em suas muitas demandas. E, sim, eles têm um papel muito importante. Mas diferente da clínica com crianças em que sua presença real é necessária, com adolescentes ela vai se tornando cada vez menor, e a aposta é que o sujeito possa construir ali um espaço para além dos pais, só seu. É a demanda do sujeito que entra, que importa, não todas as outras que chegam junto.

Essa é uma separação necessária, que exige ao meu ver um manejo cuidadoso. Acolher o sofrimento dos pais, escutar o pedido repleto de impotência e desespero, incluí-los, mas do lado de fora. Não há análise se não houver transferência, e a transferência com os pais pode favorecer, mas pode também dificultar e até impedir que a relação se estabeleça e que a análise aconteça. Os pais devem ocupar um lugar de coadjuvantes, para que o filho possa ocupar esse lugar de sujeito, de protagonista de sua própria história, e não mais de espectador. Importante lembrar quem é o paciente, o sujeito ali em questão.

Não podemos esquecer que o sujeito não é um “em si”, não se é sujeito, o sujeito é um efeito, e a efetuação do sujeito se realiza quando existe resposta do Outro. O sujeito responde ao Outro, em sentido duplo. Em primeira instância, responde afirmativamente ao lugar que o Outro lhe outorga em seu campo, já que o campo é do Outro, mas também responde “não” quando toma seu lugar, pois, se o campo é do Outro, o lugar é do sujeito. O sujeito se efetua cada vez que diz “sim” ou “não” ao Outro (Flesler, 2012, p. 184).

O adolescente, principalmente na sua primeira fase, entre os 11 e 14 anos, ainda se encontra muito dependente emocional e simbolicamente das figuras parentais. Acontece uma espécie de transição do lugar de criança para adolescente. Uma hora se comporta como frágil e dependente, em outra, destemido e rebelde. Há certa semelhança ao movimento de presença e ausência, no qual é possível a elaboração dos lugares, das figuras e o luto inerente ao que se perde nessa transição.

A identificação com a figura do analista, que diz do lugar para o qual é convocado e eleito em sua fantasia, pode provocar mudanças de comportamento, posicionamentos e até uma aparente piora. Muitas vezes o adolescente pode se sentir impelido a romper com os pais, atendendo a uma demanda imaginária desse novo Outro no qual busca agora se apoiar. Como o adolescente ainda necessita da consistência que o resguardo da presença real dos pais oferece, assim como a função de autoridade e a transmissão geracional como suporte para seu desenvolvimento, instala-se um conflito. Por esse motivo, o manejo da transferência deve ser sempre delicado e atento.

Não se deve forçar um amadurecimento e posicionamento prematuros, que violentam o tempo do sujeito. Se ele tiver que escolher, seja por uma exigência de separação que lhe é feita, a qual não se sente pronto, seja porque os pais não conseguem suportar essa falta e toda a mudança que a mudança de posição do filho causa na estrutura familiar, certamente abandonará a análise e o analista, de bom ou mau grado.

Rassial (1999) aponta três posições para as quais o analista pode ser convidado a ocupar na transferência com o adolescente na clínica. Em um primeiro momento o analista é visto e colocado na posição de qualquer adulto, mais um, que assim como seus pais não vai entender sua demanda. Lembremos que o sujeito atua no setting como atua na vida. Por não sentir-se escutado permanece em silêncio.

Cabe ao analista escutar o silêncio e suportá-lo, na medida em que este não torne o ambiente frio e hostil, de forma a aumentar a angústia. O analista deve mostrar interesse em escutar o que o adolescente tem a dizer, o que sabe, sobre o que gosta, seu universo, seus conflitos, a fim de que formule sua própria demanda. Mesmo que para isso precise de alguns significantes emprestados, seja pela dificuldade de nomear sentimentos, ou pela dificuldade de falar.

Certa vez, ao atender um adolescente que contava com a idade de 17 anos, sugeri que deitasse no divã, o que aconteceu de forma precoce. Não suportava seu olhar incisivo, como em uma disputa fática, que denunciava todo o caráter sexual ali presente. Depois disso ele se calou completamente. Deitar lhe causava angústia, sentia-se desamparado e sozinho. O analista foi mais um adulto que em sua fantasia quis se livrar dele. Só voltou a falar quando pedi para que sentasse novamente. Daí em diante começou a falar sobre isso, sobre a demanda que existia em seu olhar, como tinha dificuldade em ser olhado, mas ansiava por ser visto. Não tinha mais o tom de agressividade ou constrangimento. Enquanto me olhava ele era visto por mim. Precisava desse suporte do olhar do Outro ainda por algum tempo. Nesse caso, acolher a demanda fez com que ela pudesse aparecer, apesar da resistência do analista.

A segunda posição trabalhada por Rassial (1999) é a de cúmplice, ao cair na identificação com o sofrimento, com a queixa ou demanda do adolescente e adotar um discurso diferente dos adultos que o cercam. O analista incorre no risco de perder o paciente, dele ser retirado, impedido de continuar caso isso soe como uma ameaça ao controle e autoridade parental.

Esse foi o caso de Corina, uma adolescente de 13 anos, muito articulada e esperta. Ela sentia-se como um patinho feio, sempre criticada e comparada pela mãe com o irmão mais velho, o filho perfeito, um verdadeiro sucesso. Chegou com diagnóstico de TDH (Transtorno de déficit de atenção), depressão e fazendo uso de muitos medicamentos. Buscava na mãe referências sobre feminilidade, sobre o que era ser mulher, mas sua demanda não era escutada. A mãe trabalhava muito e não tinha tempo ou recursos para atender. Sofria bullying na escola devido a sua aparência e forma de vestir. Queixava-se que as outras meninas já eram moças e ela não, parecia um menino desengonçado. O teatro era seu lugar de fala, onde ela existia, podia ser o que quisesse, atuar com semblante de mulher.

Acompanhei essa analisante durante alguns meses e pude testemunhar sua entrada na puberdade, seu adolecer, a primeira menstruação, o primeiro beijo. Arrisco a dizer que a transferência possibilitou deslocamentos simbólico imaginários, inclusive no real de seu corpo, seu corpo/linguagem. Ela começou a cuidar do cabelo, ir arrumada às sessões, se inserir no grupo de meninas da escola, a se perceber como mulher. Havia uma busca por referencial e identificação que passava inclusive pela imagem da analista e o imaginário em torno dessa construção.

Levei o caso para supervisão. “Você acha que essa adolescente está preparada para se separar da mãe? Quem você acha que ela vai abandonar se não estiver?” De fato ela não estava, e se separou de si, saiu da análise quando se deparou com esse conflito, no qual imaginariamente teria que escolher. O im(passe) frente ao seu desejo. A justificativa foi de que o teatro estava tomando muito tempo e não teria mais horário, mas diante de todas as mudanças em curto prazo e do incômodo da mãe, desconfio que continuar não foi uma escolha possível naquele momento. A saber... Na última sessão ela disse que “a zona de conforto é como um ofurô de cocô, é fedido mas tá quentinho”, o que me fez pensar na segurança que ainda precisava ao ocupar aquele lugar.

O mestre é a terceira posição segundo Rassial (1999) para a qual o analista é convocado na transferência com o adolescente na clínica. Esta é uma posição que põe em xeque a ocupação do lugar do analista, que deve ser de suposto saber e não do que detém o saber, como verdade absoluta. O excesso de explicações, de interpretações, o excesso de

sentido pode seduzir e pacificar, mas não provoca, não implica. Fecha o discurso e o inconsciente ao invés de fazer aberturas, calando o sujeito. É importante manter a pergunta, incitar novos questionamentos e não respondê-los, deixar em aberto para que o adolescente formule suas próprias hipóteses em um porvir. O analista deve colocar em suspensão sua identidade e seu saber, não ocupando o lugar de mestre, de sujeito, mas de objeto.

A clínica é sempre uma aposta com riscos para ambos os lados, já que a transferência é via de mão dupla. Do lado do analista há o risco de perder o analisando, que pode a qualquer tempo abandonar o processo. Do lado do analisando há o risco de se sentir perdido no caminho, e ao preço de abrir mão de gozos ir se encontrando. Desassemelhar-se, arriscar qualquer alteridade, é uma aposta com muitos riscos. Os riscos do movimento do desejo.

Para correr riscos qualquer sujeito precisa sentir o mínimo de segurança, sentir que não está sozinho, que tem ali alguém por ele e pra ele. Diferente de atender as demandas dos pais, da escola ou da sociedade, as demandas formuladas e recebidas, em seu último fim demandas de amor, são escutadas e acolhidas, algumas recusadas, outras atendidas.

O analista em sua função ocupa um lugar que implica disposição em enxergar e escutar sem ideais, cobranças e imposições, sem um discurso de autoridade, eficiência, ajustamento ou censura. Uma função que se torna um lugar, um abrigo, do qual o adolescente não só para de tentar fugir, mas no qual pode refugiar-se, construir, existir e criar. O analista vira um lugar. “Vou no fulano”. Um lugar/casa, uma nova casa, simbólica, construída tijolo por tijolo com suas próprias mãos, com sua verdade, com seu desejo.

Me lembro de um adolescente que chegava duas horas antes da sessão. O prédio da instituição, o CEPEA - Centro de estudo, pesquisa e extensão do adolescente, tinha uma estrutura de casa, com quintal cheio de plantas. Ele era cuidado pelas pessoas que trabalhavam ali, tomava café, lia, passeava no quintal. Dizia não ter espaço em sua casa e nunca ter recebido esse tratamento antes. Aquele local, físico e simbólico, se tornara seu lugar de segurança e afeto, suporte para atravessar a dura realidade que vivia e vislumbre para a construção de uma nova, na qual poderia ocupar outras posições.

Freud (1914) ressaltou a importância do Outro social, que deve exercer sobre o jovem uma influência mantenedora da vida, de modo a fazer frente às repressões exigidas pela cultura e pela civilização. É preciso, nesse momento da vida do sujeito, buscar no Outro pontos de apoio, referências simbólicas que apaziguem o desamparo e ajudem a responder as perguntas que se impõem: “Quem sou eu, agora?” “Quem estou me tornando”? O lugar do analista, seu discurso e sua ética servem ao adolescente que se encoraja ao risco de aventurar-se no campo arriscado do desejo, através da experiência analítica.

O analista no lugar de Outro social funciona como suporte que faz laço, pelo nó que sustenta os três registros. Lugar de *semblant* do Nome-do-Pai, que opera na distinção em relação ao objeto a, causa de desejo. Lugar simbólico da palavra, de fala, escuta, lugar imaginário de acolhimento e amparo, de identificação no sentido de deslocamentos do ideal de eu, lugar real, de furo, de falta, de abertura do discurso e da recondução do desejo.

O adolescente tem pressa, tem algo de uma urgência que dá notícias do tempo subjetivo dos processos, que é singular e não cabe na cronologia. Entretanto, tenho observado que o tempo de análise com adolescentes costuma ser mais curto, ou acontecer em capítulos. Não que isso signifique necessariamente o fim do processo, resolução dos problemas, acesso ao desejo ou passe. Muitos são os fatores que podem interferir, como a família, o dinheiro, fim de determinadas demandas ou novas demandas de outra ordem.

Vou me ater a quando o fim é dado pelo próprio analisante. Neste caso, o ato de encerrar o processo de análise pode ser efeito da palavra que faz ato. Como se caísse mais rapidamente o lugar de suposto saber, em uma analogia à queda do Outro, e das figuras parentais. Um movimento de rompimento e separação, como o próprio movimento desejante. O desejo de experimentar caminhar sozinho, com as próprias pernas, sem precisar mais de suporte. O desejo de seguir sem tentar atender a demanda e ao desejo do Outro na figura do analista, deixando aos poucos cair esse lugar e a transferência.

Como toda perda contém lutos, não é sem dor. Já presenciei fins difíceis, nos quais o adolescente tomado ainda pelo amor de transferência receava perder o amor na figura que o analista ocupou em seu romance, para onde direcionou sua demanda de amor. Atuava assim como na vida, começava a faltar ou esquecer. Até conseguir dizer que desejava partir, havia muita angústia, daquela que anuncia o desejo. Como se ali estivesse em jogo a perda do amor parental no processo de corte, reatualizado e autorizado por seu desejo. Pela via da transferência, faz passar, dá passagem, autorização, para além da atuação para o ato-ação, pela palavra/ato que produz simbolização. Desse modo, há uma autorização de viver fora do setting o que ali se *re-produziu*. Uma perda que produz ganhos e um amor que permanece, mesmo na falta, pois é essa sua inscrição.

O adolescente na clínica ao mesmo tempo que aprende, ensina. Aprende a fazer escolhas, a se autorizar, a decidir até onde pode ou quer ir nesse momento da vida, e como quer trilhar sua travessia, seu caminho de crescimento, construção e precipitação da subjetividade. Há quem retorne mais tarde, para fazer novas e diferentes passagens, há quem dê notícias dos acertos, mas há, principalmente, quem ensine através dos erros e tropeços. É também no furo que se põe em xeque o desejo do analista, essencial para sua prática, que

precisa ser reinventada a cada analisante. Por mais que os significantes não cessem, e que o desejo do analista seja de que haja análise, o desejo que vale é o do sujeito, em seu próprio tempo. É num *só depois* que temos notícias dos efeitos de seus atos.

### 3.2.2 - A problemática do desejo

*Não é difícil perceber que a ideia de desejo é a mola mestra da construção freudiana.*

*(Renato Mezan)*

O desejo está posto desde o início em todas as idades, para a criança que brinca de *Fort-da*<sup>1</sup>, presença e ausência, para o adolescente que rompe a tradição e almeja a *criação*, e para o adulto que reconhece os limites e a finitude. Trata-se sempre do sujeito imerso em seu desamparo estrutural, a se lançar no movimento incessante do jogo da vida, feito não de preenchimento, do encontro que sutura, mas da falta que impele um novo lugar em sua economia libidinal, um lugar de sujeito, desejante de *vir-a-ser*.

A questão do desejo se torna uma problemática tanto em sua conceituação quanto em seu acesso. O desejo do Outro se coloca como enigma impossível de ser decifrado, mas também como suporte para o próprio desejo. Muito se fala em bancar o desejo. Mas, do que se trata? Pegar um empréstimo no banco para pagar uma dívida? Ou para investir em algo? A saber o quê... O passe concedido, aquele cheque pré-datado que autorizava a fazer novos laços, portando promessas de liberdade e felicidade, quando é descontado não tem fundos. Em meio a tantos ditos e não ditos a transmissão da falta (e do desejo) falta, a falta falta, e advém a angústia.

É nesse contexto que o adolescente chega à clínica. Como com qualquer pessoa, em qualquer tempo ou idade, há sofrimento. Um sofrimento que atravessa o corpo e tem efeitos exteriores a ele. Se estabelece um confronto com o significante primordial, um desajuste, que precipita a hiância, a separação, e por conseguinte o desejo. Perdido como um imigrante no país do Outro, no desejo do Outro, no campo do conflito, do desencontro, minado de sentido e mal-dito. Imerso em um romance familiar que parece ter destino e desfecho já traçados. Uma tragédia contingente sem espaço para o acaso, para a experiência própria, com significantes marcados na carne com ferro e a fogo, carregados de medo e culpa. Dificuldade

---

<sup>1</sup> Oposição fonemática Longe/Aqui, na qual a criança introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e ausência. Há uma transcendência na qual a ausência é evocada na presença e a presença na ausência. (Lacan, 1953-1954/2009)

para falar em nome próprio, escolher sozinho, assumir uma posição subjetiva, sair do circuito da demanda do Outro e construir sua própria.

Lacan (1958-1959/2016) apresenta um sujeito evanescente, posto que é sujeito do inconsciente, evanescente por si só. Como também não seria o desejo? Lacan (1953-1954) diz que “o adulto, com efeito, tem que procurar seus desejos” (p. 220), mas para procurar é preciso perder-se. Como o artista que quando já não procura, acha. Mas o que dizer do adolescente?

A história de Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll (1865), ilustra o trabalho psíquico da passagem adolescente. A jovem Alice, então com 13 anos, está em busca de sua subjetividade desejante. Ela é convidada por um coelho sempre atrasado, que remete à questão do tempo lógico dos processos inconscientes, para adentrar em um buraco escuro pelo qual cai. O buraco a leva a um mundo no qual nada é concreto, tempos e estruturas, tudo subsiste, circunscribe.

Alice como qualquer adolescente estranha seu corpo, ou muito grande ou muito pequeno, sempre mudando de tamanho. Na história ela muda de posição, experimenta chaves, portas e fechaduras. Não sabe mais quem é, o que está fazendo ou falando. Quer achar a saída, mas escuta da lagarta que como não sabe para onde está indo ou onde quer chegar, qualquer lugar serve, só precisa continuar a ir. É convidada a tomar um chá com o indizível, na figura de um chapeleiro maluco, que respeita e ensina a respeitar os limites de seu próprio tempo. Alice retoma a pergunta: *Che voui?* quando pergunta ao coelho branco se é amada por ele e o que fez para não ser. Ele responde não, com sua falta ensinando-a que o caminho para o amor é aprender a se amar pelo que é, não pelo que esperam dela.

No processo analítico, com qualquer sujeito, independente da idade e do tempo, pretende-se o movimento desejante, a busca do acesso ao desejo. Entendido como ponto enigmático, sempre, no máximo, parcialmente satisfeito, inconsciente e, portanto, presente também do registro do real. Uma análise caminha, assim, para o real, não em busca de sentido, mas do esvaziamento do mesmo. Um caminho a ser percorrido, uma travessia, da fantasia que comporta os fantasmas infantis acerca do Outro e de si, da angústia que tenta recobrir a falta, mas que precede o desejo, e das identificações presentes no laço social. Um caminhar incessante, que não tem volta, e muito menos garantia de chegada.

Mas qual desejo é possível ser alcançado em um trabalho analítico com adolescentes? Mais do que escutar, nomear, ou bancar o desejo, como muito se fala, é preciso sustentá-lo, articulá-lo e conduzi-lo - mantendo a pergunta, na impossibilidade de resposta. Talvez seja esse o vislumbre de desejo, como algo inacabado, como a adolescência enquanto

atravessamento psíquico, como o não por acaso, processo de análise, e por analogia o próprio sujeito, o sujeito do inconsciente, e do desejo insatisfeito. A questão não é ascender e matar o desejo, mas mantê-lo vivo, como falta e movimento constante, pois toda operação psíquica, assim como tudo que está no campo simbólico, na linguagem, deixa restos.

### 3.2.3 - Desejo X *de(manda)*

*O desejo, como o próprio Sócrates o articula em Platão, não se deixa agarrar assim, nem pelo rabo, como diz Picasso, nem de outro jeito, pois que o desejo, como se tem sublinhado, é a falta.*

*(Jacques Lacan)*

O termo desejo aparece pela primeira vez em Freud (1900) como *Wunsch*, no qual o sonho é uma manifestação, aspiração ou forma de realização do desejo recalcado, se aproximando ao ser do sujeito que espera se revelar. Por ser inconsciente, esse conteúdo aparece cifrado, recoberto, o que o torna passível de interpretação, assim como as outras formações do inconsciente que alicerçam o aparelho psíquico. O desejo é tomado dessa forma como um movimento, que parte dos traços mnêmicos das primeiras experiências de satisfação e a essas marcas tenta retornar, pela catexização alucinatória dessa lembrança. Ao tentar enlaçar o objeto em perspectiva, que supõe satisfazer a necessidade de reproduzir experiências de satisfação, coloca o aparelho psíquico em movimento.

Lacan (1966b/1998) aprofunda a noção de desejo com o termo *Begierde*, no sentido de anseio, a partir da ideia hegeliana da passagem pelo processo da alienação ao desejo do Outro, ao desejo do desejo do Outro. O anseio por possuir o desejo do Outro naquilo que ele aponta, nos objetos em perspectiva faz com ele fique alienado nos significantes oferecidos estruturalmente pela linguagem, através do discurso do Outro presente nas trocas sociais e simbólicas.

O desejo é definido por Lacan (1957-1958/1999, p. 96) como “uma defasagem em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade - necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações”. O processo de tradução da necessidade em demanda passa pela entrada do sujeito na lógica significante pela estrutura da linguagem. O sujeito passa do circuito pulsional para o plano da demanda.

A demanda torna-se um pedido, não da satisfação da necessidade, mas um pedido de ordem inconsciente, baseado no enunciado e nas enunciações de um determinado código, o

código do Outro. Para que o Outro atenda a demanda é preciso se submeter à alienação no campo do Outro, nos significantes do Outro. O desejo por sua vez não pode ser apreendido pelo pedido pois o que se pede é sempre diferente do que se recebe. Ele é envolvido pela demanda e pelo objeto em perspectiva, por meio da fantasia. Não pode ser totalmente satisfeito, pois é sem objeto, uma vez que este é estruturalmente perdido, é a falta.

Lacan (1958-1959/2016, p. 268) define a demanda como “a regressão aos significantes retidos na história do sujeito”. Quando se trata de linguagem há sempre um resto, que insiste, escapa, uma defasagem da satisfação da demanda, um mal-entendido, no qual nunca se alcança o que é pedido, até porque não se trata disso. Aí está a dialética entre demanda e desejo. A demanda é o estado de alienação do desejo, quando este está fixado na significação da demanda do Outro, nos significantes e nos objetos pertencentes ao código do Outro. Esses objetos servem para tentar nomear o desejo, impossível de ser nomeado pois está para além da demanda.

Para Lacan (1966a/1988) a demanda tem em sua estrutura a demanda de amor. “A demanda em si se dirige a algo mais do que as satisfações a que ela apela. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência” (p. 268). Demanda de ser amado e reconhecido, de ocupar um lugar no desejo do Outro, seja como objeto de amor ou instrumento de gozo. O desejo na esfera do amor dá notícias desse desencontro, que é da ordem da falta, pois não existe o objeto adequado que satisfaça totalmente o desejo, ou seja, a demanda nunca é satisfeita. Assim, o desejo se torna um movimento ininterrupto em busca do que não se tem, do que falta, um mais além da necessidade e da demanda. Nas palavras de Lacan (p. 268):

ao incondicionado da demanda, o desejo substitui a condição “absoluta”: esta condição resolve na realidade o que a prova de amor possui de rebelde na satisfação de uma necessidade. É assim que o desejo não é nem o apetite da satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o fenômeno mesmo da sua clivagem.

A dialética entre desejo e demanda pode ser percebida no mito de Sísifo (Camus, 1941). O personagem é condenado a empurrar eternamente uma pedra por uma montanha, um trabalho que não tem fim, pois existe uma montanha de desejos, na qual ficamos correndo atrás de objetos que satisfazem apenas parcialmente. O desejo persegue um objeto, mas não o apreende. Quando esse objeto é atingido e a demanda é satisfeita o desejo acaba, perde a sua significação. Como o desejo é desejo de desejo, ele se lança em busca de outros objetos.

NO seminário, livro 6: *o desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-1959/2016) desenvolve uma operação lógica entre necessidade, demanda e desejo, que chamou de grafo do desejo. No grafo, o desejo é representado pelo intervalo, a sobra, o que resta entre a necessidade e a demanda. Assim como o eu se constitui em certa relação com o outro imaginário, capturado pelo discurso do Outro, o desejo se institui e se fixa em certa relação com a fantasia, que produz alguma acomodação em relação a um objeto com valor eletivo. Dito de outro modo (p. 192):

o sujeito evanescente, que desvanece em certa relação com um objeto eletivo - é essa relação que lhes designo por meio da fantasia. A fantasia tem sempre essa estrutura. Não é simplesmente relação de objeto, é algo que corta. É certa evanescência, certa síncope significativa do sujeito em presença de um objeto.

O grafo do desejo é uma ferramenta norteadora na prática clínica, pois situa o desejo a partir de certos operadores do processo constitutivo do sujeito. Possibilita ao analista localizar em qual lugar do discurso da demanda do Outro se localiza e por onde os impasses se colocam. Permite verificar a posição do sujeito e do ideal do eu, localizar o falo no campo do Outro, a operação da barra no Outro, o furo no simbólico e a inserção no real. O modelo de equações presentes no grafo do desejo como operações lógicas, passa pelo estágio do espelho, pela entrada na linguagem, formação e fixação na fantasia, inscrição do falo no campo do Outro, formalização da demanda, metáfora paterna e circunscrição do gozo.

O grafo possui três andares. Destaco o primeiro, no qual está o discurso elementar da demanda estruturada pelo discurso do Outro. Nele, o sujeito tem que se orientar, se situar para além das necessidades da demanda, na cadeia significativa inconsciente, que permite o reencontro do desejo para além do Outro. Ali onde se localiza o gancho da interrogação sobre o enigma do desejo do Outro: *Che vuoi?* Importa aqui a resposta encontrada pelo sujeito à questão, endereçada ao Outro, para a qual acha saída na fantasia.

A partir do matema  $\$a$  (sujeito barrado punção de  $a$ ), Lacan (1958/1959) articula a fantasia como suporte para o desejo. Uma circulação imaginária que vai do desejo para a fantasia, regulando sua fixação e sua situação. O primeiro elemento é o sujeito submetido à ordem simbólica, à castração significativa, ou seja, barrado, dividido pela linguagem. O segundo elemento é o objeto ( $a$ ), causa de desejo, que ocupa dupla função, objeto imaginário, condensador de gozo e objeto real impossível, para sempre perdido, que introduz a falta. É em torno desse objeto que o circuito da demanda do Outro opera, caminho pelo qual o sujeito

tem que fazer um retorno. Assim, “a fantasia é para nós o eixo, a alma, o centro, a pedra de toque do desejo” (Lacan, 1960/61, p. 266).

Posteriormente, no *Seminário livro 9, A identificação* (1961/1962) Lacan desdobra o grafo do desejo em um conjunto de topologias. Aproxima a pulsão da dimensão significativa da demanda pela topologia dos nós. Atribui a estrutura do mundo como tórica, com espaços dinâmicos que se cruzam e transformam, assim como o ser do sujeito. Trabalha os vetores freudianos, condensação e deslocamento, com a ideia de movimento pulsional na topologia do Toro. No Toro da identificação o movimento pulsional do sujeito é acompanhado pelo movimento pulsional do Outro, cada um por um vetor em sentidos contrários, que se engatam em um mesmo ponto. O circuito pulsional da demanda do sujeito é enlaçado pela demanda do Outro. A demanda encontra o objeto, mas o ultrapassa. Ambos circulam por uma órbita que se torna elíptica, formando a estrutura do Toro, o Toro da demanda e do desejo.

Sobre o objeto da pulsão, há um lugar vazio no qual alguma coisa pode vir a ocupar provisoriamente. Lacan faz a formalização lógica e topológica desse lugar vazio que pode receber uma quantidade indeterminada de objetos, que transitam momentaneamente, sem contudo serem definitivos. O que está no centro do buraco do Toro é o objeto *a*. Ele não pode ser apreendido, capturado, apenas circundado e delimitado pelo circuito da pulsão. É pelo fantasma, pela fantasia fundamental que as coisas adquirem consistência. Esse é o circuito do desejo, a travessia do fantasma, da castração, da fantasia e do sintoma.

É nesse movimento que o sujeito vai se dar conta de suas próprias demandas e poder articular o seu desejo, a fim de desalienar o desejo da demanda do Outro, objetivo de uma análise. Para tanto, parte-se primeiro das demandas. A primeira delas, a demanda de amor, que se traduz na experiência analítica como demanda de análise, uma experiência de amor que comporta a falta, introduzindo os limites e deslimites do amor e, por que não, do desejo. Segundo Quinet (1991, p. 76) “os significantes da demanda são dirigidos a um Outro de amor” na tentativa de tamponar a falta constitutiva do desejo.

### 3.2.4 - O labirinto do Minotauro

*A fera é velha conhecida dos homens e das mulheres. Está tatuada na pele da mitologia com o nome de Minotauro. Mas aqui, neste labirinto erigido com a argamassa da linguagem, assume seu verdadeiro nome: Desejo.*

*(Ademir Assunção)*

O circuito do desejo e sua travessia, ou o circuito pulsional da demanda do sujeito, enlaçado pelo circuito da demanda do Outro se assemelha ao labirinto do Minotauro, por analogia o buraco do Toro. Esse lugar estranho, mas familiar, cheio de armadilhas, e aparentemente impossível de sair, comporta o fantasma. O mito serve aqui de alegoria para pensar o adolescente na clínica. Como no processo analítico, o mito individual tem função de marcar a origem, mas também criar destinos futuros, dentro de suas possibilidades e limites, com a atualização do inconsciente.

No mito grego, o temido monstro, metade homem, metade touro, é aprisionado para conter sua ferocidade animalesca e ao mesmo tempo fascinante. A única forma de sair do labirinto, entretanto, é enfrentando o Minotauro, matando-o. Na história, Teseu é ajudado por Ariadne, filha do rei Minos que o fez prisioneiro. Recebe dela um fio de novelo que desenrola para reconhecer o caminho percorrido, a fim de não mais se perder no labirinto, encontrando a saída.

Ao sair do labirinto, Teseu descobre que seu pai, que o esperava, se suicidou, por pensar que o mesmo havia morrido. Vemos que a fantasia serve de lugar de saída pois põe em jogo os fantasmas e estrutura o desejo. Ser ou não ser? “a imagem do pai encarna, aqui, o próprio inconsciente do sujeito - e também seu próprio anseio inconsistente de morte contra seu pai” (Lacan 1958-1959, p. 257).

O ideal de eu e suas vociferações superegóicas se traduzem em uma dívida possível de ser paga no processo analítico. A reestruturação do imaginário, que provoca deslocamentos do ideal do eu, reposiciona o sujeito diante do desejo e da demanda do Outro e de seu próprio desejo. “trata-se para o filho, de encontrar o lugar ocupado pelo pecado do Outro, o pecado não pago pelo Outro” (p. 269).

O Minotauro representa o agente que encarna o Outro, sem o qual o advento do sujeito não se dá. Ele nos lembra do desejo do Outro, do enigma, do qual o adolescente muitas vezes chega tão dependente, que se encontra em afãise, desaparecido enquanto sujeito da própria vida, sem querer saber sobre o próprio desejo e sem condições de articulá-lo. Mas se pensarmos com Freud (1919) que o elemento que amedronta, pertencente à categoria de coisas assustadoras e pode ser algo reprimido que retorna, poderíamos também chamá-lo de desejo.

Dessa forma, o labirinto poderia simbolizar o inconsciente, estranho e familiar, mundo povoado por demônios, espíritos e fantasmas, um imaginário que assegura o tecido simbólico. Os muros do labirinto erigidos pela linguagem comportam o discurso do Outro,

com suas cadeias significantes podem cercar e aparentemente condenar a um aprisionamento alienante no lugar de objeto, respondendo apenas às demandas que lhe são dirigidas.

Ariadne ocupa o que seria a função do analista na direção do tratamento, lugar de causa do desejo, desejo de saber, com um discurso que se expressa em um semi-dizer, sem verdades absolutas ou ambição de triunfar. Este que paga com sua própria pessoa ao escutar o sujeito evanescente e apostar que algo de diferente pode ali acontecer. O analista se coloca como enigma que retoma a pergunta, desperta a curiosidade e a interrogação, convoca a questionar seu lugar e se implicar na própria história, como sujeito do próprio desejo.

Um bem dizer rumo à construção de um saber desejante, pois nas palavras de Lacan (1958, p. 634) “o desejo efetivamente está no sujeito pela condição, que lhe é imposta pela existência do discurso, de que ele faça sua necessidade passar pelos desfilamentos do significante”. Observemos que Ariadne em seu discurso não dá o sentido do caminho, mas fornece a ferramenta para que Teseu se ponha a procurar. Para tanto precisaria desenrolar, retirar o fio do novelo, perder-se para encontrar a saída.

Proponho considerar o “Fio de Ariadne” tal qual o dispositivo clínico que viabiliza o campo psicanalítico, a transferência. Fio condutor para a transmissão da falta como acesso ao desejo, de forma a tratar o real pelo simbólico. Há ali a transmissão de um saber que falta, construído a partir dessa falta. O desvelamento do desejo na falta, na falta de um significante que defina (o ser ou o caminho) dá unidade à pergunta “De onde eu vim, quem eu sou, para onde eu vou?” Esse é o caminho do desejo. Uma abertura que liga as contingências do passado, do presente e o futuro, entrelaçados pelo fio que os une, o desejo (Freud, 1908).

O desejo funciona na clínica como guia que orienta o caminho para sair do circuito da demanda do Outro, ao percorrer as cadeias significantes no labirinto feito pelos muros da linguagem. Trata-se de saber sobre o próprio desejo, buscá-lo, inquiri-lo, não de apreendê-lo. A partir de problemas reais, no movimento da demanda, necessário para se ascender as potencialidades e situar o desejo, a clínica interpela a procurar, possibilita fazer aberturas, mudar a direção, o sentido, e encontrar novas saídas, com novos dizeres. Um refazimento de borda, uma costura, que fia e desfia o desejo. Não diz da realidade, mas da verdade. É sobre não recuar diante do equívoco, do erro, mas escutá-lo e alçar a dignidade do ato, pois “é efeito de uma palavra plena reordenar as contingências passadas dando-lhe o sentido das necessidades que vêm a ser.” (Lacan, 1953, p. 121)

Nesse encontro do real, a tentativa de matar a coisa, de su(portar) e sus(tentar) a falta, o sem sentido, o risco sem garantias, e torná-la um vazio criador. Como diria Guimarães Rosa (1994, p. 86) “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio

da travessia”. O percurso, cheio de idas e vindas, retornos, repetições e, principalmente, perdas necessárias. Perder o sentido em um ato de renúncia, perder o medo, perder o Outro. Transformá-lo em outro, barrá-lo, deixar cair sua demanda. Fazer o luto do que se perde quando se assume outro lugar. Receber ou fundar seu passe, seu modo próprio de ser, que dá acesso a alguma liberdade, subjetiva e singular.

### 3.3 - A Transferência: Via de amor?

#### 3.3.1 - Amor, estranho amor

*O amor é a saudade de casa.*

*(Sigmund Freud)*

No texto *O Estranho ou Infamiliar* Freud (1919/1989) trabalha o tema da estética como teoria das qualidades do sentir. Recorre ao dicionário e suas significações para abordar o termo alemão *heimlich*, como o estranho, enquanto aquilo que é assustador. Algo aparentemente desconhecido, novo, mas que leva a um elemento familiar e secretamente já conhecido. A ambivalência contida refere-se ao mesmo tempo ao sentimento de estranheza ao que está oculto, encoberto, escondido do outro e, portanto, fora de vista. Refere-se também ao que é familiar, agradável, íntimo e confortável, mas pode tornar-se estranho e assustador.

A origem do estranho remete aos complexos infantis, fantasias relativas ao complexo parental, como o temor da onipotência dos pensamentos. Estes conteúdos que não dizem da realidade material, mas da realidade psíquica, do que está inacessível à consciência, obscuro sem que seja novo ou alheio, mas doméstico e familiar. Uma casa assombrada por espíritos, demônios e fantasmas, que assombram pela ameaça de serem revelados, causando espanto e horror. Trata-se do retorno do recalado.

O retorno de desejos inconscientes rejeitados pelo eu, agente do recalque, insuportáveis para a consciência, obriga-o a denegá-los. Como assinala Freud (1919/1989, p. 278):

Esse lugar *unheimlich*, no entanto, é a entrada para o antigo Heim [lar] de todos os seres humanos, para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio. Há um gracejo que diz ‘O amor é a saudade de casa’, e sempre que um homem sonha com um lugar ou um país e diz para si mesmo, enquanto ainda está sonhando: ‘este lugar é-me familiar, estive aqui antes’, podemos interpretar o lugar como sendo os

genitais da sua mãe ou o seu corpo. Nesse caso, também, o *unheimlich* é o que uma vez foi *heimisch*, familiar; o prefixo ‘un’ [‘in-’] é o sinal da repressão.

Aqui tem-se a nostalgia de um tempo em que o eu se fundia com o outro, de uma época em que o sujeito tinha um lar, uma casa, um refúgio, um lugar no corpo da mãe ou no desejo do Outro. Um amor completo, no qual não havia falta, pois se supunha o objeto no gozo perdido. Um amor proibido, interditado pela castração que rege o desejo. “Contudo, uma vez que o amor é desejo, ele também se funda na falta: os objetos de amor são os que não temos, aquilo que nos falta.”(Roudinesco, 2019, p. 245). O desejo se coloca como uma operação metonímica da ordem da não completude, da busca de satisfação, na qual se toma uma parte no lugar/pelo todo (objeto) frente a sua impossibilidade.

O caráter ambíguo da palavra, e do termo *Heimlich* (familiar), referido ao *Heim* (lar) e seu oposto *Unheimliche* (infamiliar) está presente nas contradições do amor. Que casa é essa para onde desejamos imaginariamente retornar? Esse lugar familiar de intimidade e afeto, que diante da impossibilidade, da diferença, se torna seu contrário, um estranho *in(cômodo)*.

A ambivalência das moções do aparelho psíquico não podem ser vividas separadamente, elas independem para existir. Há muita semelhança na diferença. Ela produz estranhamento, mas também identidade, cri(ação). Será que os pares de opostos são tão opostos assim? Novo e velho, dentro e fora, bom e ruim, bem e mal, belo e feio, oculto e revelado, vida e morte, amor e ódio. Estranhos familiares ou uma familiaridade que causa estranheza e horror?

O sofrimento presente no sintoma se dá por um conflito que tem em sua base o desejo, escondido, recalcado, *inter-dito*. Para Lacan (1953-1954/2009) o desejo recalcado comporta algo do inefável, indizível. Por sua natureza conflitante não pode ser nomeado ou traduzido diretamente, apenas nas entrelinhas, no movimento dialético para além do enunciado. No discurso que se desenvolve na ordem do erro, com tropeços e equívocos, no qual surge o novo, pela palavra que traz a verdade do desejo. “Nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam” (p. 344). A palavra falada ao analista funciona como transmissão do desejo, meio pelo qual este pode se exprimir. A palavra pode, assim, dar notícias de conteúdos da realidade inconsciente.

Retornemos ao termo *Heimlich* para pensar a função da transferência e o lugar do analista como um lugar/casa. Esse lugar comporta incidências e projeções de articulação imaginária, para onde o sujeito pode ir e fazer morada, ou mesmo um pouso que precede o

vôo, a partida, a separação. Proponho aqui pensarmos a transferência como uma relação de amor, com todas as contradições e a ambiguidade que o amor possui.

### 3.3.2 - O amor de transferência

*A psicanálise é, essencialmente, uma cura pelo amor. (...)  
A transferência, na realidade, é a prova mais convincente  
de que as neuroses são determinadas pelas histórias de  
amor de um indivíduo*

*(Sigmund Freud)*

Em *Sobre a dinâmica da transferência*, Freud (1912) trabalha a transferência como uma recondução da vida erótica do sujeito em sua relação com o objeto. Protótipos, clichês estereotípicos ou ideias antecipadas são transferidos para a figura do analista na forma de impulsos libidinais como uma reimpressão. A parte consciente diz da realidade, entretanto, há outra parte inconsciente muito mais abrangente ocupada pela fantasia. A transferência permite que a história do sujeito com suas primeiras figuras de satisfação de frustração seja atualizada, o que confere a materialidade do passado da clínica, sem o qual não há tratamento.

Uma análise sem transferência é algo impossível. Não se deve crer que a análise cria a transferência e que esta ocorre somente nela. A transferência é apenas desvelada e isolada pela análise. É um fenômeno universal da mente humana (...) que governa as relações de uma pessoa (Freud, 1925/1996, p. 124).

A transferência é um fenômeno presente no laço social de forma geral, responsável por pactos, subordinações e identificações, por afetos e desafetos, com base nas projeções inconscientes de conteúdos emocionais. Ocorre geralmente em relações nas quais há uma figura de autoridade, funcionando ao mesmo tempo como demanda de amor e demanda de saber. Essencial para a psicanálise, motor que impulsiona e sustenta a clínica, tem como expressão a intensidade e a persistência. Capaz de transformar a repetição traumática em re(petição) simbólica pela produção de sentido no campo da linguagem, possibilita novas construções e criações.

Freud (1912) apresenta dois problemas em relação à transferência no processo analítico. A introversão e a resistência. Na introversão, há uma tentativa de conservar o estado das coisas, a fim de evitar a frustração da satisfação. Nela a libido regressiva, presa às fantasias e imagos infantis, precisa ser rastreada para torná-la útil à realidade. Na resistência,

as ideias transferenciais encontram satisfação, Ela se torna a ferramenta mais poderosa ao tratamento, veículo da cura e condição ao sucesso, já que a transferência é um fenômeno essencialmente resistente.

A ambivalência afetiva na figura do analista está a serviço da resistência, pois “A transferência é algo que põe em causa o amor. (...) aquilo que chama a sua ambivalência de amor e ódio” (Lacan, 1960/1961, p. 88). Tanto em sua face positiva, com sentimentos afetuosos, vindo de fontes eróticas, desejos sexuais desviados de sua meta e, portanto recalçados, como na face negativa com sentimentos hostis. A transferência cumpre o papel de reatualização, pois nela os conflitos determinados pelas histórias de amor de um indivíduo podem ser combatidos (Freud, 1915). A ambivalência possibilita viver as coisas boas e ruins, belas e feias, certo e errado, vida e morte, alegria e tristeza, partes que não são vividas separadamente, mas ao mesmo tempo.

Lacan (1953-1954/2008) afirma que na relação analítica a transferência é da mesma natureza do amor, função imaginária no seu fundamento. De acordo com Freud é o fundamento e a base do mundo. Sua função automaticamente desencadeada na relação analista/analizando permite fazer agir a função imaginária do ideal de eu. Ao encontrar o que dá justa imagem ao desejo, à posição na estruturação imaginária.

A transferência serve como um guia para além do imaginário, ao nível do plano simbólico. Uma regulação imaginária, na qual a imagem pode ser modificada pela troca simbólica com o outro semelhante e diferente da libido imaginária. “O amor é um fenômeno que se passa ao nível do imaginário, e que provoca uma verdadeira subdução no simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal de eu. O amor reabre a porta - que não usa meia medidas - à perfeição” (p. 188).

Para trabalhar a transferência na experiência analítica, Lacan (1953-1954/2009) ressalta neste momento a inscrição das três paixões fundamentais: Amor, Ódio e Ignorância. Pontos de junção e ao mesmo tempo de ruptura entre os registros - real, simbólico e imaginário - na dimensão do ser. O amor se situa na junção entre o imaginário e o simbólico, como uma fenda, o ódio está entre o imaginário e o real, a ignorância, entre o real e o simbólico.

A ignorância adquire papel fundamental para que haja análise, pois é onde o sujeito inicialmente se situa, supondo o saber sobre si no analista. Este por sua vez deve manter uma posição de *ignorantia docta*, de paixão pela ignorância, ao abrir mão de seu saber e fazer semblante no lugar para o qual é eleito. Ao iniciar um sujeito em uma análise o analista o

introduz no caminho de sua ignorância, que esvazia o sentido do saber e caminha na direção da verdade do sujeito do inconsciente.

Ocorre um (re)encontro com o objeto em perspectiva por meio da fantasia. As primeiras experiências de satisfação e frustração, que produzem laços de amor e ódio, são (atua)lizadas, colocadas em ato como forma de lidar com os modos de amar e odiar vivenciados. Uma experiência de ordem sexual, já que a realidade do inconsciente é sexual. Dessa forma, traz construções estereotipadas que comportam ideias libidinais de reconquista do gozo perdido através do amor. Como aponta Lacan (1964/2008, p. 165):

(...) a transferência é aquilo que manifesta na experiência a atualização da realidade do inconsciente, no que ela é sexualidade. Encontro-me parado no que comporta essa afirmação mesma. Se estamos certos de que a sexualidade está presente em ação na transferência, é na medida em que em certos momentos ela se manifesta a descoberto em forma de amor. É disso que se trata.

Lacan (1964) ensina que na experiência analítica a pulsão genital está submetida à circulação do complexo de Édipo. É no campo do Outro que ela vai se fazer feição, pois as pulsões exigem na ordem sexual que vem do amor. Retoma Freud sobre os níveis do amor. No nível real, que trata do interesse e desinteresse, no nível econômico, prazer e desprazer, e no nível biológico, a posição amar-ser amado, que inclui atividade-passividade. Freud situa as bases do amor no ponto em que da relação sexual entra em jogo os intervalos do desejo.

Na transferência, o amor adquire a estrutura da paixão, um amor platônico, narcísico. O sujeito quer *amar-ser amando* ou *amar-se através do outro*. As demandas de amor, da ordem do impossível e do equívoco, são direcionadas à figura do analista, mas dizem de afetos anteriores, do lugar onde o analisando o coloca. Tais demandas devem ser mantidas em suspenso pelo analista, movido pelo desejo de que haja desejo, e portanto, análise. Pela via do amor a transferência opera como mola propulsora. Na face do ódio, na qual a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, pode pender para a destruição do objeto amado, levantando a resistência.

A resistência embora possa ser um obstáculo, é também condição necessária para o processo analítico. Ela está no amor, como um logro, um engano, uma tapeação. Repete-se em ato o que não pode ser lembrado, para que a verdade não seja revelada. Desta forma o amor é um efeito de transferência, mas em sua face de resistência. “Ao persuadir o outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer

precisamente aquilo que nos falta. O círculo da tapeação enquanto que não nomeado, faz surgir a dimensão do amor” (Lacan, 1964/2008, p. 132).

A transferência adquire um caráter ambíguo, como o *Heimlich*, como a palavra, por essência ambígua. Ambígua também como a causa do inconsciente, sustentada e concebida como faltosa, pois o encontro que se dá na repetição analítica é sempre faltoso. Isso remete ao amor e ao desejo como algo irrefutável, que não tem avesso, como o dentro e fora da banda de Moebius, inseparáveis e complementares entre si.

Repetir pra não lembrar e não desejar, ou lembrar para elaborar? Como “a repetição demanda o novo” (Lacan, 1964/2008, p. 65), a repetição que acontece na transferência não é mera reprodução, mas um retorno daquilo que insiste, retorna ao mesmo lugar sem encontrar. Uma espécie de coação à ação, pois o que não se pode lembrar se repete em ato.

Na situação analítica ambos os caminhos levam ao desejo, seja negando-o ou buscando-o, pois “o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência” (Lacan, 1964/2008, p. 229).

O desejo do analista funciona como pivô, pois ele precisa saber em torno do que o movimento gira, o que é dado pela transmissão da experiência no processo que conduz. Sua função essencial é amparada em sua práxis, que tem na experiência o núcleo do real, tratado pelo simbólico, para articular a relação do desejo ao desejo, do desejo do Outro ao desejo do sujeito.

Proponho pensarmos no ato analítico, que só acontece na e através da transferência, para falar sobre o encobrimento e a revelação. O que o analista aponta no momento em que evidencia um significante? Ao destacá-los dos demais, sublinhando, colocando em evidência aquilo que passava despercebido? Ao *des-velar*, tirar o véu do que se encontrava encoberto e entregar ao analisante aquilo que por ele foi revelado de seu inconsciente? Aquilo que é de ordem familiar, mas que agora ganha um novo formato. Quando é colocado em palavra/ato, falado e escutado, desperta algo de estranho, de(novo), visto que trata-se de uma verdade que o sujeito não sabe que sabe, pois não pode saber.

No texto *Sobre o Narcisismo* (Lacan, 1953-1954/2009) trabalha os escritos técnicos de Freud, retomando a noção do simbólico para tratar das intervenções na análise. Questiona o lugar da palavra nos afetos e referências imaginárias acerca da transferência, seus efeitos e ações no processo. Define como eficaz a transferência que em sua essência faz ato, ou furo, sendo essa a palavra plena.

O valor da palavra do analista reporta e toma lugar da palavra antiga, que causa e remete a efeitos primários da constituição do sujeito. O poder da palavra dada ao Outro, como lugar de fala e verdade, discurso do Outro. É pela palavra do analista que o apelo da abertura do inconsciente, que está do lado de fora, se dá. Uma verdade que procura a verdade, que só é possível de ser su(portada) pela transferência, produto da situação analítica.

A transferência amortece o encontro do real. Uma costura que faz borda no encontro daquilo que nos constitui como sujeito, situado entre o simbólico e o imaginário, que vai do trauma à fantasia. Uma experiência na qual não há retorno. Ela produz efeitos que não podem ser esquecidos, pois o amor deixa marcas que não dá pra apagar. As fantasias dirigidas à figura do analista são também reedições de fantasias vividas com outras figuras, no nível do objeto. Estas são repetidas e atualizadas no nível das experiências inconscientes e suas marcas.

A transferência é da ordem da *re-petição*. A repetição pela atuação, na qual se repete para não lembrar das fantasias de ordem sexual que se tornam fantasmas, é substituída por um fazer diferente, por uma ação incluída no contexto da palavra, que produz deslocamentos discursivos. A repetição não configura uma reprodução, porque a cada vez que se atualiza a realidade inconsciente ela se modifica. O sujeito não é mais o mesmo e não fala do mesmo lugar. Nesse movimento de retroação e retorno se dão os furos, esvaziamentos de sentido e novas construções.

Lacan (1964/2008) afirma que a presença do analista é a presença do inconsciente. Deste modo, onde há suposição de saber há transferência. O suposto saber atribuído ao analista pode ser comparado à experiência infantil de onipotência do Outro acerca de seus pensamentos. Uma suposição que no nível imaginário tenta elidir a castração, mas que na dimensão simbólica, pela linguagem, única forma de estruturar o inconsciente, convoca o sujeito a falar.

Em vez de compreender o paciente, o analista aceita a demanda dirigida a ele como demanda de transferência de saber. O analisando acredita que há um saber sobre seu sofrimento e seu sintoma, e que este já está dado e é sabido pelo analista. O analista responde com o que tem, a falta, a falta de resposta, a ausência de saber absoluto, permitindo ao sujeito construir sua própria resposta.

A transmissão da falta surge em dupla dimensão: Ao não responder à demanda inaugura a falta de significante no Outro e a falta do objeto no desejo. É nessa relação transferencial que o sintoma é transformado em enigma, podendo ser questionado pelo

analista sobre sua função, a que serve e qual gozo advém dele. A verdade colocada como enigma movimenta o desejo do sujeito.

A hiância desse enigma revela aquilo que a determina, na fórmula mais simples para torná-la patente, a saber: que o sujeito como o Outro, para cada um dos parceiros da relação, não podem se bastar como sujeitos da necessidade, nem objetos do amor, mas que devem se dar como causa do desejo (Lacan, 1966/1988, p. 269).

A transferência no registro do real aponta para os limites do simbólico. O real como causa do inconsciente, da ordem da perda do objeto *a*. Faz surgir assim a falta de significante no/do Outro. Uma abertura para o desejo, ao articular a falta simbólica que sustenta a causa, provocando um deslocamento na pergunta sobre o enigma. No lugar de “O que quer de mim?” surge “O que eu quero”? A pergunta que se atualiza a cada sessão, a cada encontro (faltoso) com a causa. “(...) na medida em que o desejo intervém no amor e é um pivô essencial dele, o desejo não diz respeito ao objeto amado” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 170).

### 3.3.3 - A dialética entre amor e desejo

Os objetos de amor são os que não temos, aquilo que nos falta. O amor com efeito, só pode ser articulado em torno dessa falta, pelo fato de que daquilo que deseja, só pode ter sua falta.

(Jacques Lacan)

NO *Seminário, livro 8 - A transferência*, Lacan (1960-196/1992) comenta *O Banquete* de Platão. “Qual é o tema do Banquete? Se trata de amor. (...) O problema do amor nos interessa na medida em que vai nos permitir compreender o que se passa na transferência” (p. 43). O amor é referido como uma atopia, algo para o qual não se sabe o uso e que não cabe no externo, de forma a aproximar amor e desejo.

Várias são as teorias e suposições discutidas no Banquete. O amor é visto como uma grande metáfora, na qual o desejo de quem ama é ser amado do mesmo modo; como enriquecimento da alma; e como uma capacidade cuja conquista em suas diferentes versões, romântico, sexual ou fraternal favorecem a saúde. Todas essas hipóteses se aproximam do que diz o discurso psicanalítico sobre o amor. Uma tentativa de estabilização pela fantasia,

que tenta dar significado ao significante. O amor, em suas facetas, não envolve só a demanda, mas também a idealização e a identificação.

Lacan (1960-61/1992) trabalha a ideia de agalma, adorno, objeto do desejo com o qual nos enfeitamos para fazer borda no real do corpo. Em analogia ao objeto *a*, o agalma circunda o que é velado, como um lugar vazio, que confere certo mistério, um poder de sedução da imagem, com um valor de enigma, pela via da identificação na captura imaginária.

O objeto *a* funciona, entretanto, não como um enfeite admirado pelos deuses, desejável e idealizado, como é o amor romântico que promete a completude, felicidade e incita o belo. Trata-se de outra modalidade de amor. O agalma na figura do analista está ali para ser desmascarado e não capturado, pois denota a falta a movimentar o desejo. Lacan ressalta o debate final entre Sócrates e Alcibíades, que no auge de sua embriaguez, o acusa de enganá-lo por não responder ao seu amor, permitindo que seja consumado. O que está em jogo na resposta de Sócrates é o amor pelo saber, e não por sua pessoa, lugar ocupado também pelo analista na relação transferencial.

Amor e desejo adquirem aqui uma estreita relação, uma dialética. O amor de transferência, no entanto, se distingue do desejo. Não busca a satisfação com o objeto, tampouco a reconquista do gozo perdido, pois, “amar é amar um ser para além do que ele parece ser, do campo imaginário das idealizações. O dom ativo do amor visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser” (Lacan, 1953-1954/2009, pg. 359). O amor, diferente da paixão, pressupõe a existência de uma relação simbólica, para além da intersubjetividade imaginária. Liga os sujeitos uns aos outros em uma ação, um pacto que os transforma.

Amor é construção, trabalho na relação, que é a própria vida. A *cronificação no sentido de* tornar o tempo (cronos) uma ação. No lugar do substantivo, o verbo amar. Diferente da relação de alienação na qual o vínculo é de dominância e de destruição (de si e do objeto), o amor se torna um vínculo diferente, um processo relacional que envolve alteridade, separação e alternância de posições. Nesse vínculo os dois estão incluídos, não só na fantasia, mas na ação. O amor liga sem fazer nó, é um laço que se torna escritura. O amor funciona, assim, como uma *signific(ação)*.

Retorno ao aspecto pulsional para finalizar o tema da transferência como afet(ação) do amor. Segundo Lacan (1964/2008) fala que a atividade da pulsão, representação de imagens e simbolizações, parte do real e concentra no *se fazer*. Tanto o *se fazer chupar* da pulsão oral, que busca a completude no outro, quanto o *se fazer cagar* da pulsão anal, que busca a satisfação do outro. Ambas buscam algo no Outro que responda à pergunta *Che vuoi?*

Na pulsão escópica, ao contrário, *se fazer ver* faz ver a si mesmo, pois retorna para o sujeito. No *se fazer ouvir* pulsão invocante, a mensagem vai para o outro.

A pulsão escópica é a que “elude mais completamente o termo da castração” (Lacan, 1964/2008, p. 81), que rege o desejo. O olhar figura aqui como avesso da consciência. Passa do olhar imaginado no campo do Outro, sob o qual advém a censura, ao olhar que personifica a presença do Outro, não como pessoa, mas como objeto. Desorganiza, assim, o campo de percepção do objeto, com o qual o sujeito sustenta uma relação de desejo. Um olhar que ao ser visto se dissolve, pois o que ele apreende é uma deformação da realidade.

Sobre a relação imaginária na experiência analítica Lacan (1958-1959/2016) aponta o jogo de dominação existente em referência ao semelhante, o Outro especular:

Trata-se da experiência do semelhante no sentido de que ele é olhar, de que ele é o outro que te olha, de que põe em jogo certa quantidade de relações imaginárias, entre as quais, em primeiro plano, as relações de preeminência, e também de submissão e derrota. Por meio disso é que o sujeito procede (p. 28).

Na terceira etapa do grafô do desejo tem-se a experiência especular da imagem do outro semelhante como referência de identificação. Esta, possibilita que a imagem real refletida seja vista somente dessa forma. A partir de uma posição simbólica do ideal do eu, concilia o imaginário e o simbólico. O elemento imaginário na relação do eu com o outro permite ao sujeito fazer frente a seu desamparo na relação com o desejo do Outro. Existe uma demanda dirigida ao analista como o outro de amor, como ideal de eu, na tentativa de ser amado como eu ideal (Lacan, 1960-1961/1992).

Na experiência analítica o sujeito se defende com seu eu, refletindo no espelho ele mesmo como sujeito falante (forma de prestígio, artifício formulado pela fantasia), diferentemente da pura experiência especular. A função do imaginário na figura do analista provoca deslizamentos de sentido do ideal. “É a esse papel de mola que se dá tamanha importância quando nos dizem que o ideal do eu é também o ponto axial dessa espécie de identificação cuja incidência seria fundamental na produção do fenômeno da transferência” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 423).

Sobre a função do olho e o olhar em relação ao desejo, Lacan (1962-1963/2005, p. 296) aponta que “O olho institui a relação desejável porque tende a fazer desconhecer, na relação com o Outro, que por trás do desejável há um desejante”. O ato de furar os olhos para não ver e não se ha(ver) com o desejo e com o desejável em si e no Outro presente no mito do Édipo, é substituído na experiência analítica pelo desejo de enxergar e desejar para além do

objeto. Se fazer ver, não mais como objeto, mas como sujeito de desejo, fazer ver o desejo e se tornar desejante. Assim, a pulsão adquire outros destinos possíveis, novos objetos de satisfação, novas formas de amar e desejar, operando a função da análise e o papel do analista de conduzir o sujeito a articular o desejo.

Acerca da pulsão invocante, Lacan (1964/2008 p. 190) coloca que “Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não pode ser fechado”. É a pulsão invocante que o sujeito escuta na palavra, no ato, no discurso do analista. A pulsão invocante tem em sua função um “olhar” que convoca a falar, cujo objeto é a voz. Como um apelo do lugar de suposto saber, de saber suposto e desejante que ali emerge um sujeito falante, um fala-ser.

Escutar esse apelo é como ouvir o canto das sereias. Um apelo para adentrar a escuridão, aos perigos do mar (da vida), ao oculto, que está encoberto, um convite para a morte. Não se trata de qualquer morte, mas de uma dialética entre vida e morte. Seria então um convite para a vida? Uma *convoc(ação)* para o desejo? “Existe sempre no desejo alguma delícia da morte, mas de uma morte que não podemos nós mesmos nos infligir” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 283).

O canto das sereia aparece no mito grego da Odisséia, de Homero. Ao tapar os ouvidos dos marinheiros com cera e se amarrar no mastro do navio, Ulisses se protege das criaturas sedutoras e demoníacas que evocavam o desejo, não cedendo a seu desejo. Na versão de Kafka (1988) descrita por Vivés (2009) há uma inversão. Ulisses não escuta o canto das sereias, porque elas lhe oferecem o silêncio. Não há convocação, não há desejo, esse sim fica mortificado. Ele escapa do canto, mas não escapa do silêncio ensurdece(dor). Fica surdo.

Retomo o trecho de Freud “o amor é a saudade de casa”. Saudade dessa primeira casa, o corpo da mãe, que oferece o olhar, a voz, que convoca ou não. Objeto odiado, amado e perdido. Como quem não conhece o ódio não conhece o amor, é necessário pensar o amor para além do imaginário, ao nível dos outros registros, real e simbólico, articulando assim o desejo. A presença do analista como objeto *a*, que faz suplência ao oferecer o olhar e a voz, com os quais ocupa a posição do semblante, faz falar alguma coisa do tempo pulsional no sujeito, como um volta pra casa, para o aterrorizante desejo.

Ao assumir a posição de desejante (desejo do analista), portanto faltante, o analista oferece seu amor faltoso, não todo. “Aquilo que se tem para oferecer no amor é justo uma falta, o que se dá é aquilo que não se tem. Ama-se o outro por aquilo que ele não dá. O que é amado no objeto é aquilo que falta a ele - só se dá o que não se tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 153). Essa experiência de amor vivida na transferência, que não é da

ordem da reciprocidade e sim de um amor que *com(porta)* a falta, produz efeitos no sujeito, que pode advir como sujeito da falta, passando de desejado para desejante.

Como é que o *a*, objeto da identificação, é também o *a*, objeto do amor? Ele o é na medida em que arranca metaforicamente o amante, para empregar o termo medieval e tradicional, do status em que ele se apresenta, o de amável, eromenos, para transformá-lo em erastes, sujeito da falta, mediante o que ele se constitui propriamente no amor. É isso que lhe dá, se assim posso dizer, o instrumento do amor, uma vez que se ama, que se é amante - voltemos a isso - com aquilo que não se tem (Lacan, 1962-1963/2005, pp. 131/132).

Ao ocupar a posição do semblante, o analista se coloca como objeto da transferência, objeto que faz suplência, operando na única resposta possível para a pergunta sobre o enigma, a fantasia, com todos os seus fantasmas. Não se trata de expulsar os fantasmas, correndo o risco de retornarem com mais furor, mas dar voz a eles, convocá-los a falar, e ao sujeito a escutar. Escutar a palavra manifesta nos sonhos, atos falhos e sintomas que dizem do terror diante do desejo, que só assim pode ser manifesto. Escutar o erro, o equívoco, a mentira, a contradição da realidade. Uma relação na qual o estranho pode vir à tona, existir, ter lugar, onde é possível, inclusive, ver beleza no horror.

A experiência analítica consiste em desvelar, trazer à tona o desejo encoberto e assustador. Tornar consciente o que é inconsciente, obscuro e também familiar. Saber o que não se sabe que sabe, um saber como verdade que possibilita ao sujeito o conhecimento e a responsabilização pela verdade do seu desejo, manifesto pelo ato da palavra. Para Lacan (1953-1954/2009, p. 347) “Trata-se de ligar o sujeito às suas contradições, de fazê-lo assinar o que diz, e de engajar assim a sua palavra numa dialética”. A dialética do desejo. Dialectizar o desejo inconsciente que emerge, possibilita ao sujeito substituir e destituir as ideias conscientes, dando lugar a uma nova dimensão subjetiva, uma mudança de posição frente ao seu desejo.

É possível amar de (novo)? No fim das contas (lembrando da conta, da dívida do ideal de eu) todos querem ser amados e reconhecidos. Talvez por isso seja possível que haja a transferência como via de amor, um novo amor, ou amor novo, construído, que inclui o verbo “amar” como ação de dar o que não se tem. O amor como *signific(ação)* da falta, pois não é possível desejar o que já se tem. O objeto de desejo é aquilo que o sujeito “está despossuído, é desse tipo de coisa que ele tem desejo, bem como o amor” (Lacan, 1960-1961/1992, p.

139). Uma *reatualiz(ação)* inconsciente daquilo que falta, o objeto, mas que o mantém faltoso, e somente por faltar enquanto adequado é que o sujeito se põe a procurar.

Como é bom ter e ser casa, lar, refúgio e abrigo. Melhor ainda é poder *des(ser)*. É saber que outros lares podem ser construídos, uns como pouso, outros como morada, alguns passageiros, outros estruturantes. E que ainda assim, pode-se sempre retornar à primeira casa, (re)construí-la e (re)atualiza-la, na busca para tentar (re)editar aquilo que falta, o objeto, e desejar para além dele. O amor é saudade, porque depende da falta. Matar a saudade é preencher a falta e, assim, matar o amor. Que possamos amar na falta, seja na experiência analítica e, principalmente, fora dela, amores desejosos e desejos amáveis. O amor é uma experiência violenta e forte, então que seja violenta ao ponto de poder curar, mas não totalmente, pois há sempre restos que re(existem).

### **Fragmento clínico - Notas sobre o amor**

R. tem 14 anos. Vem dizendo a algumas sessões que está diferente, “tem sentido coisas”, “coisas estão acontecendo”. Tem falado sobre sua sexualidade, sobre ser mulher neste mundo, o que até pouco tempo era algo impensável, pois se referia a si própria com criança. Tem contado que cresceu, está crescendo, e como tem gostado dessas “sensações estranhas”. R. está em análise há 1 ano e seis meses. No início queixava-se de não sentir, não ter problemas, não sofrer com as coisas que suas colegas sofriam. R. é filha única, passou a vida tentando ser uma filha perfeita. Melhor aluna, esforçada, inteligente, nunca deu trabalho, nunca deu problemas, mas não conseguia dar e ser o que sua mãe mais queria, que ela fosse sua amiga, conversasse, que conversasse com ela. Esse foi o motivo que levou a mãe de R. a procurar tratamento para a filha, a filha não falava. Contraditoriamente, R. sempre tem muito pra dizer. Suas sessões são longas e ela parece decepcionada sempre que terminam. Diz que não tem com quem conversar sobre “essas coisas” pois as pessoas da sua idade são superficiais e vazias. Hoje ela não vai tão bem na escola, tem crises de choro e explosões de afeto. Acha que são os hormônios, dá risada de si e se diz muito adolescente. Está às voltas com as questões da feminilidade e com o encontro dos sexos. Aos poucos encontra os furos familiares, se permite amar e até odiar por vezes. Tem aprendido a recontar sua história, construindo um novo lugar para o “pai que a abandonou”, com o qual se identifica e se aproxima apesar do medo de ao amar o pai perder a mãe. Tem muitas coisas acontecendo em sua vida psíquica e tem trabalhado ativamente para tentar compreender tudo isso. Dia desses R. me falava sobre o amor. Dizia não fazer sentido estar apaixonada por alguém do qual não sabia nem o chocolate favorito. Ao dizer isso, ela pára e me olha no fundo dos olhos “Igual você, eu não sei nada, nada sobre você, não sei nem quem você é, do que você gosta e não entendo como é importante pra mim. Você fica aí calada com essa carinha, parece uma incógnita. É... você é uma incógnita total pra mim, e mesmo assim eu não paro de vir aqui. Sabe quando você contrata uma pessoa pra ajudar a organizar a casa? Pois é... Parece isso... Te contratei pra organizar minha casa e você trocou tudo de lugar, ficou uma bagunça. Eu tinha um sofá amarelo bem no meio da sala, e agora eu não sei o que fazer com esse vermelho que apareceu por aqui.”

## Momento de concluir

*O desejo no processo de luto passa pelo passe do desejo para outra forma, outro assunto, outra a-dor-lexência.*

*(Christian Dunker)*

### Sobre finaliz(ações)

Como terminar um texto, uma história, um amor, uma pesquisa? Quando e como se finda a adolescência? Fiquei pensando sobre as possíveis finalizações, nos fins possíveis e nos impossíveis e isso me remeteu às ações que comportam esses caminhos. Mais que uma possível chegada, dizem dos per(cursos) e processos que fazem parte desse caminhar, repletos de perdas e possíveis ganhos. Isso suscita novas perguntas. É tempo de concluir? Mas o que seria a conclusão de um processo? Seria seu fim? Ou uma abertura para novos e possíveis começos? Por que adiamos alguns fins? Por que insistimos em ocupar algumas posições? Seria uma tentativa de dilatar o tempo? Mas que tempo é esse? Do que se trata?

O tempo subjetivo dos processos é singular a cada pessoa, pois o tempo do sujeito do inconsciente é lógico e não cronológico. Não anda no *com(passo)* do relógio, seu ritmo é outro, é próprio. Lacan (1966a/1988) utiliza o tempo lógico para tratar dos tempos da análise, que não é mensurável, pois depende da passagem de um tempo para outro, como os tempos do sujeito. Do ponto de vista simbólico o processo de análise pode ser interminável, pois os significantes não cessam, mas, entretanto, não devemos estendê-lo em demasia.

Lacan fala que devemos ter pressa, não do fim, mas do acesso ao real, que demanda cortes e escanções. De acordo com Didier-Weill e Safouan (2009, p. 30) “A escansão, é pois, a introdução de um significante que tem o poder de levar a termo, à sua conclusão lógica, mais que cronológico, um diálogo que, sem isso, poderia durar indefinidamente: privilégio de todo diálogo de surdos”. Para os autores, o final da análise corresponde a um tempo lógico de transposição do supereu, que abre a porta da censura e expõe o sujeito ao devir. Um tempo no qual há o reconhecimento da estrutura temporal do sujeito do inconsciente, de forma a fazer ouvir a pulsão rítmica, encontrar a pulsão originária, pulsão viva, para além da fantasia, estabelecendo uma nova relação com o tempo.

O final da análise corresponde também a um luto. Assim como o final da adolescência, e o final da escrita de um texto. Fazemos luto de pessoas, de relações, de histórias vividas ou abortadas, dos lugares e posições ocupadas, do que reconhecemos como casa, abrigo. Também fazemos luto de palavras que se vão, que voam, que perdemos quando as parimos e que se tornam outra coisa, posto que já nasceram e tomaram vida própria. Luto não tem tempo certo, pois se trata de um processo que requer começo, meio e fim.

Esses tempos remetem ao estatuto da perda, já que “o inconsciente se produz enquanto perda, instaurando a própria dimensão da perda” (Lacan, 1964/2008, p. 32). Para começar um tempo, há de se deixar o outro. Aprender a perder, deixar-se part-ir, ca-ir, e continuar a ir. Uma v(ida) em direção a morte, das ilusões, de si, do que de si é perdido quando se perde e do que se perde do outro. O corte, a separação, a morte como realização simbólica, única possibilidade de vida.

Como já disse Freud (1915/1996, p. 309), “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”. Viver é aprender a morrer e morrer é aprender a viver, já que a morte é o único sentido da vida, que é nonsense, sem sentido. É a morte que, segundo Lacan (1966/1988), sustenta a existência. A morte sustenta a vida, que não está na chegada, mas acon(tece) no entre, no caminhar. Assim, o mesmo caminho que aprisiona pode ser a estrada que liberta, pois todo fim é um começo, e todo começo precipita de(novo) um fim.

O fio condutor dessa pesquisa foi o desejo, que segundo Lacan (1962-1963/2005) tem a função do luto como estrutura fundamental. Faço aqui uma aproximação entre desejo e luto para pensar a questão da temporalidade no processo da adolescência, no processo analítico e no processo da escrita. De acordo com Dunker (2023, p. 14):

Um luto termina quando a perda se integra em uma cadeia de lutos que o precedeu e o tornou possível. Assim como a análise que apresenta um tempo terminável e interminável, o luto também é uma experiência de conexão e desconexão entre separações, envolvendo reparações e transformações futuras e não apenas passadas.

O que se perde quando se ganha? E o que se ganha quando se perde? O trabalho de interpretação do próprio luto e da experiência subjetiva da perda possibilita o re(enlace) com o objeto perdido e o reposicionamento como desejante. Renovar a experiência com o desejo, com as perdas, com aquilo que se ganha quando se perde, com o que pode ser construído a partir do que falta (Dunker, 2023).

Pensando no processo da adolescência enquanto atravessamento psíquico em direção a uma subjetividade adulta há muito a se perder e muitos lutos a se fazer. Perde-se o corpo infantil, o lugar da criança, os pais idealizados, fantasias de segurança e onipotência. Ganha-se liberdade, mas também responsabilidade, autonomia, mas também solidão. Tudo isso pode ser mesmo assustador. Pôr-se no mundo, parir-se, agora de suas próprias entranhas, requer força e coragem para lidar com todo o sangue, suor e lágrimas.

Há de se fazer o luto do útero seguro e confortável (mas nem tanto), quentinho, mas cujo cheiro estranho e desagradável já se pode sentir com o tempo. Renunciar aos sentidos

que são dados, às verdades encobridoras e alienantes. Adentrar o não sentido, contendo todas as dúvidas e incertezas. Suportar o desequilíbrio, a falta de controle, o não saber. Lidar com o vazio que fica, angustiante, mas liberta(dor). Haja trabalho! Um trabalho constante. Terminável ou interminável? Não por acaso falamos em trabalho de análise, que é também trabalho de luto, processo de crescimento, que está para toda e qualquer idade.

Se o desejo, como apontou Freud (1900/1996), é a força capaz de colocar o aparelho psíquico em funcionamento, é pelo trabalho que o desejo pode se fazer conhecer. Vou me servir da fórmula física do trabalho ( $T=F \times d$ ) para demonstrar a mudança possível que o trabalho empreende. O trabalho analítico é um deles, como força de trabalho que produz potência. O papel da transferência na sustentação de processos pela via do amor, pelo amor de transferência, porque amor é trabalho, e sustentar o desejo dá trabalho.

A força de um novo amor que pela repetição e simbolização move o desejo. No encontro da pulsão com a fantasia, que cai para dar lugar ao amor. O amor aqui funciona como uma laço, um investimento libidinal da ordem da pulsão de vida, Eros, que ao agrupar as pulsões sexuais e de auto-preservação desloca a libido para a busca de novos objetos pulsionais, como possível recurso sublimatório. Há um investimento de energia psíquica e libidinal que provoca deslocamentos. Deslocamentos dos significantes que deslizam, dos significados que se abrem e transformam, produzindo assim deslocamentos discursivos no sentido do ideal.

Trabalho demanda tempo. Tempo para a construção e revelação de uma verdade subjetiva, a verdade do sujeito do inconsciente, a verdade do desejo. Esse tempo pode ser dialetizado, do *a priori* ao *só depois*. Como no mito grego em que Cronos, o senhor do tempo, que devora o tempo e seus filhos e é destronado por seu filho Zeus, com o raio da verdade. A verdade que inaugura outro tempo.

Me peguei em certa medida adiando o tempo da escrita, o fim da pesquisa e me perguntei o porquê disso? Seria uma forma de resistir a lógica capitalista de tempo e produtividade, aos discursos do Outro? Um modo de construir narcisicamente um tempo só meu, no qual eu tivesse algum controle, ainda que fosse a falta do mesmo? Ou dizia de uma resistência, de adiamento de um momento decisivo, de uma passagem, um passe que me autoriza e que me leva a um desconhecido?

O que nos diz a resistência na experiência analítica? Uma tentativa de re(existir) do mesmo modo, na mesma posição? Uma re(petição), um pedido que insiste? Mas o papel do analista não é abalar as resistências? E qual é o papel do escritor, do pesquisador senão fazer

aberturas, procurar, investigar, enlaçar e desenlaçar para poder tentar outros nós. Isso também me parece abalar as resistências.

A resistência como processo de defesa é necessária. Não se pode tirar as defesas da pessoa, sem que antes algo se estruture, faça borda. A resistência pode ser a viga que no momento sustenta a existência, por isso o analista não pode ter pressa. Já vimos que a transferência é da ordem da resistência, pois é a pura presença do inconsciente. O que fazer quando ainda se está sob transferência, identificado com o objeto idealizado, seja na figura do analista, no tema, no texto, ou no processo da adolescência. O que fazer quando a fantasia ainda não caiu? Isso me trouxe reflexões acerca do adiamento do fim da adolescência, do fim do luto, e do fim da análise.

Me lembrei do atendimento de um adolescente que dormia muito, perdia prazos, compromissos e até festas e amigos. Ele dormia, resistia, se detinha na alienação do sono, do sonho, de ser completo, adiava seu parto, abria mão da vida. Porque viver dá medo. É preciso, como diria Clarice Lispector (1964) um exercício de coragem, porque "Viver não é coragem, saber que se vive é coragem" (p. 24). Ele falava do quanto tinha medo. Medo de não se tornar o que gostaria ou deveria, quase como uma certeza antecipada do que viria pela frente.

Esse sujeito antecipava o fim, ou sequer começava. Era tudo ou nada. Já que não seria tudo, a imagem fixa antecipada de eu ideal detida no ideal de eu, também não seria nada, não desejaria nada. Havia a ambiguidade de um desconhecer ao se conhecer. Por isso evitava o ato da palavra, o enfrentamento da falta. Com isso evitava fazer o luto, o atravessamento, o encontro do real. Evitava perder e desistia de viver, escolhendo a morte simbólica ao se manter na alienação, abrindo mão das potências do advento do ser como *falasser*. Nada queria saber sobre sua verdade, a verdade inconsciente de seu desejo.

Mas qual a relação de tudo isso? De acordo com Dunker (2023, p. 198):

Tratamento analítico e tratamento de luto (*Trauerarbeit*) passam pela recordação, pela repetição e pela elaboração (*Durcharbeiten*), pelo enfrentamento dos modos de relação com a falta (frustração, privação e castração), pela mudança de posição na fantasia, terminando na separação do objeto e dissolução das identificações que comportam a transferência. Isso quer dizer que não há apenas relação de analogia, pois ambos se referem ao processo de perda, mas também uma equivalência de função entre luto e tratamento psicanalítico.

Nesse sentido, o trabalho de luto na adolescência, na análise e na escrita, não dizem respeito ao esquecimento, a super(ação), mas a rememoração, a per-labor-ação, a cri(ação) e a construção. Um movimento de retorno ao passado para acessar o futuro. Construir novas formas de ser e estar, um novo modo de se ver e se pôr no mundo. Um saber fazer com a falta engendrante, a partir da perda do objeto, que deixa o buraco com estruturas, limites e bordas, onde podem caber novos outros objetos. É do resto que se trata! Do que fica quando se subtrai da demanda a necessidade, e o resto que fica, sempre faltoso, o desejo.

Quando termina então o luto? A análise? A adolescência? E essa pesquisa? De acordo com Dunker (2023) o luto se torna interminável quando se torna patológico, quando é negado, interrompido, quando ele inicia uma repetição dentro de si mesmo, pela circularidade da culpa e da vergonha, com o recalçamento de algumas perdas com outras perdas. Isso estaria associado a quadros clínicos, como a melancolia e a depressão.

Da mesma forma, na adolescência, na análise e na escrita também pode haver a dilatação do tempo de compreender, adiando o momento de concluir. Pode-se inferir que se tratam de processos de atravessamento psíquicos que exigem a travessia de identificações. Desta forma, podem se tornar intermináveis por conter algo de não simbolizado, nas perdas que acontecem nas escolhas, às vezes forçadas. Escolher é perder em alguma medida, e mesmo a escolha de não escolher ainda assim é uma escolha com perdas. A perda remete à solidão do passe nas finalizações do luto em ambos os processos, pois afinal todos são lutos.

Qual seria então a solução para a problemática do desejo na adolescência? A adolescência é um dos muitos processos psíquicos pelos quais todos passam e, como todos, para dar lugar ao seguinte, ela precisa passar. Para que isso ocorra é necessário um passe no sentido etimológico e também psicanalítico do termo, como uma autorização concedida, que tem o poder de permitir não um fim, mas uma passagem para outro momento, outra (ida)de, outro tempo. Uma permissão que não vem de fora, mas da própria experiência do sujeito na temporalidade de seu processo. Nesse percurso a mudança é a única certeza, a verdade do desejo como uma aspiração e um movimento constante.

Retomo o tempo lógico lacaniano (Lacan, 1966a/1988) no qual a tensão temporal que se instala exige uma *des-tensão*. Para que o sujeito em sua asserção subjetiva atinja uma verdade que é posta à prova da dúvida, é preciso que haja antes a certeza do movimento lógico para a conclusão, uma lógica assertiva, um julgamento próprio que se manifesta em ato. Vê-se aqui que a objetividade escapa no tempo com seus limites tênues, entre o instante do início e a pressa do fim, a antecipação e a retroação.

Lacan (1966/1988, p. 80) afirma que “o sofisma só pode ser efetuado pelo sujeito que formou sua asserção sobre si, e não pode sem reserva lhe ser imputado por qualquer outro”, já que a pressa traz a certeza antecipada do ato, que finaliza. Aí está o caráter subjetivo, ou assertivo, pois o observador, no caso a família do adolescente, o analista ou o leitor desse texto tem um lugar indeterminado. Esse observador, entretanto, pode ter papel ativo em sua passividade, pois cumpre a função de reparação construída na relação, algo que do individual torna-se coletivo ao ser compartilhado na experiência.

O momento de concluir depende da conclusão do tempo para compreender. Tempo esse que pode ficar reduzido ao instante de olhar. Este pode incluir todo tempo necessário para compreender, na modulação temporal que se abre. A conclusão do processo não pode ser apressada a ponto da urgência baseada no medo do erro se tornar a motiv(ação) do fim. O medo do novo, como vimos, causa angústia e pode adiar os processos, mas a passagem do tempo de compreender para tempo de concluir pode variar, pois é singular a cada sujeito.

A angústia foi minha parceira em cada fase dos tempos da pesquisa. Entre o prazer da leitura e o gozo da escrita, tentava manter alguma coisa que por si só desvanecia, a causa do desejo. Estaria perdida? Eu também perdi prazos, adiei, resisti, me perdi, achei o que não procurava. Revisitei muitas casas, construí outras, duvidei, questionei, perdi certezas, morri um tanto para poder re(viver). Me senti desamparada, paralisada, cortada (castrada), vazia. O vazio cria(dor), necessário para a falta engendrar novamente o desejo.

Precisei vivenciar alguns lutos para concluir esse trabalho. O luto do lugar/casa que foi para mim o mestrado, a escrita, e tudo que me atravessou nesse tempo. O luto da minha própria adolescência, de quem eu era e quem estou me tornando, deixando cair as certezas antecipadas. Deu medo! Medo do que vem depois, de parir meu texto, expô-lo ao mundo, deixá-lo respirar por si só. Porque é isso que um texto escrito faz, cria vida própria. O entendimento e o sentido são dados por quem o lê, pois a escuta depende do ‘aparelho’ que ouve.

Libertar as palavras, independente do meio pelo qual isso se dá, está para além de fazer sentido, ser compreendido ou compreender algo. Ao contrário, é fazer buraco mesmo, daqueles que se cava para procurar, e só se procura porque não se tem. Assim como o adolescente que cresce, se torna adulto e vai viver sua própria vida, fazer suas escolhas, escrever sua história, fazer suas próprias marcas no tempo e no espaço.

Crescer se trata muito mais de fazer aberturas, abrir espaços entre as articul(ações), brechas, algumas estancadas a um custo muito alto, o custo da própria subjetividade. Tornar-se mais flexível. Possibilitar movimentos mais amplos e livres de tensões excessivas.

Aprender a utilizar a estrutura que tem e, quando não tem, aprender a construir outra. Alongar, expandir, sustentar algumas posições difíceis e respirar na dor. Mudar de posição, tentar outras formas, explorar. Escolher o passo, o compasso, encontrar o ritmo (pulsional) e a intensidade. Compreender seus pontos fracos e fortes, desprender-se do certo e do errado, do sentido único. Fazer poesia, fazer música, melodia, escrever história, traduzir-se. Fazer sua a linguagem aprendida, com seu tom, sua letra. Apropriar-se e criar jargões, brincar com as palavras, dar outra significação aos significantes.

Não imaginava que escrever sobre desejo e adolescência me exigiria (causaria) tanto crescimento. Para tanto foi necessário (re)visitar o labirinto do Minotauro, de onde eu ingenuamente acreditava já ter saído. Me perguntei diversas vezes o porquê dessa escolha e o que nisso poderia estar me travando. Não conseguia escrever. Me cobrava uma escrita de adulto, perfeita, acadêmica, sem correções. Lia, lia, e nada chegava no papel, não saía nada. As separações não paravam de acontecer, o buraco só aumentava, e eu resistia. Precisei me encher de coragem e mais uma vez escolher a falta, e apostar novamente.

Minha frágil organização adulta estava completamente desorganizada. Será mesmo que eu era adulta? Ou estaria só agora tentando concluir esse trabalho psíquico em que consiste a adolescência? Precisei me haver de(novo) com minha castração, e trilhar outro caminho, atravessando a minha angústia desejanste, ou o meu desejo angustiante de exercer alguma liberdade. Deste modo, é de dentro do meu próprio processo, da precipitação da minha subjetividade, possível em qualquer tempo e idade, que contextualizo as voltas que se fizeram na pesquisa. Os efeitos que se deram na minha escuta e no delineamento da minha investigação teórica.

Mas, como resolver a problemática do desejo no luto? Essa pergunta continuava me inquietando. Recebi uma “dica” cuidadosa e amorosa, que funcionou como um corte, uma escansão, mas também uma transmissão. Escutei como um passe, uma passagem para algo novo que mobilizou uma autorização interna. Pude então ter a asserção subjetiva da minha conclusão lógica. Chegara o momento de concluir, de me pôr no mundo e desejar mais, para além. Meu luto estava terminado, assim como minha pesquisa e quiçá minha adolescência.

Dentro das circunstâncias que se impunham construí novas narrativas para minha ficção, com minha verdade não toda, com minha escrita po-ética. Uma ética pautada no desejo de que a transmissão da psicanálise acon(teça) através da minha experiência, do meu ato. O ato de autorizar-me por minhas palavras, por meus furos, pelos restos desejosos que ficaram para um por(vir), num só depois, à saber...

É hora de concluir! Então vamos às conclusões...



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se embrenhou em compreender como se dá a assunção do desejo na adolescência, a partir da clínica com adolescentes, de forma a tentar responder qual a relação existente com o processo identificatório. Os resultados encontrados passam pelas questões levantadas e servem como possíveis caminhos nessa travessia.

Quanto ao primeiro objetivo proposto, a contextualização da adolescência como fenômeno da Modernidade, a pesquisa mostrou que o ideal cultural presente na concepção desse fenômeno contemporâneo tornou-se um sintoma social assimilado por muitos sujeitos de diferentes idades. Foram encontrados três fatores que dificultam a importante transmissão que estrutura esse processo enquanto operação psíquica. São eles: A falta de modelos identificatórios consistentes sobre o que é ser adulto, já que a juventude é almejada por todos independente da idade; a falta de demarcações simbólicas presentes na cultura, que servem como passe, de forma a autorizar essa passagem; e o discurso social alienante, baseado em um ideal de completude e satisfação plena, na qual não há espaço para a falta, e conseqüentemente para o desejo.

Deste modo, o sujeito fica imerso no mal estar produzido pelos laços sociais, efeito da cultura como resposta às demandas sociais próprias de seu tempo. Destaco aqui dois aspectos importantes: o discurso do Outro e o discurso social. Aproximar o campo individual ao social permite articular os fenômenos clínicos com as práticas sociais próprias do contexto do tempo. Considerar os laços sociais como laço discursivo infere a influência mútua entre indivíduo e sociedade observada nos efeitos do atravessamento dos discursos e suas implicações no campo do desejo.

Considerou-se o fenômeno histórico e social da adolescência a partir da aquisição da organização e estruturação psíquica pelo viés das dinâmicas de identificação presentes no laço social. A identificação como o primeiro laço libidinal e via de estruturação para a escolha de objeto, se apresentou como importante movimento no processo da adolescência. Uma potencial mudança de tempo na dialética edipiana, da passagem do ser ao ter o falo, como significante da falta e, portanto, do desejo. Momento constitutivo que interfere diretamente na organização psíquica e na precipitação da subjetividade desejan-te.

Conclui-se que a identificação, assim como o desejo, ficam submetidos à influência e aos efeitos da relação com o Outro, ao discurso e desejo do Outro, à história e suas marcas. Elementos recebidos e apropriados pelo sujeito através do grupo e da cultura, pela ordem simbólica, advinda da linguagem. Tais aspectos foram entendidos como causa e também

como saída possível para identificações patológicas e como forma de emancipação. O acesso ao desejo na adolescência através da abertura para novas identificações, permite o abandono dos alguns modos de dominação, para a construção de um fazer próprio do sujeito, o sujeito de desejo.

Outro resultado encontrado na busca de respostas para a problemática do desejo na adolescência se pautou na afirmação lacaniana de que a saída para o desejo está no narcisismo, como via de solução. O narcisismo funcionaria dessa forma como suporte ao sujeito, na forma de regulação do imaginário, pelas trocas simbólicas com o outro semelhante pela identificação. A adequação do imaginário e do real corrobora para a reestruturação do ideal de eu, apresentando para o sujeito a possibilidades de deslizamentos das cadeias significantes.

Ao adentrar no terceiro e último objetivo, acerca das contribuições das considerações sobre o desejo na psicanálise para a clínica com adolescentes, a pesquisa demonstrou que o desejo é estruturante e norteador da clínica, por ser a verdade fundamental e única da psicanálise, a verdade do desejo. Ao enlaçar conceitos fundamentais como o inconsciente, o sujeito, o narcisismo, a castração, o recalque, a identificação e o sintoma, o desejo se faz presente nos aspectos concernentes às demandas e fenômenos psíquicos que se apresentam na prática clínica. Nesse contexto, compete ao ato analítico e ao discurso psicanalítico a transmissão da experiência em torno da falta necessária para o desejo.

O fenômeno da transferência no processo analítico apresentou-se como possível caminho para a assunção do desejo na adolescência ao operar nos três registros, no simbólico pela via da palavra, no real pelo furo no discurso e no imaginário pela identificação. A transferência como espaço de construção e precipitação de subjetividade propicia simbolização, mudança no sentido e nos discursos e a travessia no plano das identificações. A atualização de conteúdos inconscientes funciona como um novo laço, um novo amor, que tem em sua base a transmissão da falta, a falta de saber e a falta de objeto para o desejo.

Laço estruturante que só pode ser finalizado, sentido e vivido na experiência, construído tijolo (palavra) por tijolo (palavra), se fazendo casa. Permite o possível retorno à casa antiga, aos significantes vindos do Outro, aos discursos e ao circuito pulsional, pelo movimento sincrônico e diacrônico do enunciado e da enunciação. Lugar da fala, da palavra ato, que a partir dos ditos constrói um dizer, uma palavra verdadeira, uma verdade, a verdade do desejo, na qual a fantasia fundamental se torna pulsão.

A busca pelo desejo foi considerada um movimento incessante que passa pelo circuito da demanda do Outro e diz da posição do sujeito na estruturação imaginária,

encontrando saída no plano simbólico pela palavra. A palavra que convoca, que faz ato, que liga. Esta permite identificar o sujeito, o outro enquanto falante, o ideal de eu, como ponto axial na identificação presente no fenômeno da transferência.

O analista cumpre, assim, a função de Outro social. Pela relativização e diferenciação do objeto *a* contribui para a reestruturação do ideal de eu, como apoio para que o sujeito possa construir um nome, um lugar, outros nomes do pai, outras identificações. A função (ocupação) do analista na direção do tratamento, no lugar de objeto *a*, como causa, dá passagem, passe, abertura para que o sujeito do inconsciente, o sujeito de desejo, possa emergir.

Uma passagem possível pela via do amor, o amor de transferência, que torna-se fundamental e estruturante para o atravessamento dos tempos dos processos, para a articulação e recondução do desejo. Como na música de Almir Sater “é preciso amor para pulsar”. Um amor possível e sem limites, porque de saída já comporta a falta em sua transmissão e aponta para os limites e os deslimites do amor e do desejo.

Por último pode-se concluir que o tempo lógico dos processos, contingente e transindividual, na operação psíquica da adolescência assim como no processo analítico, nos aspectos que ambos suscitam o acesso ao desejo tem o luto como estrutura fundamental. Trata-se de trabalho que exige retroação. O encontro do real como re-petição, retorno a causa inconsciente da ordem da perda do objeto, para a travessia da angústia, das identificações e dos fantasmas. A lida com a castração, com o desamparo, para a necessária simbolização e abertura para o novo, o vazio criador, por onde o desejo pode se acomodar. Mais importante que a velocidade, ou a chegada é o percurso. Mais importante que reconhecer e alcançar o desejo é mantê-lo vivo, sempre em movimento, como resto a concluir, pois “O resto é sempre, no destino humano, fecundo” (Lacan, 1964, p. 134).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, S. (2010) *O adolescente e o Outro*. (3 ed) Rio de Janeiro: Zahar
- Adorno, T. W. (1951). *Mínima moralía*. Tradução: Artur Morão. Edições 70 LDA, Lisboa Portugal.
- Alves, S. L. (2001) Neurociências e psicanálise. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Quinet, Antônio. *Psicanálise e Psiquiatria: controvérsia e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Ariés, P. (1984) *História social da criança e da família*. 3ed. Rio de Janeiro: LTC
- Barros, M. (1998) *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record.
- \_\_\_\_\_. (2015) *Meu quintal é o maior do mundo: Antologia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Burgarelli, C. (2017) *Padecer do significante: a questão do sujeito*. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Cristóvão Giovani Burgarelli. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Cabas, A. G. (2010) *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Calligaris, C. (2000) *A adolescência*. (Coleção Folha Explica). São Paulo: Publifolha.
- Camus, A. (1941) *O mito de Sísifo*. Ed. Record; 26ª edição, 2018.
- Carroll, Lewis. (1865) *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Thereza Christina Rocque da Motta. Versão digital. Faro editora, 2023.
- Costa, T. (2010) *Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Coutinho Jorge. M. A. (2005) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar.
- Dor, J. (1989) *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Didier-Weill, A. & Safouan, M. (2009) *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Diniz, M. & Santos, E. H. (2016) *A pesquisa e sua escrita: questão de estilo e autoria*. In: Trabalho & Educação, v.25, n.1, p. 235-248, Belo Horizonte: UFMG. (Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9483> Acesso em 10/03/2023)
- Dunker, C. (2018) *Lógica e ética da supervisão: a construção do caso clínico*. In *Supervisão: a formação na psicologia e na psicanálise*. São Paulo: Zagodoni.
- Dunker, C. (2023) *Lutos finitos e infinitos*. 1ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil.

Elia, L. (2010) *O conceito de sujeito*. Col. Psicanálise Passo-a-passo. 3 Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Erickson, E. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Fanon, F. (2008) *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. SciELO - EDUFBA.

Ferreira, T. & Vorcaro, A. (2018) *Pesquisa e psicanálise : do campo à escrita*. Tânia Ferreira, Angela Vorcaro (orgs.). 1.ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Figueiredo, A. C. (2004) *A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental*. Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental, Vol 7 n.1, p. 75-85. (Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/v9qDvJVvYY4tHQPDJtC9FgH/abstract/?lang=pt> Acesso em 15/10/2023)

Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). *Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo*. Jornal de Psicanálise, 39(70), 257-278. (Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-58352006000100017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352006000100017) Acesso em 20/11/2023)

Figueiredo, L. C. M. & Santi, P. L. R. (2008) *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência* Pedro Luiz Ribeiro de Santi. - 3 ed. - São Paulo: EDUC.

Flesher, A. (2012) *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica: Terezinha Costa. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1893-1895). *Estudos sobre a Histeria*. Obras Completas v. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. (1900) *A interpretação dos sonhos*. (J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1912) *A dinâmica da transferência*. (J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1913). *Totem e tabu* (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.1996.

\_\_\_\_\_. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard

- Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1915) *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1919). *O estranho*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1917 [1915]) *Luto e Melancolia*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego* (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). *O ego e o id* (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- \_\_\_\_\_. (1924) A dissolução do complexo de Édipo . In: FREUD, S. Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1930[1929]) *O mal-estar na civilização* (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1940 [1938]) *A divisão do ego no processo de defesa*. (J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1969) *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- Garcia-Roza, L. A. (2001) O sujeito e o eu. In: *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2002) A interpretação do sonho, 1900. In: *Introdução à metapsicologia freudiana*; v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Guimarães Rosa, J. (1994) *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- Ianinni, O. (2000) *Enigmas da Modernidade mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Japiassu, H. (1981) *Questões Epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lévi-Strauss, C. (2003) *Antropologia estrutural* (3a ed.). Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- Lispector, C. (1964) *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lacan, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. (1953-1954) *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (B. Milan, trad.) 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

- \_\_\_\_\_. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. (1957-1958) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1958-1959) *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2016.
- \_\_\_\_\_. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: A ética da Psicanálise* (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1960-1961) *O Seminário, livro 8: A transferência* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: A Angústia* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- \_\_\_\_\_. (1964) *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1966a) Seminário sobre *A carta roubada*. In: *Escritos*. São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1988.
- \_\_\_\_\_. (1966a) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1988.
- \_\_\_\_\_. (1966a) A significação do falo. In *Escritos*. São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1988.
- \_\_\_\_\_. (1966a) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1988.
- \_\_\_\_\_. (1966b) O estádio do espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1966b) A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1969-1970) *O seminário livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1974-1975). *O seminário. livro 22: R.S.I.* Inédito.
- Leite, M. P. S. (2002) *Psicanálise, Sujeito e Psiquiatria: “O (im)Possível diálogo - Psicanálise e Psiquiatria”*, In: \_\_\_\_\_. (Org.) Violante, Maria Lúcia, Via Lettera Editora.
- Mezan, R. (1950) *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- Oliveira Neto, P. A. G. (2019) *Pressupostos Epistemológicos da Psicologia*. Fragmentos de Cultura, v. 28, p. 104-117.
- Outeiral, J. (2012) *Atendimento psicanalítico de adolescentes*. São Paulo: Zagodoni.

- Poster, M. (1979) *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rassial, J. (1999) *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- Rosa, M. D. (2016) *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Roudinesco, E. (1944) *A análise e o arquivo*. Tradução: André Telles. Revisão Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Roudinesco, E. (2019) *Dicionário amoroso da psicanálise*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, W. (2017) *Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política*. Revista: Estudos avançados. 31 (91).
- Santos, A. J. (2021) *Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências*. Goiânia: Cegraf UFG.
- Santos, A. J., Paes, P. C. & Oliveira, R. (2022) *Reflexões sobre transgressões na adolescência e socioeducação*. (orgs) Altair José dos Santos, Paulo César Duarte Paes, Rúbia de Cássia Oliveira. Goiânia: Cegraf UFG.
- Severino, A. J.(2007). *Metodologia do trabalho científico*. (23a ed.).São Paulo: Cortez.
- Silva, A. J. (2016) *O Labirinto de Creta*. Apresentação, comentários e notas de Kenia Maria de Almeida Pereira. Uberlândia: Edibrás, 2016.
- Soler, Colette (1937). *Um outro Narciso*. São Paulo: Aller, 2021. Alves, S. L. (2001)
- Taperman, D., Garrafa, T. & Iaconelli, V. (2023) *Parentalidade*. (Coleção Parentalidade & Psicanálise; 1) (organizadoras). 1 ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica.
- Vivés, J. (2009) *O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional*. Tradução de Robson Dutra. O Marrare - Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERG, número 11. (Disponível em: [www.omarrare.uerj.br/numero11/robson.html](http://www.omarrare.uerj.br/numero11/robson.html) Acesso em 20/11/2023).
- Zizek, S. (2017) “*A Política de Alienação e Separação: de Hegel a Marx... e de Volta*”. *Crise e Crítica*. volume I, número 1. (Disponível em: <http://criseecritica.org/> Acesso em 01/03/2023).